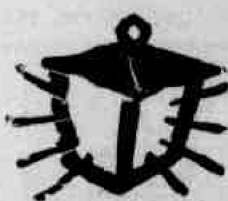


TRIBUNA DA IMPRENSA



ANO VI — N. 1.360 — UM JORNAL QUE DIZ O QUE PENSA PORQUE PENSA O QUE DIZ — Diretor: CARLOS LACERDA — Quinta-Feira, 17 de Junho de 1954

ZEZÉ: "APENAS COMEÇAMOS. SÁBADO TEM MAIS" (Pág. 6 Cad. 2)

ASSIM COMEÇOU A GOLEADA

O mais difícil foi o começo. Depois tudo foi fácil – Baltazar abriu e Julinho (com um "goal" de gala) encerrou os 5 x 0 – Os dirigentes já começam a traçar planos para o dia da consagração – Djalma Santos na defesa e Pinga no ataque, os melhores – É o que manda nos dizer Lucio Guimarães, nosso enviado especial



Este foi o começo da primeira vitória da seleção brasileira na V Copa do Mundo, ontem, em Genebra. Neste exato momento, Baltazar, depois de várias oportunidades desperdiçadas pelo nervosismo dos atacantes brasileiros, deu início a goleada (5 x 0) espetacular. O jogo estava com 23 minutos, em seu primeiro tempo, quando Pinga descobriu o chefe do ataque brasileiro livre de marcação, entregando-lhe a bola que entraria no canto esquerdo do goleiro Motta. Esta radiofoto tornou-se possível graças aos verdadeiros prodígios realizados pela equipe da "Radiobrás" e da "United Press". Chegou ao Rio precisamente as 23 horas de ontem



O TRAFEGO parou na avenida Rio Branco durante tôda a transmissão do jogo Brasil x México, na Suiça. Cada gol brasileiro foi festejado com gritos e foguetões. Tôda a cidade parou para ouvir a vitória da sua seleção. (Leia reportagem na página 6 dêste caderno)

SÓ O VELHO BONDE NÃO PAROU PARA OUVIR O JÔGO

(Legendas de Cavaca)



EXCEÇÃO dos velhos bondes da Light (decididamente vazios naquela hora), tôda a cidade parou ontem, durante noventa minutos, para acompanhar a partida Brasil x México. Onde houvesse um rádio ou um alto-falante havia gente agrupada. Havia também guichês fechados. O Rio todo era Brasil e México. Até no Presídio havia rádio gritando Baltazar. Os detentos tiveram uma tarde fora da rotina. Torceram a valer pela vitória e pelo campeonato do mundo e um possível indulto coletivo como consequência.



NOS hospitais as enfermarias estavam mais alegres. Dores foram esquecidas, sofrimentos foram superados pelo entusiasmo da partida e pela emoção da estréia. Rádio e doentes (ontem mais parados ainda) escutando nomes de ídolos distantes. Futebol na enfermaria com ares de psicoterapia. Um doente chegou mesmo a dizer: — "Olha moço, meu caso não é penicilina nem estreptomicina, nem onda curta, nem raio X; meu caso é fácil, moço. É "Goal de Baltazar!"



NOS pontos de automóvel, cada carro tinha cêrca de trinta radiouvintes. O mais difícil era arranjar passageiro (êsse se houvesse, que procurasse o velho bonde da Light). Depois, quem se atreveria a tomar um carro, deixando sem rádio vinte irmãos na mesma causa? Quem seria passageiro naquele momento quando tudo estava parado e era Brasil x México? Passageiro, se houvesse, estaria decididamente no velho bonde da Light.



NAS barbearias o movimento era pequeno. Só havia mesmo fregueses que chegaram antes do início do jôgo. Pasmem, mas o fígaro não queria conversa. Não queria conversa nem fregueses. De vez em quando sussurrava um "Quase!" conjugado com mais um corte no rosto do freguês. Era um "quase" que nada tinha a ver com o corte (êste já estava dado) mas com o chute que Baltazar desperdiçou, conforme anunciava o rádio, ao lado da barbearia. O freguês pediu para apressar a barba. Era uma exceção. Não gostava de futebol e queria aproveitar a grande chance de viajar sentado no velho bonde da Light que não parou para ouvir Brasil x México.

CASO DOS CARIMBOS: A CEXIM ERA UM BARRIL DE PÓLVORA (Pág. 2)

APROVADA A AUTONOMIA DO DISTRITO (Pág. 3)

"IMPEACHMENT": TRAIÇÃO DE DEZENAS DE UDENISTAS

Seis deputados da UDN votaram a favor do presidente da República — Outros 40 udenistas não compareceram para votar — Muitos estavam escondidos nos corredores — Consequência: 136 x 35 — Detalhes da votação — Ligeiros incidentes — Discurso de Capanema — Decepcionados os líderes oposicionistas — Declarações de Arinos — (Reportagem de MURILO MELO FILHO, na pág. 3)



CAPANEMA — *Foi veemente na defesa do govêrno. Estava tranquilo quanto aos resultados da votação. Tinha os traidores da UDN a seu lado.*



PLENARIO AGITADO — *A Câmara estêve com o seu plenário agitado durante a votação do "impeachment". Os deputados aglomeravam-se na frente das bancadas, acompanhando a marcha dos votos.*

AMANHÃ, BATALHA LÓDI-LUTERO

Capanema cabala — Convocação de Rão e Tancredo

SERA amanhã, na Câmara, a votação da licença pedida pelo juiz da 8.ª Vara Criminal para processar os deputados Lutero Vargas e Euvaldo Lodi.

O pedido fundamenta-se no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito que sugeriu à Justiça o processamento dos dois parlamentares, como incursos em vários crimes.

RESOLVER A PARADA

A Comissão de Justiça, por contagens de 18x7 e 16x9, opinou contràriamente à licença.

No plenário, amanhã, depois de 25 dias de protelações, será a matéria votada em decisão única e final. O deputado Gustavo Capanema está disposto a fazer tudo para subtrair os dois deputados da maioria à ação judicial. Realiza, desde ontem, um intenso trabalho de articulação com os deputados da maioria.

"Resolverei a parada, hoje, de qualquer mâneira" — disse-nos.

TAMBEM RAO E TANCREDO

E possível que se votem amanhã, também os requerimentos dos deputados Bilac Pinto e Armando Falcão, que convocam os ministros Vicente Rao (caso Vargas-Peron) e Tancredo Neves (acusações à oposição).

DROGARIA DA LAPA LTDA.
Entrega a domicílio, compras superiores a Cr$ 100,00. Lgo. da Lapa 32. Tel. 42-0330
Aberta até 9 horas da noite

MÉDICOS: APROVAÇÃO ATÉ 4.ª-FEIRA

TRINTA E CINCO EMENDAS REJEITADAS

O SENADOR Hamilton Nogueira manifestou, ontem, à TRIBUNA DA IMPRENSA, a esperança de que o projeto dos médicos seja aprovado em plenário até quarta-feira, no máximo.

Ontem, êle encaminhou à Mesa do Senado um requerimento de urgência para o projeto, que deverá constar da ordem do dia já na segunda-feira.

Também ontem a Comissão de Finanças examinou 50 das emendas apresentadas ao projeto. Foram rejeitadas 35. A apreciação das emendas será concluída amanhã.

Prezado leitor:

POR absoluta falta de espaço, deixamos de dar ontem e hoje a "Tribuna Religiosa", em sua nova fase, completamente remodelada.

Contamos começar amanhã, sem falta, a sua publicação.

O REDATOR DE PLANTÃO

Vozes da Cidade

PARA facilitar a eleição do deputado federal Jorge Lacerda, o governador Irineu Bornhauser afastou daquela chapa os srs. Plácido Olímpio e Artur Muller.

NOMEADO presidente da Caixa Econômica, Dinarte Dorneles provàvelmente fechará o seu escritório de advocacia, situado e instalado num prédio do Instituto dos Bancários, na rua México.

OS jornais do dia 16 publicam um convite dos funcionários do IAPC para a missa de 7.º dia do dr. Rodrigo Barjas Filho, presidente daquele Instituto. Na verdade, quem faleceu foi seu pai, Rodrigo Barjas.

O DEPUTADO comunista Roberto Morena dizia, ontem, ao deputado Lauro Lopes, ao vê-lo fumando um charuto: "Êsse foi Getúlio que lhe mandou como prêmio do seu voto no impeachment".

JOSÉ DO RIO


O "BAR-MAN"
"Luís Eduardo não pagou o uísque que tomou"

Café Fino?
D'ORVILLIERS
PRODUTO PALHETA
TEL. 48-6299

Crime do Castiçal:

Luiz Eduardo reconhecido pelos empregados da "boite"

Tomou um uísque e não pagou — Brincava com o copo antes de ir à mesa de sua vítima — Os depoentes: 'bar-man', cantor e gerente — Doris Monteiro não vai depor — Novo exame nas impressões palmares — Luiz Eduardo deu mais de duas pancadas no advogado — Terá direito a prisão especial

"POSSO afirmar que Luís Eduardo — autor confesso do crime do castiçal — estêve na "boite" na noite do crime, acompanhado do advogado Wilson Assis Pereira. Lembro-me que êle não pagou o uísque que bebeu no balcão, antes de se sentar com o advogado e mais dois rapazes" — declarou, ontem, no 3.º Distrito, o "barman" do "Bacarat", André Alhanati, também conhecido por "Jimmy".

O cantor Serge Gustave Jean Rodolfo e o sócio-gerente Luigi Garuzi, da "boite", também prestaram depoimento, afirmando ter visto Luís


O CRIMINOSO
Terá direito a prisão especial

Eduardo com sua vítima, bebendo, momentos antes do crime.

Esclareceram ainda que o rapaz, além de "esquecer" o uísque, brincava muito com o advogado, jogando seu copo de um lado para outro.

"HABITUÉE"

Os três depoentes confirmaram que o advogado Wilson era "habituée" da casa em que trabalham. Por outro lado, nenhum dêles se recorda de ter visto antes, frequentando a "boite" o jovem Luís Eduardo, apesar de ali trabalharem desde a inauguração, há cêrca de três meses.

A CANTORA, NÃO

Sabe-se, agora, que a cantora Doris Monteiro não trabalhou na "boite" na noite do crime. Assim, seu depoimento, que estava sendo esperado, não será mais tomado pelo delegado Gilberto Paiva Lacerda, do 3.º Distrito.

Os peritos do Gabinete de Exames Periciais já concluiram os exames datiloscópicos das impressões encontradas no castiçal de bronze, utilizado para o crime. Foram en-


O GERENTE
Também viu o criminoso bebendo com o advogado

contradas as impressões do criminoso e da mulher da vítima, d. Cecília Paes Leme Pereira, que inadvertidamente e na ânsia de socorrer seu marido, caído sôbre a cama, segurou o castiçal para colocá-lo sôbre um móvel.

A perícia já está certa de que as impressões de d. Cecília não a incriminam. Da maneira em que foram encontradas, não deixam margem a se supor que ela tivesse fôrça ou mesmo jeito para a agressão.

Acompanhado do perito Cosme Sá Antunes, o criminoso compareceu ontem ao Distrito e dali foi ao GEP para retirar novas impressões palmares da mão esquerda e confrontá-las, mais uma vez, com as encontradas no castiçal.

AS PANCADAS

Já agora, a polícia acredita que Luís Eduardo esteja mentindo quando declara que desferiu apenas uma pancada na cabeça do advogado. A perícia revelou que o castiçal foi usado mais de duas vêzes.

A versão do criminoso visa a evitar que fique caracterizado o "requinte de perversidade" com que êle teria praticado o crime.

PRISÃO ESPECIAL

Hoje, à tarde, o delegado Gilberto Paiva Lacerda ouvirá, em cartório, um garçon do "Bacarat", que também teria visto Luís Eduardo na "boite", na noite do crime.

Luís Eduardo é aspirante da reserva do Exército, tendo terminado recentemente o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Assim, logo que seja pedida e decretada sua prisão preventiva, será encaminhado à prisão especial, possivelmente um quartel da Polícia Militar ou do próprio CPOR.

Caso dos Carimbos:

"A CEXIM ERA UM BARRIL DE PÓLVORA"

As declarações (sigilosas) do funcionário Paulo Lion, na polícia — Acusações mútuas e nenhum esclarecimento — O que disse José Padilha após cinco dias desaparecido — A fuga de avião para o Ceará e a ameaça de morte — As buscas nos escritórios — Os "Cadillacs" que José Padilha teria importado

DEPOIS de quase 20 horas de interrogatório, foi pôsto em liberdade pela polícia (Delegacia de Roubos e Defraudações), o funcionário do Banco do Brasil, Paulo Lion, que foi prêso próximo de sua casa, na noite de têrça-feira, acusado por José da Rocha Padilha, como principal personagem nas falsificações de licenças de importação da CEXIM (caso dos carimbos).

DESAPARECIDO

José da Rocha Padilha, fôra acusado por Olímpia Augusta Rodrigues dos Santos (22 anos, solteira, portuguêsa, estudante da Faculdade Nacional de Filosofia, da avenida Ernani Cardoso 85, em Cascadura), secretária do bancário Paulo Manoel Lion, com escritório na rua México 70, 6.º andar (negócios de compra e venda de automóveis).

Padilha depois de permanecer cinco dias desaparecido, resolveu se apresentar à polícia, acompanhado de dois advogados, na terça-feira, a fim de prestar depoimento.

Disse que ficou devendo a Lion cêrca de Cr$ 1.400 mil, como pagamento de sua comissão pelas licenças conseguidas (Cr$ 20 por cada dolar).


PAULO LION
Assinando o depoimento "sigiloso" que prestou

A estudante Olímpia Augusta Rodrigues dos Santos era a intermediária dos "negócios". Mantinha constantes encontros com Lion, no seu escritório, na rua e muitas vêzes, no próprio Banco do Brasil. A falsificação de carimbos era conhecida por Lion, que para isso dava instruções a ela.

FUGA

Padilha afirmou ainda que, após o estouro das falsificações, fôra procurado por Lion, que lhe ofereceu fuga: um avião fretado especialmente para levá-lo para o Ceará. Dava-lhe dinheiro e advogado (Celso Nascimento). Entretanto teria que ficar calado e negar tudo, para não complicar a situação de altos funcionários da antiga CEXIM, que estariam envolvidos nas falsificações de licenças.

Caso recusasse a oferta poderia aparecer morto de uma hora para outra. Padilha prometeu aceitar tudo e depois fugiu para poder se apresentar à polícia e denunciar a falcatrua.

TUDO QUEIMADO

José Padilha afirmou que Lion sabe do nome de dezenas de funcionários de alta categoria, ao tempo do sr. Coriolano de Góes, na CEXIM, que faziam parte das negociatas. Êle era apenas um instrumento da "quadrilha". Êsses funcionários (por trás das cortinas) auxiliavam Lion.

Acrescentou: "Lion me disse, tranquilizando-me: Padilha, "aguenta a mão" que o pessoal da CEXIM já queimou tudo. Os documentos estão destruidos. Agora é você se entregar ao dr. Celso Nascimento e pronto: está tudo acabado!".

NAO SABIA "VIVER"

Paulo Manoel Lion, funcionário do Banco do Brasil há mais de 10 anos, prestando depoimento sigiloso, ontem, na polícia, negou tôdas as acusações feitas por Padilha. Disse que conhecera o seu acusador há dois meses. Trabalhou na CEXIM, quando o sr. Coriolano de Góes era diretor. Entretanto, foi transferido para à Carteira de Redesconto, por ser prestativo, auxiliando todo mundo desinteressadamente.

BARRIL DE PÓLVORA

Disse, ainda:

"CEXIM — Aquilo, seu delegado, era um barril de pólvora! Todos me diziam, quando eu trabalhei lá com o dr. Coriolano: Lion, isto aqui é um barril de pólvora que poderá explodir a qualquer hora".

Lion recusou-se a fornecer à polícia o nome dos altos funcionários que José Padilha disse serem seus comparsas. A polícia que investigue.

Negou a destruição dos documentos. O delegado Mário Lucena perguntou-lhe onde estavam os originais da cópia fotostática, com que José Padilha havia mandado fazer os novos carimbos com as assinaturas dos funcionários do Banco. Respondeu: "Não sei. Só o pessoal de Padilha poderá saber".

Afirmou que Olímpia Augusta dos Santos é sua secretária, moça muito direita e noiva de um funcionário do Banco do Brasil. Também não acredita que ela tenha relações amorosas com Padilha. "Ela é excessivamente ingênua".

BUSCAS NOS ESCRITÓRIOS

A polícia, dando uma busca no escritório de Padilha, na avenida Presidente Vargas, 446, apreendeu documentos e farto material timbrado do Banco do Brasil. Também, ontem à tarde, foi ao escritório de Lion, (rua México) mas ali nada encontrou que pudesse servir para novas pistas.

SURPRÊSA

Numa diligência feita pela polícia na antiga CEXIM, na segunda-feira (primeira hora do expediente) voltaram a ver o processo, objeto de investigações sôbre importação de máquinas de costura, documento que originou a falsificação dos carimbos e outros que já haviam examinado na sexta-feira e observou que a prova principal, (um documento com assinaturas falsificadas) desaparecera. Diretores e funcionários ficaram surprêsos.

Apurou ainda a polícia, que existem cinco "Cadillacs" abandonados no Cáis do Pôrto e que deverão ser vendidos em leilão. Possivelmente foram importados por Padilha. Os "donos" não aparecem para recebê-los, certamente com mêdo de serem denunciados pela "quadrilha".

SIGILO

Todos os depoimentos até agora prestados no "caso dos carimbos" têm sido sigilosos. O delegado Mário Lucena teme que a publicidade prejudique seus trabalhos, que envolvem altos funcionários do Banco do Brasil.

acontece todo dia

Motoristas punidos: excesso de velocidade

OITO motoristas profissionais foram punidos pelo diretor do Serviço de Trânsito por dirigirem em excesso de velocidade.

Por 6 meses foram cassadas as carteiras de Edvaldo dos Santos, José Martins de Oliveira, João Bertholdo de Oliveira, Manoel Martins Peçanha e Noé de Castro.

Walter Corrêa Dias e Paulo Francisco Dutra tiveram suas carteiras cassadas por 5 meses, e José Vieira Dantas por 2 meses.

Aviso à navegação aérea

A DIRETORIA de Rotas Aéreas, presta à navegação aérea, as seguintes informações:

Belo Horizonte: Luzes de obstáculo restabelecidas;

Itajay: Biruta restabelecida;

Manaus: Rádio Manáus, frequência 4220 quilociclos, restabelecida.

Atropelamento no Estácio

POR um auto não identificado, foi atropelado, ontem à tarde, em frente ao n.º 125 da rua Estácio de Sá, o operário Alvino de Oliveira, de 73 anos, casado, da rua Aarão Reis, 38, em Santa Teresa.

Com fratura da perna esquerda, Alvino foi internado no Pronto Socorro, sendo o fato comunicado ao 14.º Distrito.

Pimentel

AS Casas Pimentel S/A. Comércio e Indústria elegeram o seguinte conselho fiscal: Ernesto Isnard, Francisco Ernesto Isnard e Moacyr Araújo de Carvalho.

Ciúmes: causa agressão

POR motivo de ciúme, o operário Milton Soares, de 31 anos, solteiro, da rua Um, barracão sem número, na estrada da Gávea, agrediu a socos e pontapés ontem à tarde, sua amante Alaide Bezerra de Almeida, de 25 anos, solteira. A agressão ocorreu no interior do barracão.

Com fratura dos ossos do nariz e contusões generalizadas Alaide foi internada no Hospital Miguel Couto. O agressor, prêso em flagrante, foi conduzido ao 1.º distrito policial, onde foi autuado.

Morreu cheirando gás

POR motivos não revelados, a serviçal Cecília de Paula e Silva Salgado, de 20 anos, solteira, da rua Rainha Guilhermina, 28, matou-se, ontem à tarde, no interior do banheiro da casa, aspirando gás.

O cadáver foi encontrado momentos depois, pelo capitão de corveta Fernando Luís da Cunha, para quem a moça trabalhava, e que comunicou o fato à polícia do 1.º Distrito.

Comparecendo ao local, o comissário de serviço providenciou a remoção do cadáver para o necrotério do Instituto Médico Legal.

Violenta colisão na rua João Pinheiro

Um morto, três feridos, uma caminhonete incendiada e uma parede derrubada

UMA menina morta, três feridos, uma caminhonete incendiada e uma parede derrubada foram as consequências da colisão, ontem, na rua João Pinheiro, entre o ônibus 8-26-37, da linha "Saenz Peña-Marechal Hermes", e a caminhonete 61-13-58.

Com o choque, a caminhonete incendiou-se e o ônibus, desgovernado, subiu à calçada, derrubou a parede da casa n.º 174 (rua João Pinheiro), matou a menina Vera Lúcia, de 3 anos, e feriu gravemente a mãe dela, Argelina Fagundes Benevenuto, moradoras à rua João Pinheiro, 117, que passeavam pela calçada.

Somente um passageiro do ônibus ficou ferido: Lamar Costa, de 21 anos, da rua Fonseca Teles, 51-A, que sofreu ferimentos na região lombar e escoriações generalizadas.

Também ficou ferido o motorista da caminhonete, Jorge da Silva Reis, de 32 anos, da rua Goiás, 276, casa 1, apto. 201. O motorista do ônibus, Nelizio Sampaio, de 27 anos, da rua Marina, 251-fundos, nada sofreu, conseguindo escapar.

Ao local compareceu uma guarnição do Corpo de Bombeiros de Campinho que apagou as chamas da caminhonete e retirou o corpo de Vera Lúcia de sob o ônibus.

A polícia do 23.º distrito está procurando o motorista Nelizio Sampaio.



E AS CIDADES CONTINUAM A CRESCER...

JÁ não causa espanto aos cariocas e aos paulistas o levantamento de novos arranha-céus em suas cidades. Lares e escritórios se formam diàriamente exigindo mais energia elétrica.

São Paulo e o Rio cresceram de modo surpreendente.

Assim cresceu, também, a produção de energia elétrica e a produção industrial.

Foram atendidos 605 000 pedidos de novas ligações de fôrça e luz, e 13 000 novas fábricas começaram a funcionar, no período de 1939 a 1953, na região abastecida pelas Companhias Light.

Não obstante as dificuldades de expansão da capacidade geradora, a produção de energia elétrica continua a crescer com as cidades.



MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO BRASIL!

O nome de Lorenzo Fernandez leva duas senhoras ao Juíz

Carta do maestro num processo judicial: "sórdidos interêsses econômicos" — Questão antiga

A PIANISTA Helena Lorenzo Fernandez vai denunciar o sr. Clóvis Ramalhete à Ordem dos Advogados e processar a sra. Irene Soto Gonzalez por crime de difamação contra a Academia de Música Lorenzo Fernandez, de que é diretora.

— "O dr. Clóvis Ramalhete" — disse-nos a artista — "será denunciado por haver invadido a minha residência com a falsa identidade de oficial de Justiça, às 7 horas da manhã de ontem".

LONGA HISTÓRIA

Êsses fatos foram motivados por uma entrevista da sra. Irene Soto Gonzalez, viúva do consagrado maestro e compositor patrício, em que anunciou:

1. Ação judicial na 3.ª Vara da Fazenda, requerida pelo advogado Clóvis Ramalhete, contra a utilização do nome Lorenzo Fernandez, sem consentimento da família.

2. Que a pianista Helena usa o sobrenome Lorenzo Fernandez indevidamente e que a Academia não é reconhecida nem fiscalizada pelo govêrno federal.

A história, porém, é longa e data de muitos anos antes de haver morrido o maestro, há seis anos, no Rio de Janeiro.

1. A sra. Irene Soto Gonzalez, viúva do maestro, por ação de desquite confirmada por instância superior (3.ª Câmara do Tribunal de Apelação), em 19 de outubro de 1943, ficou impedida de usar o nome do marido.

2. Posteriormente a isso uma sentença judicial, também confirmada em ação rescisória pelo Tribunal de Apelação de Aracaju, permitia, com o consentimento do maestro, que a pianista Helena Abud usasse o sobrenome do ilustre compositor.

CARTA DO MAESTRO

No documento de fls. 88 do processo da ação rescisória, há uma carta do maestro Oscar Lorenzo Fernandez, ao seu irmão Cassiano, em que diz:

"... ainda agora aquêle demônio de saias acaba de mover-me um processo, verdadeira chantage, para exigir uma reavaliação dos bens, aliás em bases astronômicas e absurdas, além da exigência de querer uma pensão correspondente à metade do meu ordenado".

E mais adiante, após referir-se à situação dos filhos: "O mais triste é que tudo isso não resulta de pontos de vista morais e sim de sórdidos interêsses econômicos".

O desquite do casal foi amigável, e sòmente alguns anos depois a sra. Irene moveu o processo a que se refere o maestro na carta, querendo torná-lo litigioso, no que não foi feliz.

NA ACADEMIA DE MÚSICA

Em virtude dêsses fatos, existiram sempre lutas surdas entre as duas senhoras: uma, porque não pode usar o nome do marido morto, e a outra, porque o usa legalmente, em virtude de sentença judicial sem mais possibilidade de apelação.

Querendo, agora, reverenciar a memória do maestro, após ter difundido no país e no exterior (inclusive Oriente Médio) a sua arte, a sra. Helena Lorenzo Fernandez fundou a Academia de Música Lorenzo Fernandez, com um grupo dos mais conhecidos e destacados artistas, entre êles Eleazar de Carvalho, Guilherme Mignone, Berta Rosanova e outros.

INCONFORMADA

Inconformada, a sra. Irene Soto Gonzalez moveu a ação, na 3.ª Vara da Fazenda, para impedir o seu funcionamento. A sra. Helena, no entanto, esclarece:

1. Que o nome Lorenzo Fernandez não é nome de família e sim nome nacional.

2. Que em última hipótese é o seu próprio sobrenome, confirmado por ação da Justiça.

3. Que o decreto n.º 33.970, de 30 de setembro de 1953, reconhece a utilidade pública da Academia.

4. Que o decreto n.º 34.391, de 27 de outubro de 1953, designou o dr. José Alves da Cunha inspetor federal do Ministério da Educação na Academia.

5. Que portaria do ministro das Relações Exteriores integra a Academia no Grupo Cultural e Educacional do I.B.E.C.C.

E concluiu:

— "Espero, no entanto, a decisão da Justiça, embora saiba de antemão que o que se pretende é destruir a obra de um vulto nacional".


Helena Lorenzo Fernandez: "Há realmente sórdidos interêsses econômicos em tudo isso"

TRIBUNA PARLAMENTAR

TRABALHOS EM CARACAS

JOÃO DUARTE, filho

VISIVELMENTE coordenada pelo Itamarati encontra-se em "Rio Magazine" uma curiosa reportagem sôbre "O Brasil em Caracas". Vê-se, de saída, que o Itamarati brilhou muito. Lá está, numa fotografia, o atestado da grande honra que tivemos: Rao, com o seu imenso nariz, conversando com Foster Dulles. Há outra de um jantar. Ainda outra de Rao sendo "vivamente cumprimentado pelos demais delegados", embora na foto, só esteja apertando a mão de um.

O imenso brilho da nossa delegação verifica-se do texto da reportagem. Por três vêzes se mostra no pequenino texto, com um desdém que a repetição acentua, que foram evitados, para maior brilho e máxima elegância da fina delegação, os assuntos econômicos. A reportagem começa, mesmo, por dizer que, "conquanto tenha sido adiada a discussão dos problemas econômicos", foram satisfatórios os resultados da conferência.

E repete: a parte econômica foi transferida. Só uma vez, assim mesmo de passagem, "à margem dos trabalhos", tratou, o Brasil, de um dêsses problemas econômicos tão desdenhados por gente "bem" como a do Itamarati. Foi quando se estudou, "à margem dos trabalhos", o caso do café. Depois disso, nada mais de problemas econômicos.

Ora, havíamos lido uma longa entrevista de Humberto Bastos, do Conselho Nacional de Economia, justamente pondo em destaque os estudos econômicos realizados na conferência de Caracas. E fomos ver o que havia. O jovem conselheiro não poderia estar dizendo bobagens, que êle não é disso, tem uma vida dedicada a êsses estudos sérios que o Itamarati com tanta elegância repele em suas publicações.

E demais também fôra, o conselheiro, um dos delegados à Conferência e não o fôra, certamente, apenas para comer dólares fáceis de uma embaixada pomposa, mas para estudar, dentro de sua especialidade, os problemas econômicos que se iam debater em Caracas.

Verificamos também que o dispêndio de pessoal para assuntos econômicos fôra, na retumbante delegação, tão grande e liberal como o dispêndio de dólares. Havia um embaixador, o Hildebrando Acioli, na comissão econômica, havia Humberto Bastos, homem sério no assunto, e dois outros pomposos como um pompom de boina: J. S. Maciel Filho e Cleanto Leite. Além disso, os delegados encarregados da parte econômica da delegação tiveram cêrca de dez assessores, cada um recebendo quatro mil dólares.

Como, pois, vem dizer o Itamarati, em publicação de revista elegante, que os problemas econômicos não foram tratados na reunião de Caracas? Fomos aos arquivos verificá-lo. E verificamos que, apesar da afirmativa, os problemas econômicos foram, realmente, tratados na conferência.

Tratou-se do café, por exemplo, adotou-se uma resolução sôbre a bitributação de capitais estrangeiros, recomendou-se maior ampliação dos financiamentos do Banco Internacional de Reconstrução e do Banco de Exportação e Importação, condenaram-se as campanhas injustas contra artigos primários de exportação, votou-se contra a discriminação no comércio internacional, recomendaram-se consultas prévias sôbre a fixação de quotas para a defesa de produtos estratégicos. E uma infinidade mais de resoluções de caráter estritamente econômico foi discutida, votada, assentada como resoluções da conferência.

E vem o Itamarati dizer que não houve nada disto, que tudo foi adiado. Se não teve nenhum caráter econômico esta conferência, por que, então, se esbanjou dinheiro com tanta facilidade para financiar a ida de delegados, que foram, naturalmente, caros e de assessores que foram, necessàriamente, inúteis?

O Itamarati precisa responder a isto. Mas quem precisa lavar-se da culpa de ineficiência e inutilidade que assim, com tanta leviandade, lhe pregam às costas, são os delegados que foram a Caracas apenas para discutir assuntos econômicos. Humberto Bastos, com sua farda de conselheiro e sua responsabilidade de técnico, já respondeu antecipadamente, em longa entrevista, mostrando que trabalhou bem.

E os outros? E você, Maciel Filho? O Itamarati diz que você apenas comeu os dólares da viagem.

"IMPEACHMENT": TRAIÇÃO DE DEZENAS DE UDENISTAS

DEZENAS de deputados udenistas, que traíram a oposição, possibilitaram ao govêrno uma estrondosa vitória, ontem, na Câmara, quando o "impeachment" foi rejeitado por 136 contra 35 votos.

A questão era da maior importância para a UDN, que nela empenhara todo o seu prestígio e os seus melhores deputados.

A FAVOR DE GETULIO

Nada menos de seis deputados udenistas votaram a favor do sr. Getúlio Vargas. Foram êles: Jaime Araújo (Amazonas), Paulo Maranhão (Pará), Antônio Correia e José Cândido Ferraz (Piauí), Mário Gomes (Alagoas) e Lafaiete Coutinho (Bahia).

Outros quarenta faltaram à votação, sendo uns poucos por motivos de fôrça maior, e outros (a maioria) por desejo de não desagradar ao sr. Getúlio Vargas. De qualquer forma, foram os seguintes os deputados da UDN que não estavam, ontem, na Câmara, para votar o "impeachment", questão em que o partido jogava todo o seu prestígio:

Paulo Nery, Epílogo de Campos, Adail Barreto, Gentil Barreira, Paulo Sarasate, Pessoa de Araújo, Virgílio Távora (secretário geral), Ernani Sátiro (vice-líder), Osvaldo Trigueiro, Aide Sampaio, Dias Lins, Lima Cavalcanti, Neto Campelo, João Cleofas, Freitas Cavalcanti, Rui Palmeira, Rafael Cincurá, Vasco Filho, Dantas Júnior.

Baguelra Leal, Edilberto de Castro, Raimundo Padilha, Guilherme Machado, José Bonifácio, Leopoldo Maciel, Licurgo Leite, Magalhães Pinto, Monteiro de Castro, Rondon Pacheco, Lauro Cruz, Jales Machado, José Fleury, Dolor de Andrade, Ostoja Roguski, Plácido Olímpio, Valdemar Rupp, Wanderley Júnior, Jorge Lacerda, Luís Garcia (vice-líder) e Leandro Maciel.

CUMPRIRAM O DEVER: 35

Trinta e cinco deputados cumpriram o seu dever:

Alencar Araripe, Humberto Moura, Leão Sampaio, Aluízio Alves, André Fernandes, João Agripino, Aliomar Baleeiro, Rui Santos, Frota Aguiar (PTB), Maurício Joppert, Roberto Morena (comunista), Galdino do Vale, Tenório Cavalcanti, Afonso Arinos, Alberto Deodato, Bilac Pinto, Feliciano Pena, Manoel Peixoto, Tristão da Cunha (PR).

Campos Vergal (PSP), Castilho Cabral, Herbert Levy, Pereira Lopes, Valdemar Ferreira, Lucílio Medeiros, Artur Santos, Clovis Pestana, Nestor Jost, Hermes de Souza, Tarso Dutra, Daniel Faraco (PSD gaúcho), Coelho de Souza e Raul Pila (PL).

DETALHES

A bancada socialista (Breno da Silveira e Brígido Tinoco) votou a favor do sr. Getúlio Vargas.

O sr. Lutero Vargas não votou, por considerar-se suspeito. O mesmo não aconteceu com sua prima Ivete, que votou a favor do tio.

Da bancada do Distrito, três deputados apoiaram o "impeachment": Frota Aguiar, Maurício Joppert e Roberto Morena.

O deputado Heitor Beltrão, doente, não compareceu. Mas mandou, pelo sr. Bilac Pinto, a sua declaração do voto favorável ao "impeachment". O deputado Nelson Carneiro chegou atrasado à votação, mas disse que, se estivesse presente, votaria com o seu partido (PL), contra o sr. Getúlio Vargas.

O sr. Flôres da Cunha declarou que era contra o "impeachment", mas se abstinha de votar para ficar fiel ao espírito brigadeirista. O presidente Nereu Ramos explicou que não eram possíveis as abstenções. O sr. Flôres da Cunha pediu para ser considerado ausente. O presidente explicou que isto também não era possível, porque o sr. Flôres da Cunha, falando, acabara de dar o ar de sua presença. O sr. Flôres da Cunha, logo depois, encabulado, retirou-se.

DEFESA DE CAPANEMA

Antes da votação, o líder da maioria pronunciou exaltado discurso em defesa do govêrno.

Disse que confiava na Câmara para a rejeição da denúncia contra o presidente da República. Explicou que as acusações não tinham o menor fundamento e visavam apenas fazer agitação.

Constantemente aparteado por deputados oposicionistas, disse que a manobra da UDN era demagógica e eleitoralística.

INCIDENTES

Entre o discurso do deputado Capanema e o início da votação, registraram-se ligeiros incidentes entre deputados, no plenário, e o sr. Nereu Ramos, na presidência.

O sr. Afonso Arinos pediu a palavra para uma consulta. E perguntou se as votações iam ser divididas em duas partes, pois sabia que não eram possíveis as questões de ordem. O sr. Nereu Ramos disse que atenderia à consulta noutro momento, pois, naquele, iria passar à votação.

O sr. Castilho Cabral tentou também levantar uma preliminar, mas não o conseguiu, pois o presidente lhe cassou a palavra. O sr. Castilho Cabral protestou contra a violência: o microfone, porém, já estava desligado.

O sr. Gustavo Capanema tentou igualmente consultar sôbre a posição do sr. Lutero Vargas, que não queria votar a matéria, por considerar-se suspeito. Mas não obteve resposta da Mesa.

DECLARAÇÃO DO PL

O deputado Raul Pila enviou à Mesa a declaração de votos do PL.

"Os representantes do PL declaram haver votado pelo recebimento da denúncia contra o presidente da República, a qual consideram fundamentada, sem importar isto, por ora, em reconhecer procedente a acusação, o que constitui objeto de procedimento ulterior".

Assinam os deputados Raul Pila, Coelho de Souza e Nelson Carneiro.

COMPARAÇÃO

A fuga dos deputados que não queriam votar o "impeachment" pode ser verificada na seguinte comparação:

Votaram o "impeachment" 171 deputados (136 mais 35). Minutos depois entrava em votação a emenda da autonomia do Distrito e a ela compareciam 198 deputados (182 mais 16). Muitos deputados estavam nos corredores e vieram para o plenário assim que terminou a votação do "impeachment".

DECEPCIONADOS

Os líderes da oposição (Arinos, Baleeiro, Bilac, Herbert Levy, Joppert, Frota e Castilho) não escondiam, ontem, a sua decepção ante a atitude de dezenas de udenistas que estavam ausentes para a votação.

E mais decepcionados ficaram ainda quando viram seis deputados do partido votarem com o sr. Getúlio Vargas.

ATINGIDOS OS OBJETIVOS

Falando-nos pouco depois da votação, disse o sr. Afonso Arinos:

"O resultado da votação não me causou surprêsa. Os objetivos principais foram alcançados. O importante era advertir o sr. Getúlio Vargas de que, se tentar o golpe ou qualquer outra perturbação da ordem, encontrará pela frente uma oposição em qualquer terreno".

O deputado Afonso Arinos escusou-se de comentar a posição assumida pelos seus correligionários, contra o "impeachment". Limitou-se a dizer:

"A atitude que alguns elementos da UDN adotaram está consentânea com a linha que têm assumido.

Ficou demonstrado que a unidade do partido é um fato, pois os companheiros comprometidos em situações estaduais preferiram não se manifestar. Mantivemos nossas possibilidades de entendimentos com as fôrças democráticas mais atuantes: PR, PL e PSD gaúcho.

Os votos dos gaúchos do PSD demonstraram que a aliança entre pessedistas e udenistas é possível, desde que as circunstâncias o exijam".

Aprovada na Câmara a autonomia do Distrito

CONTAGEM: 182 X 16 — NOVA VOTAÇÃO NA PROXIMA SESSÃO LEGISLATIVA

A CÂMARA aprovou ontem (182 x 16), a emenda do deputado Heitor Beltrão, que concede a autonomia do Distrito Federal. O resultado final foi recebido por uma salva de palmas dos deputados presentes.

A emenda não obteve, entretanto, os dois terços de votos necessários para que ela fôsse aprovada uma vez só. Assim, terá de sofrer nova votação no próximo ano.

Resta, agora, a emenda simultânea, apresentada no Senado pelo sr. Mozart Lago, que só quer votá-la quando tiver, assegurados, os votos de dois terços (44 senadores) para sua aprovação ainda êste ano.

Informação política

POLÍTICA CAPIXABA

O DEPUTADO Francisco Aguiar está percorrendo o Espírito Santo, em campanha pela sua candidatura na "Coligação Democrática". No PSD, é esperado o lançamento do nome do sr. Ari Viana ao govêrno estadual, caso fracassem os entendimentos para encontrar um candidato de conciliação.

Acôrdo PR-UDN em Minas

PROSSEGUEM os entendimentos para um acôrdo entre UDN e PR de Minas Gerais, com chapa comum para a Câmara.

Senatorias mineiras

NADA se decidiu ainda sôbre as senatorias mineiras. Apenas o sr. Benedito Valadares é candidato certo; a outra vaga, pelo PSD, é disputada pelos srs. Bias Fortes e Tancredo Neves.

Neves quer o Senado

O SR. Alfredo Neves, que tudo vem fazendo para garantir sua candidatura ao Senado pelo PSD fluminense, informou ao governador Amaral Peixoto (disposto a sacrificá-lo) de que não aceita a indicação do seu nome a cargo algum: ou o PSD lança sua candidatura ao Senado, ou êle abandona o partido.

Apoio petebista

O PTB matogrossense está firme, sob a chefia do sr. A. Fadul, prefeito de Campo Grande, no apoio ao PSD daquele Estado. Não há possibilidade de um acôrdo UDN-PTB.

Ademar em Mato Grosso

O SR. Ademar de Barros apoiará, em Mato Grosso, um candidato pessedista e outro udenista ao Senado: os srs. João Vilasboas e Filinto Muller.

Abilon Naves, no Paraná

SERA' lançada no Paraná a candidatura do sr. Abilon Sousa Naves ao Senado, pelo P.T.B. Será êle o candidato único dos petebistas, que apoiarão, ainda, o sr. Artur Santos. O sr. Sousa Naves não se interessa pelo Monroe. Considera-se já candidato ao govêrno, em 55. Já tem pronto farto material de propaganda.

Queria usurpar a diretoria da Federação das Indústrias

Destituído pelos industriais pernambucanos, Antônio Pereira invade a Federação — Nota oficial da Secretaria da Segurança Pública de Pernambuco

RECIFE (Do correspondente) — A propósito dos acontecimentos na Federação das Indústrias, a Secretaria da Segurança Pública distribuiu a seguinte nota oficial:

"Em data de ontem, a diretoria da Federação das Indústrias dirigiu ao secretário da Segurança Pública o seguinte ofício:

"Exmo. sr. secretário da Segurança Pública. Em face de um pronunciamento, por expressiva maioria, do Conselho de Representantes desta Federação que cassou o mandato de diretor ao sr. Antônio Alves Pereira a diretoria da mesma Federação, solidária com o Conselho, escolheu o sr. Jorge Dantas Bastos para presidente dêsse órgão e o empossou nesse cargo.

Comparecendo hoje à sede da citada instituição, informado de que estavam desviando papéis do almoxarifado do SESI, cuja diretoria regional compete ao presidente da Federação, a diretoria da mesma ali encontrou o sr. Antônio Pereira que havia assumido abusivamente o seu antigo cargo de presidente e se recusou a retirar-se daquele pôsto de onde estivera afastado desde a posse do sr. Dantas Bastos.

Diante dessa atitude e a fim de evitar atritos pessoais e permitir que a diretoria e o presidente recentemente escolhido e empossado exerçam suas funções, venho solicitar de V. Exa. que determine providências necessárias de segurança pública para garantir o mandato outorgado ao seu atual presidente pela classe dos industriais pernambucanos.

Atenciosas saudações. — Jorge Dantas Bastos, Genuíno de Almeida, Francisco Vita Sobrinho, Fritz Dreschler, Pereira Borges".

Em conseqüência, o secretário da Segurança Pública compareceu pessoalmente e sem qualquer ajuda de policiais, à sede da Federação onde verificou que o sr. Antônio Pereira não estava munido de qualquer documento que o habilitasse a tomar a atitude a que se refere o ofício acima transcrito.

Tivesse havido intervenção regular do Ministério do Trabalho outro caminho não restava à diretoria senão recorrer ao Judiciário. Sem a intervenção do Ministério do Trabalho, regularmente promovida, a atitude do sr. Antônio Pereira assumia aspecto de uma violência e que não podia ser encampada pela autoridade policial.

Por reconhecer sem dúvida essa circunstância é que o sr. Antônio Pereira concordou em não insistir no propósito de assumir o cargo de presidente da Federação.

Quanto à presença da polícia nas imediações da sede da Federação, depois dessa ocorrência, foi tomada tal medida a pedido da diretoria daquela entidade".

Banco Ribeiro Junqueira S. A.
RUA DA QUITANDA, 70-72
RUA CHILE, 35

"Chantagem eleitoral no gabinete de Aranha"

NOTA OFICIAL DO MINISTRO DA FAZENDA

O DEPUTADO Mário Palmério, em declarações à TRIBUNA DA IMPRENSA, acusou o sr. Camilo Nogueira, chefe de gabinete do ministro da Fazenda, de utilizar reivindicações de cidades do Triângulo Mineiro para chantagem política: atendimento das reivindicações em troca de votos. O sr. Camilo Nogueira é candidato a deputado federal pelo PTB.

A respeito, o gabinete do Ministro da Fazenda distribuiu nota oficial, onde afirma:

1. Os processos de empréstimos a prefeituras municipais do Estado de Minas, destinados a águas e esgotos, não transitam pelo Ministério da Fazenda;

2. Tais pedidos de empréstimos são dirigidos ao presidente da República ou às Caixas Econômicas Federais;

3. Somente em grau de recurso, perante o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, é que tais processos transitam pelo Ministério da Fazenda.

A "ESPONTÂNEA" DE GASHIPO

O SR. Clavel, da Agência Pestana (da Leopoldina), está solicitando dos fornecedores da estrada que contribuam com Cr$ 20 mil, cada, para uma manifestação "espontânea" ao coronel Gashypo, sábado, na Praia Formosa.

Esse expediente está sendo usado depois da recusa dos funcionários de participarem da lista de aderentes.

Sábado, ainda, haverá um baile, por conta da Leopoldina, no Clube da Estrada.

CONGRESSO INTERAMERICANO DE MUNICÍPIOS

EM San Juan de Pôrto Rico, será realizado, a 2 de dezembro, o V Congresso Interamericano de Municípios.

O temário será o seguinte: I — As relações humanas no govêrno municipal; II — Boa administração municipal como estímulo para maior autonomia; III — Planificação municipal: urbana e rural.

"IMPRENSA ISRAELITA" — 25 ANOS —

O JORNAL "Imprensa Israelita" está comemorando o seu 25.º aniversário. Fundado por Arão Bergman, e atualmente dirigido pelo jornalista Silva Reille, "Imprensa Israelita" representa e porta-voz das atividades israelitas no Brasil.

CHEGOU ARTURO DE CORDOVA

DESEMBARCOU, ontem, às 7 horas da noite, no aeroporto do Galeão, o ator mexicano Arturo de Cordova. Vai fazer o principal papel de "Mãos Sangrentas", filme brasileiro baseado na fuga dos presidiários da ilha de Anchieta, ocorrida em 1952.

A produção é de Roberto Acácio ("Artistas Associados"), que trabalhou como ator em "Quando a Noite Acaba" e "Caminhos do Sul". Extra-oficialmente, diz-se que o "astro" de "Deus lhe Pague" receberá, em lugar de vencimentos, os direitos de exploração do filme no México e outros mercados de fala espanhola, onde tem seu maior público. O diretor de fotografia, Mário Pagés (argentino), além de entrar com parte do capital, teria os lucros do mercado argentino.

O fotógrafo Mário Pagés e o diretor Carlos Hugo Christensen (argentinos), participariam do financiamento e teriam os direitos de distribuição na Argentina.

A estrêla argentina Susana Freyre, mulher do diretor, fará um dos papéis femininos. A história é do argentino Pedro Vignale, autor de "Maria Madalena".

Dentro de um mês o material do Guandu

— "DENTRO de um mês, no máximo, deveremos estar recebendo o material necessário ao prosseguimento das obras da adutora do Guandu", declarou-nos o sr. Mário Cabral, secretário de Viação, informando que mandou acompanhar, por pessoa de sua absoluta confiança, detalhe por detalhe da operação de depósito de Cr$ 45 milhões no Banco do Brasil.

E acrescentou que a licença de importação, que só tem validade para três meses, é uma prova de que, dentro dêsse período, deverá estar no Rio todo o material necessário.

"STANDARD"

Quanto ao material tipo "standard", como fios de aço para a construção dos tubos, deverá chegar ao Rio dentro de um mês.

— "Nesse sentido, já expedimos telegramas, pois quero abreviar, quanto possível, o prazo para entrega do material".

Os do outro tipo, concluiu, naturalmente que ficam na dependência do fornecimento das fábricas.

Páscoa dos comerciários de Ipanema

OS comerciários de Ipanema farão sua páscoa coletiva, domingo, às 7,30, na Igreja de Nossa Senhora da Paz.

A páscoa será promovida pelas associações religiosas da paroquia.

Bons terrenos

Lotes de 12x30, preços a partir de 12 mil cruzeiros, mensais, planos, com água, luz, condução e comércio à porta, podendo morar e trabalhar no Rio, distante 30 minutos das Barcas de Niterói. — Tratar diàriamente com o sr. J. Siquestra, à Av. Marechal Floriano, 13-1.º andar, ant. Rua Larga. — Tel.: 23-3840.

U.D.N.
Para Vereador
Venâncio Igrejas
Esc.: R. Sen. Dantas, 40
Salas 401/3 — Tel. 52-4735

Cuide das funções glandulares
GLANTONA
Medicamento composto de extratos testiculares, hipófise, acantis virilis e vitaminas. GLANTONA é indicada na astenia neuro-muscular e suas manifestações. De ação normalizadora das funções glandulares, revitaliza o organismo, imprimindo-lhe novas energias. Tubos com 20 drágeas. Nas Farmácias e Drogarias.

Varões modernos retos e curvos para cortinas em banheiros
Pague apenas a instalação dos nossos famosos varões, recebendo como bonificação uma cortina plástica que V. escolher!
DETALHES E INFORMAÇÕES
DEPTO. DE DECORAÇÕES
TELEFONES 22-6269 e 23-6993
Diàriamente até às 20 horas
RUA DA ASSEMBLEIA, 51, 2.º GRUPO - 201

7.º CURSO ANUAL DE CIRURGIA
Estão abertas na CASA DE SAÚDE SÃO MIGUEL as inscrições para o 7.º Curso Anual de Cirurgia a ser iniciado no dia 21 dêste mês.
INSCRIÇÃO LIMITADA A 12 MÉDICOS
Regime de tempo integral, 8,30 às 17,30, diàriamente, durante 10 dias.

GUIA ELEITORAL

O ALISTAMENTO eleitoral se encerra, obrigatòriamente, 60 dias antes da eleição, às 18 horas. E só poderão votar os eleitores inscritos até 30 dias antes da mesma data. Não basta, portanto, que o pedido de alistamento seja feito tempestivamente. É preciso que o processo se ultime 30 dias antes de 3 de outubro. Daí o interêsse que todos devem ter em não deixar para o fim do prazo o pedido de inscrição eleitoral.

Essa determinação da lei se impõe, porque os juízes eleitorais devem comunicar o número de eleitores alistados, a tempo de se elaborar a lista de votantes, ao Tribunal Regional, lista que será publicada no jornal oficial, com as seções e endereços respectivos, até 15 dias antes da eleição.

Na distribuição dos eleitores por seções, o juiz atenderá ao lugar das suas residências e aos meios de transporte.

Isso quer dizer, e o Tribunal já se pronunciou nêsse sentido, que o eleitor deverá ser situado na zona de seu domicílio, sendo esta subdividida em seções, podendo ser êle incluído em qualquer destas. Mesmo porque, havendo um limite de eleitores para cada seção (400), não poderiam ser todos incluídos na mais próxima de seu domicílio. E o critério de proximidade está condicionado a dois fatores distintos que a lei especifica: lugar (distância da sede) e transporte.

Muitos eleitores, para não sobrecarregar o serviço eleitoral, já tão absorvido por serviço inadiável, preferem não pedir a transferência de zona eleitoral, embora tenham mudado de domicílio. É uma prática elogiável, porque não lhes trará prejuízo algum. O essencial é votar, desde que o eleitor esteja legalmente habilitado a fazê-lo. Além disso, o dia da eleição é feriado e, mesmo com um pouco mais de perda de tempo, ninguém ficará prejudicado em seus afazeres, votando na zona de sua residência anterior.

500 oficiais e cinco mil soldados na Páscoa dos Militares

Sábado, às 8 horas, no Campo de Santana

A PASCOA dos Militares será realizada sábado, às 8 horas, no Campo de Santana. Este ano, sob os auspícios do Ministério da Aeronáutica.

Participarão 500 oficiais e cinco mil graduados, praças e servidores civis das Fôrças Armadas, acompanhados de suas famílias.

PROGRAMA

Primeiro, o cardeal D. Jaime Câmara oficiará a missa campal. A seguir, D. Helder Câmara fará pregação solene. A distribuição das hóstias será feita pelos capelães militares, coadjuvados por aspirantes da Polícia Militar.

De uma tribuna especial, o coronel capelão João Pheeney descreverá a cerimônia.

COMISSÃO

Para a Páscoa dêste ano, que será presenciada pelo presidente da República e ministros de Estado, foi organizado um programa de atividades do qual participaram muitas comissões de oficiais das Fôrças Armadas e Auxiliares.

Da Comissão Nacional, com o general Zenóbio da Costa, almirante Renato Guillobel e brigadeiro Nero Moura à frente, fazem parte 58 oficiais-generais, 30 almirantes e 23 brigadeiros.

PARTE MUSICAL

As bandas dos Fuzileiros Navais, do Batalhão de Guardas, da Polícia Militar, dos Bombeiros e da Aeronáutica executarão os hinos religiosos e oficiais.

A parte coral caberá ao côro (60 vozes) do Teatro Municipal, acompanhado pela Orquestra Sinfônica.

Para vereador
ALBERICO DURÃO

PROF. FERNANDO ANTONIO RAJA GABAGLIA

(Missa de 30.º dia)

Alayde Fortes Raja Gabaglia e filhos agradecem a quantos os confortaram no doloroso transe por que passaram e convidam seus parentes e amigos para a missa de 30.º dia que farão realizar pela alma de seu bonissimo espôso e pai FERNANDO, amanhã, sexta-feira, dia 18, às 10,00 horas, no altar-mor da Igreja de São Francisco de Paula. Antecipadamente agradecem a quantos comparecerem a êsse ato de fé cristã.

TELEVISÃO
Sensacional apresentação dos últimos modelos das mais afamadas marcas
ZENITH — Consoles de 21 e 27 polegadas (claros e escuros). Conjugados de 27 polegadas (móvel original americano). Circuito de Alta Fidelidade (Hi-Fi). Modêlo de mesa de 21 polegadas (claros e escuros). Todos com vidro ray-ban.
RCA VICTOR — Conjugados de 14 polegadas, móveis modernos ou de estilo, toca-discos de 3 velocidades, pino central para 45 r.p.m.
Admiral — Consoles e modelos de mesa de 21 polegadas. Último lançamento.
Capehart — Modelos console de 17 polegadas, móveis escuros, com ou sem portas.
SYLVANIA — Modelos consoles de 19 polegadas (móveis claros) originais americanos.
PHILCO — Modelos consoles de 21 polegadas, móvel escuro, estilo sóbrio, original americano.
Venha escolher seu TELEVISÃO em
W. M. REIS S. A.
AV. RIO BRANCO, 115-125

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
RUA DO ROSARIO, 98
De 13 às 18 horas

6 1/2 %
C/C LIMITADA
BANCO OLIVEIRA ROXO S. A.
Atende em 3 minutos
RUA MIGUEL COUTO, 7

TALCO REGINA
O Talco Maravilhoso!

TRIBUNA DA IMPRENSA

Rio de Janeiro, 17 de junho de 1954
ANO VI N. 1.360

A Justiça Eleitoral e as eleições

A JUSTIÇA Eleitoral foi instituida para facilitar ou para dificultar a manifestação da vontade popular?

A pergunta ocorre à vista dos bizantinismos e chinesices a que se entregam alguns juizes dêsse ramo político da magistratura, pelo menos no Distrito Federal. Se fôr assim em todo o Brasil, podemos dizer que as eleições estão frustradas "avant la lettre".

Milhares — muitos milhares — de cidadãos ainda não são eleitores. E nem todos por desídia ou desinformação. Não se pense que apenas os que só agora atingem a idade de votar, ou donas de casa só agora cientes da relação íntima existente entre os preços da feira-livre e as negociatas da "Última Hora" com o Banco do Brasil.

Não. Também muitos cidadãos prestantes, conscientes, inclusive oficiais das fôrças armadas e funcionários públicos, não têm ainda o seu título eleitoral em ordem.

Em grande parte êsse desfalque no capital cívico do povo brasileiro se deve à lentidão, ao descontrôle, a uma espécie de resistência à eficiência, por parte de certos órgãos e agentes da Justiça Eleitoral.

Tomemos exemplos ocorrentes, aqui mesmo na Capital. Eis alguns fatos:

1. O cidadão tem de comparecer PELO MENOS DUAS VÊZES ao Juizo: uma para assinar o título, outra para assinar o recibo do título. Sabe-se lá o que isto representa, numa cidade vastíssima, de tráfego engarrafado, em horas de trabalho?

2. Não existe padronização de exigências para a expedição de um título eleitoral. Ao contrário. Nesta mesma cidade há juizes que aceitam cópia fotostática de documentos, outros, não. Juizes admitem certas expressões numa fórmula de requerimento, outros, não. E o que é pior: o candidato a eleitor só vem a saber disso meses após a entrega do requerimento em Juizo.

PARECE que uma providência simples e útil seria a reunião dos juizes para codificarem as exigências, padronizando-as. Mas cada qual, como o espanhol da metralhadora, "lucha por su cuenta". Esta não é uma regra geral, felizmente. Mas as exceções, numerosas, bastam para tumultuar o processo, já por si difícil e penoso, do alistamento eleitoral.

O ideal seria que cada futuro eleitor entrasse diretamente em contato com a Justiça para obter o seu título, dispensando intermediários. As exigências, porém, que certos juizes armam, tornam indispensável o intermediário e, o que é pior, oneram o alistamento de modo a favorecer, nitidamente, a corrupção pelo uso do poder econômico.

3. Um exemplo concreto: o juiz da 15.ª Vara tem em suas mãos, há mais de 3 meses, muitas centenas de requerimentos da chamada Zona Rural carioca. Não os despacha. Dizem uns que por lhe faltar assistência; outros, que por haver, ultimamente, luxado um braço. Seja pelo que fôr, é quase inacreditável que se paralise a expedição de títulos eleitorais no Rio de Janeiro pelo simples capricho de um juiz.

4. Vi, com meus olhos, dezenas de requerimentos devolvidos por uma razão cabalística, que até agora não logrei entender.

A fórmula do requerimento dêsses novos eleitores foi literalmente copiada daquela adotada por vários juizes eleitorais. Ela diz:

"Fulano de Tal, etc., vem requerer o seu primeiro título eleitoral", etc....

Pois bem: dois, três meses depois de apresentados êsses requerimentos, o juiz manda devolvê-los para que sejam COMPLETAMENTE REFEITOS para substituir as expressões "vem requerer o seu primeiro título eleitoral" pelas seguintes: "vem requerer a sua primeira inscrição eleitoral".

Parece brincadeira. Agora, toca a chamar, em sua casa, ou em seu trabalho, tôdas essas pessoas, para novamente copiarem a fórmula da 2.ª edição, revista pelo juizado, de sua própria e clara e simples e direta fórmula.

ISTO custa tempo e, para muitos, custa dinheiro. Encarece as eleições inutilmente.

Pergunto: não tem a Justiça Eleitoral um meio de evitar êsses bizantinismos que desgostam e causam prejuizo ao eleitor e à eleição, sem contribuirem em nada para a verdade das urnas?

5. Outro fator de desordem e desorientação dos cidadãos é a frequência com que se anunciam, oficiosamente, em entrevistas e palpites avulsos, modificações na Lei Eleitoral. Não seria possível ao órgão superior da Justiça Eleitoral formular uma declaração de que não será alterado o rito das eleições antes das próximas, a 3 de outubro?

Não será possível aos senadores e deputados conterem, por enquanto, os seus pruridos reformistas?

A Lei Eleitoral vigente deixa muito a desejar. Precisa de reformas profundas. Mas, à beira das eleições, modificá-la seria contraproducente, pois só viria aumentar a confusão e, portanto, favorecer os que dela carecem para dominar.

Não desejo terminar estas ponderações sem também fazer justiça ao esfôrço de magistrados e serventuários para tocar adiante o serviço de alistamento dos eleitores.

Exemplo, modêlo até, segundo depoimento de todos os que cuidam de alistamento, chegado ao nosso conhecimento, é o do juiz da 7.ª Zona, sr. Eduardo Jara.

Não sòmente êle tem em dia o seu trabalho, como classifica os eleitores da Zona por tal modo, que ninguém, ali, terá de andar mais de 50 metros para chegar ao seu pôsto eleitoral e votar.

Isto prova que é possível conseguir ordem e eficiência, com os precários recursos atuais. O que falta, ao que parece, é coordenação e cooperação.

Pois não creio que falte compreensão.

CARLOS LACERDA

5 x 0

(Desenho de HILDE)

Opinião

Condecoração

O MINISTRO da Guerra condecorou o sr. Gregório Fortunato com a Medalha de Maria Quitéria.

Essa condecoração, segundo se afirma, foi criada para premiar as pessoas que colaboraram para o maior brilhantismo das festas do centenário da heroina.

Ao que tudo indica, o sr. Gregório Fortunato foi condecorado por ser chefe da guarda pessoal do Presidente da República, em cuja gestão se comemorou o centenário.

Outro motivo, não conhecemos. Duvidamos muito da colaboração do sr. Fortunato, pois, ao que consta, não houve cabeças quebradas durante as solenidades em homenagem a Maria Quitéria.

Patrimônio da União arrenda praça pública

O VEREADOR Paulo Areal dirigiu um requerimento de informação ao Prefeito, solicitando esclarecimentos do Serviço do Patrimônio da União a respeito do arrendamento secreto à emprêsa "Mar S.A." da praça Seve e prolongamento das ruas Santos Lima e da Igrejinha, em São Cristóvão.

O pedido de informação do sr. Areal se baseia na suspensão, por tempo indeterminado, da concorrência que a Secretaria de Viação e Obras havia aberto para realizar calçamento e obras nas ruas mencionadas até suas junções com a avenida Brasil.

No requerimento consta ainda que o despacho secreto do Patrimônio da União, arrendando aquêles logradouros públicos à emprêsa particular, foi dado em 10 de julho de 1948 e não foi publicado no "Diário Oficial". Por outro lado, diz ainda o veerador, a emprêsa beneficiada está projetando construções naqueles lugares, vindo criar, assim, uma situação difícil para os moradores de São Cristóvão.

Haya de la Torre sábado no Rio

HAYA de la Torre passará sábado pelo Rio, a caminho de Montevidéu. O avião da Pan American em que viaja descerá no Galeão às 9 horas.

O líder aprista ficará no Rio uma hora mais ou menos. O mesmo tempo passará em S. Paulo, também escala do avião. Na volta de Montevidéu, é possível que passe alguns dias no Brasil.

Novo diretor de ensino no Exército

O EX-MINISTRO da Guerra, general Ciro Espírito Santo Cardoso, foi nomeado diretor-geral do Ensino no Exército.

Diversões

CINEMA

* O asterisco assinala os filmes que consideramos bons.

HORARIO DOS CINEMAS LANÇADORES:

Meio-dia (só no Metro-Passeio) — 2 — 4 — 6 — 8 — 10: "Se Eu Soubesse Amar"
Meio-dia (só no Plaza) — 2 — 4 — 6 — 8 — 10: "Deliciosas Noites de Amor"
1,20 — 4 — 6,40 — 9,20: "O Manto Sagrado"
2 — 3,40 — 5,20 — 7 — 8,40 — 10,20: "Os Filhos de Ninguem"
2 — 4 — 6 — 8 — 10: "O Implacável", "A Trilha da Amargura", "Cavalgada de Paixões"

CINELANDIA

IMPERIO (22-0348) — O Implacável
METRO-PASSEIO (22-6490) — Se Eu Soubesse Amar
ODEON (22-1508) — Cavalgada de Paixões
PALACIO (22-0838) — O Manto Sagrado (cinemascópio)
PATHE (22-8795) — Os Filhos de Ninguém
PLAZA — * Deliciosas Noites de Amor
RIVOLI — Os Filhos de Ninguém
VITORIA (42-0020) — A Trilha da Amargura

CENTRO

CENTENARIO — A Gardenia Azul
COLONIAL (42-8512) — * Deliciosas Noites de Amor
FLORIANO (42-9074) — O Principe de Bagdad
IDEAL (43-1318) — O Principe de Bagdad
IRIS (42-9163) — Feira de Diversões (e) Caçadores de Recompensas
MEM DE SA (42-2232) — Gentil Tirano (e) a Vida Contra Vida
PRESIDENTE (42-7128) — Os Filhos de Ninguém
PRIMOR (43-0631) — * Deliciosas Noites de Amor
S. JOSE (42-0393) — Minha Espôsa e a Outra

TIJUCA

AMERICA (48-4519) — O Implacável
AVENIDA (48-1667) — O Principe de Bagdad
CARIOCA (28-8178) — Cavalgada de Paixões
HADDOCK LOBO (48-9610) — * Deliciosas Noites de Amor
MARACANA (48-1910) — O Principe de Bagdad
METRO-TIJUCA (48-9070) — Se Eu Soubesse Amar
OLINDA (48-1032) — * Deliciosas Noites de Amor
VELO — Perdidos de Amor.

ZONA SUL

ALASKA — Dilema de uma Consciência
ALVORADA (27-2936) — Monsieur Beaucaire
ART-PALACIO (37-8843) — Os Filhos de Ninguém
ASTORIA (47-0460) — * Deliciosas Noites de Amor
AZTECA (45-6313) — Minha Espôsa e a Outra
BOTAFOGO — Cavalgada de Paixões (e) Feitiço Branco
CARUSO — Minha Espôsa e a Outra
COPACABANA (47-2803) — O Implacável
IPANEMA (47-2806) — Simbad, o Marujo (e) Mórbida Fascinação
LEBLON (27-7805) — O Implacável
LEME (37-6413) — Monsieur Beaucaire
METRO-COPACABANA (37-9797) — Se Eu Soubesse Amar
MIRAMAR — Cavalgada de Paixões
NACIONAL (26-6073) — O Mundo Em Seus Braços
PIRAJA (47-0063) — A Trilha da Amargura
POLITEAMA (26-1146) — Londres à Meia-Noite (e) O Herói das Montanhas.
RIAN (47-1144) — Cavalgada de Paixões
RITZ (37-7224) — * Deliciosas Noites de Amor
ROXY (37-6243) — A Trilha da Amargura
S. LUIZ (25-7679) — O Implacável

OUTROS BAIRROS

ALFA — A Garganta do Diabo
BARONESA — Última Chance (em 3-D, com óculos alugados)
BRAZ DE PINA (30-3489) — * Devoção de Assassino (e) O Anjo Escarlate
CACHAMBI (29-4117) — Preconceito
EDSON (30-4440) — O Rei do Rodeio (e) Quatreiros Noturnos
ESTACIO DE SA — O Castelo do Pavor (e) A Ocasião Faz o Ladrão
FLUMINENSE (29-1404) — Minha Espôsa e a Outra
IRAJA (29-8332) — Mulheres Sacrificadas
IMPERATOR — Minha Espôsa e a Outra
MADRID — A Trilha da Amargura
MADUREIRA (29-8738) — A História de Três Amores
MARACANA — O Principe de Bagdad
MASCOTE (29-0411) — * Deliciosas Noites de Amor
MAUA — Os Filhos de Ninguém
MOÇA BONITA — * Devoção de Assassino
MODÊLO — De Homem para Homem
MODERNO — Os Mistérios de Tanger (e) Fantasma Assobiador
MONTE CASTELO (29-6250) — A Trilha da Amargura
PARATODOS — Os Filhos de Ninguém
RYDAN (49-1633) — Mulheres Indomáveis (e) Três Passos ao Norte
SANTA ALICE (38-9983) — O Implacável
VAZ LOBO — Monsieur Beaucaire

NITEROI

CASSINO — Os Filhos de Ninguem
CENTRAL — Cavalgada de Paixões
ICARAI — Última Chance
ODEON — A Trilha da Amargura

PETROPOLIS

CAPITÓLIO (3626) — Cavalgada de Paixões
D. PEDRO (3400) — Pirata Sangrento (e) Lua Prateada
PETROPOLIS — Trilha da Amargura

TEATRO

CARLOS GOMES (22-...) — "Mulher do Diabo", às 21 horas. Vesperal, sábado e domingo às 16 horas.

FOLLIES (27-8216) — "Doll Face" às 20 e 22 horas. Vesperal sábado e domingo, às 16 horas.

GLORIA (22-9146) — "Mamãe, olhe em mim!", 20 e 22 horas. Vesperal sábado e domingo, às 16 horas.

JARDEL (27-6731) — "Esta Vida é um Carnaval!" — às 20 e 22 horas. Sábado e domingo, vesperal às 16 horas.

DULCINA (32-5817) — Dercy Gonçalves em "Uma Certa Viúva", às 21 horas. — Sábado e domingo, às 16 horas. Vesperal, dia 21, Ajara, em "A Cartomante", às 21 horas.

RIVAL (22-2721) — "Dona Xepa" às 21 horas. Vesperal sábado e domingo, às 16 horas.

RECREIO (22-6164) — "As Urnas Vão Rolar". — Às 20 e 22 horas. Vesperal sábado e domingo às 16 horas.

REPUBLICA (22-0271) — Dia 15 estréia. "É sôpa no mel".

SERRADOR (...) — "... do Ferro Velho" às 21 horas. Sábado e domingo, vesperal, às 16 horas.

TEATRO DE BOLSO (27-...) — "Sua Excia em 26 Pôses" às 21 horas. Vesperal às 16, sábado.

TEATRO MUNICIPAL —

TEATRO GINASTICO — Amanhã CDN, às 21 horas, em "Senhora dos Afogados".

OS PASSOS PERDIDOS

SINAL DE ALARMA

Crônica judiciária de PEDRO DANTAS

ASSOBERBADO pelo volume das pautas, que se vão acumulando em longas relações de feitos cuja decisão demora, ainda para os mais urgentes, o Supremo Tribunal Federal, cúpola do Poder Judiciário e, de algum modo, cúpola do regime, cede, por vêzes, a um movimento defensivo de encolha e mete-se, como um caramujo, na proteção das interpretações restritivas da própria competência. Esse movimento é compreensível. Mas não é desejável.

O PAPEL reservado ao Poder Judiciário — e, em particular, ao Supremo Tribunal Federal — em nosso regime constitucional, é importante e vivo demais para conformar-se com a restrição de horizontes que êle, assim, voluntàriamente se impõe. O "habeas-corpus", o mandado de segurança, o recurso extraordinário, são, cada um a seu modo e nos seus domínios, os respiradouros e válvulas dos direitos e liberdades, que têm, devem ter, precisam ter no mais alto Tribunal do país, sua suprema defesa — vigilante, esclarecida, ativa.

Um Tribunal ensimesmado, tendente a respeitar ao máximo o conhecimento dos feitos, limitando ao mínimo sua competência e seus poderes, bitolando suas decisões por um certo automatismo jurisprudencial, incorrerá, ainda que sem o sentir, no defeito da abstenção e do conformismo, que nos parece — "data venia" — a negação da sua função de govêrno e da sua incomparável missão política.

Efetivamente, é preciso não perder de vista que é uma função de govêrno, a que é confiada ao Judiciário. E quando, acaso, os outros Poderes venham a falhar no exercício da sua missão, nem tudo estará perdido — pelo contrário, tudo poderá ser salvo — se o Judiciário, atento, assegurar à nação e a cada um, individualmente, o prevalecimento da ordem jurídica, abalada em seus alicerces tôda vez que não encontre meios de conter e corrigir uma arbitrariedade, que ameaça a todos e a tudo, mesmo que os seus efeitos só prejudiquem, direta e materialmente, a um só caso e um só postulante. Que isso não nos iluda: somos todos solidários no interêsse pela preservação da ordem jurídica. E a mais distante, a mais disfarçada das violências, nunca é totalmente inócua e, ainda que não se perceba à primeira vista, também a nós nos atinge.

Não temos nenhum motivo, felizmente, para recear que o Judiciário, por seu órgão supremo, que é o Supremo Tribunal Federal, mostre qualquer desfalecimento consciente no desempenho de sua missão. O receio que manifestamos, com o devido respeito, é o do natural desgaste da sensibilidade, como decorrência da deformação profissional, que é uma auto-defesa psicológica por acomodação. Acomodação necessária, sem dúvida, como a dos médicos, por exemplo. Que seria dos doentes, se o médico se pusesse a prantear cada uma das misérias orgânicas que lhes descobrisse?

Essa natural defesa, porém, pode conduzir à rotina e esta, sim, é inimiga da Vida — no campo do Direito, como em outro qualquer. Os Tribunais vão-se abstendo, seduzidos pelos argumentos que favorecem sua auto-defesa, e se acomodam na rotina de uma jurisprudência que pode, eventualmente, confundir-se com a insensibilidade aos mais veementes apelos do Direito e da Vida, — que não podem andar muito afastados, um do outro, sob pena de perderem o sentido.

EM FACE de certos recursos e medidas que o Tribunal denega numa atitude que quase nos permitiríamos classificar como de indolência, é licito manifestar aquêle receio. Não, por certo, como uma crítica ou uma censura, mas como brado de alerta ou sinal de alarma. O Judiciário é um Poder ao qual jamais será aplicável o princípio de alheiamento do "laissez faire, laissez passer". Por menos que pareça, é um Poder participante, ativo e que não trabalha só na retranca, mas, muitas vezes é porta-bandeira de assinalados movimentos de vanguarda.

Cartas dos Leitores

Colaboração excelente

DO sr. José Nunes da Cunha, Rio:

"Não tenho perdido oportunidade de trabalhar pela sua candidatura: nos bailes, batizados, casamentos, tôdas as festas, enfim, a que compareço (e faço questão), viso o nosso movimento.

Há algumas semanas, compareci (com a minha noiva) a uma modesta solenidade, num clube de Santa Teresa, por motivo de seu segundo aniversário. Como acontece, não perdi oportunidade de fazer conhecida a nossa luta. Lá mesmo, em pleno baile, para não perder o ensejo, consegui fazer um alistamento e cativar a simpatia de muitos, para o nosso movimento".

N.R. — Quanto à sua queixa, pode aguardar as explicações que lhe serão prestadas por carta, o mais breve possível. E, desde já, agradecemos a sua excelente colaboração.

Ameaçam o jornalista

REMETENDO-NOS uma cópia de carta que enviou ao presidente da Assembléia Legislativa da Bahia, denunciando cerceamento à liberdade de imprensa, diz o sr. A. Gonçalves de Souza, diretor redator-chefe do jornal "O Combate", de Salvador, que "está sofrendo constrangimento por parte de um indivíduo de nome Arlindo, que se diz da polícia civil da Bahia, chefiando um grupo de comparsas seus, visando a evitar que o referido periódico comente fatos ligados aos preços, pesos e balanças do comércio de carne bovina, no bairro da Boa Viagem e adjacências".

Afirma ainda que "é fora de dúvida que se acham ligados ao referido indivíduo Arlindo, residente à rua Urbano Duarte, 14, fundos (Salvador), elementos que militam junto ao credo vermelho na Bahia, todos descontentes com as declarações de "O Combate", em tôrno de tais atividades na Bahia".

De luto o sindicato

ASSINADO pelo secretário geral, sr. José Lopes Veras, recebemos, do Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas de Carris Urbanos do Rio de Janeiro, um ofício que diz o seguinte:

"O Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas de Carris Urbanos do Rio de Janeiro, tomando conhecimento da morte do jornalista Nestor Moreira, quer apresentar, de público, o repúdio dos Empregados de Carris contra as violências e arbitrariedades praticadas por certos funcionários que desmerecem e desmoralizam o DFSP.

Lamenta, outrossim, que, até hoje, não tenha o govêrno tomado providências enérgicas, no sentido de afastar os vândalos, travestidos em mantenedores da ordem, como já o fizeram, no passado, chefes de Polícia que se impuseram à população, pelo valor e moralidade.

Também a "União Sindical", órgão oficial dêste Sindicato, se acha de luto, com as ocorrências verificadas".

Repto a Leite Martins

DESMENTINDO afirmações feitas pelo sr. Leite Martins e publicadas nesta seção, em 31 de maio passado, sob o título "Ceará prejudicado", escreve-nos o sr. José Martins Rodrigues, Rio:

"Sentindo, naquilo que se contém na carta divulgada por êsse jornal, o intuito de me colocar mal perante o Ceará, advogando contra os interêsses de suas classes produtoras — eu, que por elas tenho sido distinguido reiteradas vezes, com o honroso mandato de seu representante em reuniões nesta capital — julgo-me no dever indeclinável de contestar de modo formal e peremptório tais insinuações.

Assim, repto o sr. Leite Martins, ou quem quer que se esconda sob êsse pseudônimo, a fazer prova da interferência que falsamente me imputa, trazendo a público as fontes de informação que o autorizaram a fazê-lo".

Casal colabora na campanha

DE um casal que pede não lhe divulguemos o nome, recebemos uma carta em que é dito:

"Li vosso apêlo, na TRIBUNA DA IMPRENSA. Pouco posso ajudar, porque não tenho sala.

Moro num quarto de pensão, mas estarei à sua disposição para distribuir cédulas, de mão em mão.

A minha espôsa também pode ajudar, porque dispõe de algum tempo, durante o dia".

TRIBUNA DA IMPRENSA

Rua do Lavradio, 98

Diretor
CARLOS LACERDA

Redator-Chefe
ALUIZIO ALVES

Editor geral
NILSON VIANA

Tel.: 32-8188
(Rêde interna)

ASSINATURAS
Pelo Correio

Anual	240,00
Semestral	130,00
Trimestral	75,00

Entrega Domiciliar
(Nos bairros onde temos entrega a domicílio)

Anual	300,00
Semestral	160,00

VIA AEREA — Mesmo preço com acréscimo do porte.

EXTERIOR — Mediante consulta.

Número do dia	1,00
Número atrasado	1,50

Para RECLAMAÇÕES sôbre o não recebimento do nosso jornal, tanto do interior como da Capital, dirigir-se ao DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO E CIRCULAÇÃO
Rua do Lavradio, 98-1.°
Tel.: 32-8188
End. telegr.: CARLACERDA

SUCURSAL EM S. PAULO
Praça Ramos de Azevedo, 209, 7.°, salas 704/3 — Tel.: 36-0472
Endereço Telegráfico:
LANTERNA — S. Paulo

A direção se responsabiliza por tôda a matéria publicada

O PEQUENO MUNDO

Exportações britânicas para o Brasil

LONDRES, 17 (AFP) — A competição anglo-japonesa no Brasil foi evocada, na Câmara dos Comuns, pelo deputado trabalhista. John Hynd, antigo ministro: êsse deputado perguntou ao presidente do Board of Trade, se, em virtude da melhora da balança de pagamentos brasileira, e do fato de que o Brasil está prestes a fazer ao Japão encomendas no montante de cem milhões de dólares em produtos texteis, químicos, siderúrgicos, mecânicos e de navios costeiros, tinha êle a intenção de anular as restrições sôbre as exportações britânicas para o Brasil: o sr. Heath-Coat-Amory, ministro de Estado no Board of Trade, declarou, numa resposta escrita, que as exportações britânicas para o Brasil não estavam sujeitas a nenhuma restrição. O ministro afirmou, em sua resposta, que o Brasil estava prestes a reduzir progressivamente sua divida comercial para com a Grã-Bretanha.

O irmão de Laniel voltou para casa

PARIS, 17 (AFP) — A imprensa parisiense e os meios políticos atribuem um certo interêsse a um incidente de mínima aparência, ocorrido ontem, pelo fim da tarde, no aeródromo de Orly.

Com efeito, quando o "DC-6", da "Air France", que se destinava à Venezuela, preparava-se para decolar, foi retido, à última hora, pelos funcionários de contrôle de câmbio, acompanhados pelos representantes da Alfândega. As diligências foram realizadas, sem que infração alguma da legislação em vigor pudesse ser verificada.

Entretanto, dois dos passageiros do super-constellation desciam do avião: tratava-se do senador René Laniel, irmão do presidente do conselho demissionário, e de sua espôsa, que se deviam dirigir a Caracas, onde o sr. René Laniel possui importantes interêsses econômicos. Uma vez de regresso do pôsto da alfândega, o sr. René Laniel exigiu dos funcionários um atestado reconhecendo que êle estava perfeitamente em regra com a legislação sôbre o contrôle de câmbio, atestado que lhe foi concedido. Entrementes, o aparêlho havia decolado, e o sr. Laniel teve de voltar para casa.

Aviões com nomes de caravelas

NOVA YORK, 17 (AFP) — O primeiro dos três Super-Constellations com os quais a companhia aérea espanhola "Iberia" inaugurará a 4 de agôsto — dia do aniversário da partida de Cristovão Colombo para a América — seu serviço transatlântico Madrid-Nova York, chegou hoje a Nova York, vindo das usinas Lockheed, na Califórnia.

A bordo, encontravam-se 25 pessoas, entre as quais quatro pilotos espanhóis, que vão proceder a uma série de vôos de treinamento.

Os três aparelhos serão batizados, respectivamente, "Niña", "Pinta "e "Santa Maria", nome das caravelas de Colombo, nas cerimônias que se realizarão no próximo dia 23, no aeroporto internacional de Nova York.

TACOS
desde 30,00
Peroba e outras madeiras — Rua Prefeito Olimpio de Melo, 1.514

EISENHOWER, CHURCHILL E OS PROBLEMAS MUNDIAIS

Pequim: uma incógnita — A provável atitude de Moscou — Winston Churchill sofreu ataque de paralisia

WASHINGTON, 17 (U.P.) — O presidente Eisenhower declarou que êle e o primeiro ministro britânico, sir Winston Churchill, discutirão todos os problemas mundiais durante a visita que o chefe do govêrno britânico fará a Washington em fins da próxima semana. Não obstante, acrescentou o presidente em sua entrevista semanal à imprensa, o propósito principal da visita de Churchill é dissipar qualquer noção que exista de que se verificaram profundas divergências entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Eisenhower não mencionou os problemas específicos que discutirá com o lider britânico, porém expressou que não podia imaginar que algum problema de interêsse internacional pudesse ficar sem exame.

Salientou, não obstante, que tanto o desejo de Churchill como o seu próprio é dissipar a idéia de que as duas potências se acham cindidas.

A PREOCUPAÇÃO DO KREMLIN

LONDRES, 17 — O chefe do Govêrno britânico, Sir Winston Churchill, e seu chanceler, Anthony Eden, dirão pròvàvelmente ao presidente Eisenhower em Washington que Moscou talvez veja com agrado que os ocidentais estabeleçam tanto o Exército Europeu como a Aliança do Sudeste da Ásia.

Churchill e Eden viajarão por via aérea a Washington na quinta-feira da próxima semana, com o objetivo de fortificar as relações entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, relações estas um tanto estremecidas ùltimamente.

Segundo um alto funcionário do Govêrno britânico, Moscou veria com agrado que os aliados contivessem os comunistas chineses mediante o estabelecimento da Aliança do Sudeste da Ásia. Ao que parece, o Kremlin está preocupado ante a conduta do Govêrno de Pequim, receando que acabe provocando o desencadeamento da terceira guerra mundial. E a aliança ocidental do sulcste da Ásia seria o melhor corretivo que poderia encontrar o audaz govêrno comunista chinês.

PEREGRINO DA PAZ...

LONDRES, 17 (AFP) — A notícia do próximo encontro Churchill-Eisenhower em Washington criou uma impressão muito favorável na "City". Veio ela confirmar a impressão colhida já no início da semana de que, apesar do impasse e mesmo do fracasso da conferência de Genebra, não se deve esperar nenhuma agravação excepcional da situação no Extremo Oriente. Considera-se como certo, nos meios da "City" que, em Washington, sir Winston Churchill vai desempenhar o papel do "peregrino da paz".

EM CADEIRA DE RODAS

Um amigo íntimo do idoso primeiro ministro britânico revelou, hoje, que, há um ano, sir Winston Churchill sofreu um ataque de paralisia tão grave que os médicos recearam por sua vida.

O informante acrescentou que a paralisia, embora parcial, foi tão grave que Churchill quase não podia falar e teve que fazer uso de uma cadeira de rodas.

INDUCO
SHEPARD
Elevador de qualidade

FILOS
Armação Inquebrável
Cr$ 250,00 — OTICA NOVA
Rua Miguel Couto, 13
(prox. a Ouvidor)
NOVIDADE EM BIJOUTERIA FINA

CONTAS CORRENTES POPULARES
JUROS 6% a/a
BANCO DELAMARE S.A
Expediente das 9 às 18 horas

Agonizante a Conferência de Genebra

GENEBRA, 17 (U.P.) — Chou En-Lai, ministro do Exterior da China vermelha, conseguiu hoje adiar o encerramento da conferência sôbre a Indochina, ao apresentar uma proposta para restabelecer a paz no Laos e no Cambodge.

A proposta de Chou En-Lai sôbre o Laos e o Cambodge contém seis pontos:

1. Cessação do fogo nos dois Estados simultâneamente com o Viet-Nam.

2. Reuniões entre os dois altos comandos — em Genebra e sôbre o campo de luta — para decidir, entre outras coisas, a retirada das tropas estrangeiras.

3. Proibição do envio de tropas de refôrço ou material de guerra.

4. Medidas para o contrôle da cessação do fogo.

5. Libertação dos prisioneiros de guerra.

6. Garantia de que não haverá represálias.

A CHINA — GRANDE POTÊNCIA

O sr. Anthony Eden sustentará a causa da China, grande potência, nas conversações anglo-americanas de Washington, que terão início no próximo dia 25.

Durante a Conferência de Genebra, melhoraram as relações sino-britânicas, e a Grã-Bretanha, que tinha apenas um encarregado de negócios em Pequim, prepara-se para enviar para lá um embaixador, enquanto, de seu lado, a China se fará representar em Londres.

DE TÔDA PARTE DO MUNDO

ESCALA NA GUATEMALA — Cidade de Guatemala — Os aviões da PAA deixaram definitivamente de fazer escala nesta capital, devido à situação política, acaba de informar "uma fonte digna de crédito".

GUERRA NA INDOCHINA — Hanoi — As tropas francesas retiraram-se, ontem (sem luta), de mais dois postos no delta do rio Vermelho.

CONSELHO DO TRIGO — Londres — Abriu-se a reunião do Conselho Internacional do Trigo, encarregado da aplicação do acôrdo internacional do trigo.

PRISÕES DE POLITICOS — Havana — Roberto Agramonte, presidente do partido ortodoxo, foi prêso por membros do exército, junto com outros dirigentes da agremiação.

TROPAS FRANCESAS EM PONDICHERY — Nova Delhi — Um porta-voz do govêrno indiano declarou que, segundo as informações de posse de seu govêrno, trata-se de tropas do exército e não de gendarmes desembarcados em Pondichery.

CHANCELER AUSTRIACO EM LONDRES — Viena — Partiu com destino a Londres o chanceler austriaco Julius Raab.

CONCORDATA — Cidade do Vaticano — Rafael Trujillo y Molinas, ex-presidente de São Domingos, assinou a primeira concordata concluida entre a Santa Sé e seu pais.

VIAGEM DE ESCRITOR — Lisboa — Regressou de Paris o escritor Ferreira de Castro, que seguirá para o Brasil na próxima viagem do "Santa Maria".

NOVO GABINETE — Damasco — Said Gazzi, antigo vice-presidente do Conselho, foi encarregado de constituir o novo gabinete de caráter neutro.

PEDIDO DA TAILANDIA — Nações Unidas — O Conselho de Segurança reiniciou o exame do pedido da Tailândia para o envio de observadores da ONU ao seu território.

OPPENHEIMER — Washington — A Comissão de Energia Atômica publicou o apanhado estenográfico dos depoimentos prestados secretamente na comissão especial pelo dr. Robert Oppenheimer.

CHANCELER SEM GOVERNO — Paris — Georges Bidault deixou o aeródromo de Orly com destino a Genebra. "Volto para impedir uma separação apressada da conferência" declarou êle aos jornalistas.

(Condensados da U.P. e A.F.P.)

Situação alarmante na Guatemala - afirma Eisenhower

DE UM LADO: CARTUCHOS VAZIOS, DE OUTRO, AVIÕES

WASHINGTON, 17 (UP) — Falando aos jornalistas, em sua habitual entrevista à imprensa, o presidente Eisenhower declarou, ontem, que os acontecimentos dos últimos dias na Guatemala, inclusive a suspensão de certos direitos constitucionais e as detenções de elementos anticomunistas, são alarmantes para os norte-americanos.

RESPOSTA URUGUAIA

MONTEVIDÉU, 17 — O govêrno uruguaio anunciou oficialmente que resolveu aceitar a idéia de convocar uma conferência de chanceleres americanos para considerar o caso da Guatemala.

A informação oficial diz que o Uruguai aceita a idéia por julgar que "êsse procedimento oferece as máximas garantias para as partes".

CARTUCHOS VAZIOS

BERNA, 17 — O recente embarque suíço de "armas" para a Guatemala consistia, em realidade, de cartuchos vazios, inúteis para a guerra, segundo revelou hoje um porta-voz do govêrno da Suíça.

O valor total dos cartuchos era de 40.000 dólares.

Os funcionários do govêrno informaram que as 16 caixas interceptadas a 27 de maio, em Hamburgo (Alemanha), pelas autoridades norte-americanas e alemãs, continham oito toneladas de munições de treinamento, para canhões antiaéreos. Trata-se de cartuchos sem balas, e só se podem utilizar para ensinar os soldados a disparar ditos canhões antiaéreos.

O embarque, efetuado por meio de uma emprêsa privada suíça, continha 25.000 dêstes cartuchos vazios, avaliados sòmente em 134.000 francos suíços (40.000 dólares).

Os mesmos funcionários manifestaram que o govêrno suiço não vê razão alguma que justifique a apreensão do embarque.

CARROS BLINDADOS E AVIÕES

WASHINGTON, 17 — O Departamento de Estado anunciou que a Guatemala está procurando obter "quantidades consideráveis de carros blindados, aviões e munições", afora o importante carregamento de armas que lhe foi enviado recentemente do pôrto de Stettin, Polônia.

Um porta-voz do Departamento de Estado disse que os EE. UU. estão recebendo a cooperação que desejam dos governos amigos, e que têm sido coroados de êxitos seus esforços para impedir que essas armas cheguem à Guatemala.

EXPRESSO MAUÁ
Guarda Móveis — Mudanças
no Distrito Federal e para todos os Estados
O MAIS PERFEITO SERVIÇO NO GÊNERO
Preços excepcionais para guarda de móveis
Praça Mauá, 73 — Rio de Janeiro
Tels.: 23-4153 — 23-3249 — 23-3317

DUCAL envia à Suiça o Embaixador da Torcida Brasileira

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1954.

Às Lojas DUCAL.

Prezado Senhor,

Os jogadores que integram a Seleção do Brasil que disputará a Copa Jules Rimet no Campeonato Mundial de Futebol de 1954, desejosos de contarem com o incentivo de uma "Torcida Brasileira" nos campos da Suissa, apelam para V.S. concorrer no sentido de tornar realidade este justo desejo, colaborando para que seja proporcionado ao desportista Jaime de Carvalho, que é indubitavelmente o mais eficiente chefe de torcida do Brasil, como tem demonstrado como dirigente da torcida brasileira em disputas Internacionais, ir à Suissa organizar nossa torcida, arregimentando os brasileiros presentes às disputas e levando seu estímulo vibrante, sincero e essencialmente brasileiro.

Considere V.S., o que significará para nós jogadores, longe da nossa querida Patria, termos a felicidade de ouvir a "Charanga" tocar musicas brasileiras, e mais, as vozes de uma "Torcida Brasileira" juntamente com a voz incentivadora de Jaime de Carvalho, conclamando: BRASIL ! BRASIL ! MAIS UM ! MAIS UM ! ...

Certos de que V.S., como brasileiro, compreenderá o significado do nosso apelo, e fará o possível para nos atender, ficamos-lhe, desde já,

SINCERAMENTE AGRADECIDOS.

O DOCUMENTO que estampamos acima é o apêlo, assinado por tôda a delegação brasileira, desde o técnico até o cozinheiro, incluindo os 22 jogadores, para que Ducal enviasse aos campos da Suiça, Jaime de Carvalho, o mais eficiente chefe de torcida do Brasil. Ducal não podia deixar de atender a êsse apêlo, e assim enviou Jaime de Carvalho para organizar a nossa torcida, levando aos nossos jogadores o calor do nosso estímulo, indispensável para a vitória final.

Assinam êsse documento:
Zezé Moreira.
Carlos Castilho (Castilho).
Caetano da Silva (Veludo).
Luiz de Morais (Cabeção).
João Carlos Pinheiro (Pinheiro).
Mauro R. de Oliveira (Mauro).
Nilton Santos (Santos).
Djalma Santos.
Paulo Almeida Ribeiro (Paulinho).
Alfredo Ramos (Alfredo).
Ely do Amparo (Ely).
José Carlos Bauer (Bauer).
Antenor Lucas (Brandãozinho).
José Mendonça dos Santos (Dequinha).
Júlio Botelho (Julinho).
Waldir Pereira (Didi).
Oswaldo da Silva (Baltazar).
José Lázaro Robles (Pinga).
Francisco Rodrigues (Rodrigues).
Mauro Rafael (Maurinho).
Rubens Josué da Costa (Rubens).
Aloisio Francisco da Luz (Indio).
Humberto Barbosa Tozzi (Humberto).
Mário Américo.
Mário Viana.
Sandro Moreyra.
Canor Simões Coelho.
Everardo Lopes.
Mário Valc.
Mozart di Giorgio e outros.

5% CONTA POPULAR
BANCO DE MINAS GERAES
RUA BUENOS AIRES 48 - CENTRO
AVENIDA GRAÇA ARANHA 296 A-CASTELO
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ 581 - IPANEMA
RUA CONEGO VASCONCELOS 104 A-BANGU
RUA FIGUEIRA DE MELO 360 - S.CRISTOVÃO
MANOEL FERREIRA GUIMARÃES - DIRETOR VICE-PRESIDENTE
CELITO ZEBRAL CALDAS - DIRETOR GERENTE
7% PRASO FIXO 12 MEZES

Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro

Séde: Av. Rio Branco, 117-3.º andar — salas 318 e 319 (Edifício Jornal do Comércio) Tel.: 52-4445

EDITAL DE CONVOCAÇAO
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINARIA

A Diretoria dêste, recebeu ofício da Comissão de Vendedores de Jornais e Revistas, solicitando designação, urgente, de data para realização de Assembléia Geral Extraordinária, com a seguinte ORDEM DO DIA:

1.º) — LEITURA E APROVAÇAO DA ATA DA ULTIMA ASSEMBLEIA GERAL.

2.º) — COMUNICAÇAO DA COMISSAO DE VENDEDÔRES DE JORNAIS E REVISTAS, DOS RESULTADOS OBTIDOS A RESPEITO DO AUMENTO DE PERCENTAGEM DOS JORNAIS E REVISTAS, PERANTE OS PROPRIETARIOS DAS MESMAS.

3.º) — OUTROS ASSUNTOS DE INTERÊSSE GERAL DA CLASSE, QUE POR VENTURA SURJAM NO DECORRER DAS DISCUSSÕES.

Tendo em vista êsse ofício a Diretoria em sessão de 7-6-1954, deliberou a data de 20 de Junho de 1954, domingo próximo, na Sede da Sociedade dos Auxiliares da Imprensa, situada à Praça 11 de Junho n.º 100 — Sobrado, gentilmente cedida pela sua D.D. Diretoria às 17,00 em 1.ª ou às 18,00 horas em 2.ª convocação, para a qual convida todos os associados, quites e em pleno gôzo de seus direitos sindicais.

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1954.

Mario Foscolo Ferrota — 1.º Secretário.

ATENÇAO: Esta Assembléia somente será levada a efeito, com a presença de número suficiente de associados quites, solicitase apresentarem-se munidos de carteira social e recibo de mensalidade.

COPACABANA
EDIFICIO CONSTRUIDO — Vendem-se os últimos apartamentos do Edificio CIRU, situado à Rua Toneleros ns. 89 e 91, e constituídos de sala, 3 quartos, armários embutidos, grande cozinha, área com tanque, dependências de empregada, garagem e "play-ground". Grande facilidade de pagamento. Diàriamente, no local, há pessoas para mostrar os apartamentos à venda. Informações e vendas com a Imobiliária Delamare S.A. — Av. Presidente Vargas, 446 — 3.º — Tels.: 43-1155 — 43-1139 e 43-6737

ARCOZELO — Vendo sitio, a 1.500 mts. da estação, de 65.000 m2, à razão de Cr$ 6,00 o m2. Tratar com o sr. Luiz, tel. 25-9091.

GELADEIRAS
AMERICANAS
GENERAL ELECTRIC
ADMIRAL
PHILCO
WESTINGHOUSE
CROSLEY
* Modelos 1954
* Luxo, meio-luxo ou super-luxo
* 8, 9, 11 ou 12 pés cúbicos
* Garantia de 5 anos
* Preço sem competidor: à vista ou a prazo
W. M. REIS S.A.
AV. RIO BRANCO, 115-125

PNEUS
RECAUCHUTADORA CONTINENTAL LTDA
R. DAS MARRECAS

PRAIA
Terrenos à margem da mais linda praia
Em frente a Copacabana, muita gente construindo e morando no local, ruas abertas, água e luz. Otimos banhos de mar e pescarias. 3 linhas de ônibus, 20 minutos das barcas à praia. Por lei publicada no "Diário Oficial" de 5-8-53 ficou considerado bairro turístico, isso devido à afluência de gente de tôda parte. Construção livre, posse imediata. Preço a partir de Cr$ 15.000,00 entrada Cr$ 250,00 e prestações Cr$ 250,00 SEM JUROS. Contrato imediato em Cartório, pelo Decreto-Lei 58. Plantas, informações e vendas com ANTONIO NONATO VIEIRA & CIA LTDA. Rua da Quitanda, 20, 1.º andar, sala 101 — Telefones 32-3652 e 22-1817 — Esquina rua da Assembléia. Saidas para o local, quartas e sábados, às 13 hs, domingos e feriados, às 8 hs. Condução grátis. Reservem seus lugares.

CIA. BOAVISTA DE SEGUROS
CAPITAIS E RESERVAS
Cr$ 114.191.216,60
BOAVISTA, CIA. DE SEGUROS DE VIDA

OPTICA MODERNA
ARTHUR JACINTHO RODRIGUES
LONGE PERTO LONGE PERTO
RUA MÉXICO, 98 C

CLICHÊS EM GERAL
Aceitam-se encomendas de clichês para jornais, revistas, cartazes, etc.
Tratar na gerência da TRIBUNA DA IMPRENSA
RUA DO LAVRADIO, 98 — Tel.: 32-8188

BANCO HIPOTECÁRIO E AGRÍCOLA DO ESTADO DE MINAS GERAIS, S.A.
FUNDADO EM 1911 — TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS — Sede: BELO HORIZONTE — Praça Sete de Setembro. Sucursais: RIO DE JANEIRO — Rua da Quitanda, 105, 107 e 109; SAO PAULO — Rua da Quitanda, 126
Outros Departamentos: Aimorés, Alfenas, Anápolis, Araguari, Barbacena, Barra Mansa, Barretos, Bicas, Buriti Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, Campina Verde, Campinas (Go.), Campo Belo, Campo Grande (D. F.), Campos, Capelinha, Carangola, Caratinga, Cataguases, Catalão, Cláudio, Colatina, Conquista, Curvelo, Diamantina, Dôres do Indaiá, Duque de Caxias, Formiga, Franca, Goiânia, Goiás, Gov. Valadares, Guanhães, Guarupé, Igarapava, Inhumas, Ipameri, Ipanema (M. G.), Itajubá, Itaperuna, Ituiutaba, Itumbiara, Jacutinga, Januária, Jequitinhonha, Juiz de Fora, Lavras, Leopoldina, Macaé, Machado, Madureira (D. F.), Manhuaçu, Manhumirim, Mar de Espanha, Matozinhos, Monte Santo de Minas, Montes Claros, Muriaé, Niterói, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Nova Resende, Oliveira, Paracatu, Passa Quatro, Passos, Patos de Minas, Pedra Azul, Pedreguilho, Perdões, Petrópolis, Pirapetinga, Pirapora, Pires do Rio, Pitangui, Ponte Nova, Porto Novo do Cunha, Pouso Alegre, Praça da Bandeira (D. F.), Prata, Raul Soares, Recreio, Resplendor, Rio Pomba, Santos, S. Gonçalo, S. Sebastião do Paraiso, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Teresópolis, Tupaciguara, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Varginha, Vitória.

UM BOM CONSELHO
Examine seus olhos
NA CASA LOHNER S.A
MÉDICO TÉCNICA
V. S. encontra os mais competentes técnicos para a execução da sua prescrição médica, assim como armações e lentes dos melhores fabricantes alemães e americanos.
AVENIDA RIO BRANCO, 133

1ª VITÓRIA
BRASIL: 5x0

Cr$ 4.200, o "bicho".

GENEBRA, 17 (De Lucio Guimarães, Especial Para TRIBUNA DA IMPRENSA) — *Trezentos francos suiços deverá ser o "bicho" dos jogadores brasileiros, pela espetacular goleada imposta ontem ao México.*

Tal importância equivale em moeda brasileira a aproximadamente quatro mil e duzentos cruzeiros (Cr$ 4.200,00) e deverá ser paga antes do encontro com a Iugoslávia.

DIDI E JULINHO OS PRIMEIROS MACHUCADOS

GENEBRA, 17 (De Lucio Guimarães, Especial Para TRIBUNA DA IMPRENSA) — Didi e Julinho estão sob cuidados médicos do dr. Paes Barreto, devido a contusões sofridas no jôgo de ontem com os mexicanos.

O meia brasileiro foi atingido na altura do tornozelo, ressentindo-se bastante, enquanto que Julinho ficou contundido na perna, também com alguma violência.

Tudo faz crer, no entanto, que Didi e Julinho não venham a se constituir em problemas, podendo estar recuperados até sábado e com escalação garantida para a partida com a Iugoslávia.

O PRESIDENTE NÃO VIU A VITÓRIA

GENEBRA, 17 (De Lucio Guimarães, Especial Para TRIBUNA DA IMPRENSA) — Rivadavia Correia Meyer não assistiu à vitória do Brasil sôbre o México ontem, nesta cidade.

O presidente da C.B.D., que em 1950 adoeceu pouco antes da abertura da "Copa do Mundo", esteve em Berna, onde presenciou ao encontro entre Uruguai e Tchecoslováquia.

PRIMEIRO "PLACARD" DA COPA

Brasil x México
1.º tempo: 4x0, Brasil
Final: 5x0, Brasil
x x x
Uruguai x Tchecoslováquia
1.º tempo — 0x0
Final — Uruguai 2x0
(Schiaffino)
x x x
Escócia x Austria
1.º tempo — Austria 1x0
(Probsty)
Final — Austria 1x0
x x x
França x Iugoslávia
1.º tempo — 0x0
Final — Iugoslávia 1x0
(Linovitz)

"O mais difícil foi começar" -- manda-nos dizer, de Genebra, o nosso enviado especial LUCIO GUIMARÃES, comentando e descrevendo telegráficamente (Via Radiobrás) os 5 x 0 de ontem

O MAIS difícil foi começar. Exatamente e apenas começar a COPA DO MUNDO N.º 5. Vencer o longo periodo de inatividade e ansiedade que vinhamos, todos os que aqui estão acompanhando de perto e vivendo intensamente êste grande Torneio de Campeões, suportando e amenizando com aquela série monotona de treinos, jogos-treino, o disse-me-disse da guerra fria explorado pelos jornais, o nervosismo, a batalha da véspera, travada principalmente nos bastidores: começar, enfim.

O mais, o resto foi fácil, bem mais do que esperevamos e pintaram. Até mesmo o adversário — o time do México, que ontem só foi realmente perigoso enquanto aguardava o início do jôgo no vestiário do campo do Servette e durante os 20 primeiros minutos de luta, justamente o tempo que a seleção brasileira precisou para acomodar os nervos e desencabular.

Depois disso, veio uma grande vitória, perfeitamente traduzida pelo escore de 5x0, que pode e deve ser também tôda a história da bonita, cômoda e aplaudida estréia da nossa seleção na V Copa do Mundo, que tem a Suiça como palco.

Vencemos bem, com muita categoria, exibindo um futebol de primeira classe, mostrando claramente que temos capacidade e gente para chegar às finais desta competição — desde que saibam os nossos jogadores e os seus comandantes conduzir-se de modo a não ficar sòmente nêsse grande passo e principio auspicioso.

A Genebra que esteve ontem no Estádio do Servette, é muito bem representada, por quase trinta mil excelentes desportistas suiços, póde ver, teve a oportunidade de ver, realmente, uma boa demonstração do que é o futebol brasileiro, do nosso grau de desportividade, e do que somos, quando nos dispomos a isso, como gente civilizada, disciplinada e valorosa na luta.

O que foi o jôgo e como conseguimos aquela vitória ampla e indiscutível — (5x0) — é o que procurarei resumir em seguida, com as observações que fiz durante os noventa minutos do match. Observações registradas ao sabor do relógio e dos acontecimentos mais importantes e decisivos para a vitória do time do Brasil, no próprio local da disputa.

1.º TEMPO

O ESTADIO do Servette tem uma capacidade para 45 mil pessoas. E não está cheio. Ha muito lugar vazio na parte das cadeiras numeradas. O cálculo mais razoável sôbre a sua assistência deve ser feito na base de 30 mil espectadores. Nunca mais do que isso.

Contrariando tôdas as antecipações meteorológicas, chove, temos 18º de temperatura e muita umidade. Pelo menos em meteorologia os suiços, parece, são como os brasileiros: custam a acertar. O gramado está muito pesado e escorregadio, embora esteja, também, muito bem tratado.

Numa das suas cabeceiras, bem próximo a um dos "goals", os milhares de brasileiros que invadiram Genebra se encontraram, empunhando bandeiras do Brasil, e muitos instrumentos barulhentos. Teremos boa (e brasileira) torcida, sem dúvida.

Há também uma banda de música suiça, bem uniformizada, executando dobrados (suiços).

Os dois times aparecem em campo, ganharam aplausos de todo mundo. Ouviram, perfilados, os seus hinos nacionais. O árbitro (suiço) Paul Wyssling sem atraso de um minuto (às 18 horas daqui, precisamente) ordenou o inicio do jôgo. Saida de Baltazar, para o Brasil. A primeira iniciativa de ataque pertenceu aos brasileiros. Desfeita e replicada imediatamente pelo quadro mexicano, que levou a bola ao campo contrário pelos pés de Arellano.

O time brasileiro está muito confuso e agitado. Parece descontrolado pelos nervos. O time mexicano, porém, não tira bom proveito dessa situação. Resultado: o futebol que se vê não chega a agradar e convencer.

Aos 8 minutos, Castilho faz a sua primeira defesa, muito tranquilo por sinal, de um ataque mal urdido de Lamadrid.

Logo a seguir, aos 9, Baltazar perde uma grande oportunidade para abrir a contagem. A melhor surgida até agora. Ele estava sòzinho quando recebeu e chutou mal a bola. Pinga, Julinho, Rodrigues, e o próprio Didi não andam muito bem nestes primeiros 15 minutos. Baltazar, apesar de muito desperdiçado, é o mais perigoso e agressivo.

A defesa não tem muito trabalho, mas não anda muito segura, também. Principalmente Brandãozinho e o grande Nilton Santos. Tôdas as ações iniciais, entretanto, são do ataque brasileiro, que é constantemente empurrado por Bauer, Pinheiro (com passes longos) e às vêzes pelo Djalma Santos. Parece que com um pouco mais de insistência, teremos o primeiro "goal" da partida. E do Brasil. O time mexicano defende-se como pode. Seu goleiro (suplente) Motta é muito empenhado, muito ágil e espetaculoso. Tem também um grande jogador de centro do campo: o centro médio Cardenas. Joga em WM — mas muito desordenado e descuidado. O essencial para êles, parece, é que cada um dê e faça o que puder no momento.

Os minutos, entretanto, passam. E nada de "goal". O jôgo felizmente, está muito limpo. Temos mais de vinte minutos.

Pronto, veio o que faltava e o que todos esperavam: Baltazar, aos 23 minutos, esquecido pelos mexicanos, aproveitando um grande vazio na defesa asteca, mandou a bola às redes. Brasil, 1 x 0.

E o time da camisa verde e amarela melhora imediatamente. Agora há mais serenidade. A turma parece que vai embalar.

Bauer grita em campo, como autêntico campeão. Baltazar também não está calado. E o ataque continua martelando, com Pinga bem melhor e mais perigoso. Há uma falta perto da área mexicana. Perigosa: é o Rodrigues quem vai bater. A barreira dos mexicanos está mal feita: só três homens. Rodrigues, porem, só fêz ameaçar. Fingiu que ia soltar o pé, pulou por cima da bola — e a classe, e tôda a malícia, e a "picardia" do Didi entrou em cena: Brasil, 2 x 0. Didi cobriu mansamente a barreira e o goleiro, levantando a bola e colocando-a bem no fundo das redes, 30 minutos de jôgo. Foi um "goal" bem brasileiro, êsse segundo.

E o espetáculo começa a interessar mais no público. O suiço sabe torcer também. E com muito barulho. Gosta de ver jogadas bonitas; o seu fraco são os dribles e as jogadas de calcanhar.

O time mexicano parece desarvorado. Andou fazendo umas tentativas na área brasileira, sem resultado prático.

Os brasileiros melhoram cada vez mais. Pinheiro faz "dominada". Brandãozinho está mais firme. Bauer cresce. Djalma Santos nem se fala. Didi "capricha" em dois dribles e numa troca de passes com Pinga. Grande jogada: 3 x 0, Brasil. Pinga deu o ar de sua graça, concluindo oportuna e certeiramente o passe do meia do Fluminense. Mas não fica aí a história do placard. Pinga provou e gostou: Brasil, 4 x 0. 43 minutos. O primeiro tempo vai acabar.

A ESTATÍSTICA

Nesse primeiro tempo a seleção brasileira atacou 25 vêzes. E a mexicana apenas 12. O goleiro Motta fêz 6 defesas dificeis. Castilho, ao contrário, apenas 3 — e muito fáceis.

Os brasileiros concederam 2 escanteios; os mexicanos, 3. Fizeram 3 "fouls" contra 5 dos mexicanos. Botaram uma bola na trave de Motta (chute de Pinga); sem que os mexicanos pudessem fazer o mesmo.

2.º TEMPO

DEPOIS do intervalo — de exata e regulamentarmente 10 minutos — os jogadores voltaram ao campo, e os brasileiros foram recebidos com aquela marchinha "Cachaça não é água não" cantada pela torcida brasileira.

O jôgo foi reiniciado com os brasileiros jogando tranquilamente. Realmente, preocupados apenas com uma coisa: o "show". A bola começou correr de pé para pé. E todos querem brincar no meia. A torcida suiça gosta disso.

Os mexicanos estão mesmo batidos. Não têm capacidade ofensiva. Esbarram sempre, sempre na entrada da área brasileira. E parecem mais irritados, agora. Pelo menos já estão recorrendo aos pontapés desleais. Didi, aos 17 minutos, é atingido no tornozelo e cai em campo. Baltazar não gostou e começa discutir com Lopez. O juiz intervem, Bauer também, tudo acaba em paz. E o jôgo prosegue.

Mais cinco minutos tranquilos, e Julinho que ainda não conseguira se firmar faz o "goal" de gala da partida. Dibla três adversários, fecha sôbre o "goal" e arremata com violência e precisão: Brasil, 5 x 0. Um bolaço. Julinho até agora vinha jogando mal, caindo muito em campo. Está reabilitado. Recebe uma ovação da assistência. Temos 23 minutos.

E Zezé manda Mário Américo ordenar "cuidado, pouco empenho, atenção para o jôgo de sábado". A vitória não mais corre o menor risco. Uma bela vitória, inegàvelmente.

E as filigranas aumentam. Todo o time brasileiro joga à vontade, a esta altura. Enquanto os mexicanos parecem já conformados com a sorte amarga. Não têm outro jeito. Todo interêsse dêles, agora, é pelo célebre "goal" de honra. E por isso avançam, aproveitando também o desinterêsse e o retraimento lógico dos brasileiros.

E a vez de Castilho mostrar o que sabe. Aos 35 êle faz uma grande defesa, mergulhando numa bola rasteira e bem chutada por Balcazar. Foi a sua melhor e mais dificil intervenção até êste momento.

A resposta brasileira veio, porém, com uma troca de passes infernais entre Bauer, Didi, Julinho, Pinga e novamente Bauer. Os mexicanos ficam a ver a bola correr e mudar (10 vêzes seguidas) de pés, sem conseguirem alcançá-la.

A chuva engrossa, o público procura abrigo. A bola parece que vai ficando pesada. E o campo mais escorregadio.

Estamos com quase 40 minutos. Castilho volta a ser empregado a fundo. E sai-se bem. Mas, agora, é Julinho quem cai, atingido, na perna esquerda, torcendo-se de dores. Djalma Santos carrega-o para a pista, onde o dr. Paes Barreto está para medicá-lo, juntamente com o Mário Américo.

E a torcida brasileira volta a cantar a "Cachaça". E a gritar "Brasil". A festa da estréia está a terminar. O relógio suiço é preciso: Paul Wyssling, o bom árbitro, está consultando-o. E apita pela última vez. Recolhe a bola, é cumprimentado por Bauer, volta aos vestiários. O Brasil deu mais um grande passo nesta V Copa do Mundo: 5 x 0.

A ESTATÍSTICA

Nos 45 minutos finais, o time brasileiro atacou 23 vêzes; e o mexicano 20. Castilho fêz 3 defesas dificeis; Motta, 7. A defesa mexicana concedeu 5 cornera; a brasileira 3.

Nos "fouls" venceram os mexicanos: 3 x 2. E mais uma bola na trave do México (Julinho). O jôgo também foi limpo, bem disputado e bem dirigido.

PORMENORES TÉCNICOS

LOCAL: Genebra
JUIZ: — Paul WYSSLING (Suiça).

QUADROS:

BRASIL: Castilho, Pinheiro e Nilton Santos; Djalma Santos, Brandãozinho e Bauer; Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues.

MEXICO: Motta, Lopez e Romo; Martinez, Cardenas e Avalos; Tôrres, Naranjo, Lamadrid, Balcazar e Arellano.

PRIMEIRO TEMPO: Brasil 4 x 0 (Baltazar aos 23', Didi aos 29', Pinga aos 34 e 42 minutos).

FINAL: Brasil 5 x 0 (Julinho aos 23 minutos).



Esta foi a linha da goleada de estréia. Dos cinco, o melhor foi Pinga e o mais combativo Baltazar. Só Rodrigues não fêz goal, em compensação trabalhou exaustivamente no centro do campo. Julinho fêz o goal de gala. E Didi o da "malícia".

CASA DE CASTILHO — MUITA CALMA



ENTRE as numerosas familias de torcedores que ficaram coladas aos aparelhos de rádio acompanhando a partida de estréia da seleção brasileira também estava aquela gente simples que são os sogros e a mulher do goleiro Castilho. Ali perto de Bonsucesso, no bairro Higienópolis, êles ficaram torcendo pelo Castilho e pelos companheiros do seu grande ídolo, genro e marido.

Nervosos a princípio, como todos os torcedores, mas confiantes sempre. D. Vilma, ainda convalescente, preferiu não ouvir o principio do jôgo. Só foi para perto do rádio depois do segundo gol:

— "Estou poupando os nervos para os jogos mais dificeis, quando meu marido estará, certamente, mais empenhado".

E completou:

— "Tudo me diz que Carlos voltará campeão do mundo".

Gratificação monstro se o Brasil fôr campeão

Assunto que começa a ser ventilado depois da estréia vitoriosa

GENEBRA, 17 (De Lúcio Guimarães, especial para TRIBUNA DA IMPRENSA) — Depois dos cinco a zero do Brasil sôbre o México, já foram iniciados os entendimentos para uma gratificação-monstro se os jogadores se laurearem como campeões do mundo.

RENDA DO MARACANA

Cogita-se de realizar uma partida-exibição entre as Seleções "A" (Azul) x "B" (Branco), no Estádio do Maracanã, logo após a chegada ao Rio de Janeiro.

Antes dessa exibição (ou no intervalo) seriam prestadas grandes homenagens aos novos campeões do mundo. A renda liquida do encontro (talvez a bruta, se todos abrirem mão das porcentagens), seria dividida entre os jogadores, acreditando-se que cêrca de três milhões seriam arrecadados fàcilmente.

ADESAO DE SAO PAULO

Sabe-se que os paulistas tomariam igual deliberação, com outro prélio-exibição no Pacaembu, como novas homenagens e nova divisão de renda.

Ontem mesmo, os srs. João Lyra Filho (Chefe da Delegação) e Irineu Chaves (superintendente da C.B.D.) iniciaram os estudos para que tal possibilidade possa ser concretizada.

Tudo dependerá, portanto, de os jogadores brasileiros, embalados pelos cinco a zero em cima dos mexicanos, possam continuar vencendo até alcançar o título de campeões do mundo.

"Jogamos o suficiente para ganhar bem"

Declarações de Zezé Moreira, logo depois dos 5 x 0 de ontem, em Genebra

GENEBRA, 17 (De Lúcio Guimarães, especial para TRIBUNA DA IMPRENSA) — "O quadro jogou o suficiente para ganhar bem. Jogamos certo e creio, sinceramente, que poderemos melhorar no decorrer da competição. Lamento apenas que o selecionado mexicano não tenha oferecido maior resistência, entregando-se muito cedo. Os mexicanos não jogaram hoje o que podem, andaram muito infelizes e nervosos" — foram estas as declarações do técnico Zezé Moreira à TRIBUNA DA IMPRENSA, logo depois do jôgo de ontem, no vestiário do estádio do Servette.

O técnico estava contente e não chegava para os abraços

"APENAS COMEÇOU"

Falando aos jogadores, com poucas palavras, Zezé Moreira disse depois dos 5x0: "Rapazes, apenas começamos. Agora é tocar pra frente. Pernoitaremos em Lyon, no Hotel dos Alpes, e amanhã regressaremos a Macolin. Os suplentes que estiveram fora da partida de hoje deverão preparar-se para um individual. Sábado voltaremos ao Hotel dos Alpes. E' só".

VISITA DE CORTESIA

Depois do jôgo, os mexicanos estiveram em visita ao vestiário dos brasileiros, cumprimentando um por um da nossa delegação. Mais tarde, o ministro Lyra Filho retribuiu a visita.

Djalma Santos, na defesa Pinga, no ataque os melhores do time

GENEBRA, 17 (De Lúcio Guimarães, especial para TRIBUNA DA IMPRENSA) — De um modo geral agradou plenamente o trabalho da equipe brasileira no seu jôgo de estréia frente ao México. As restrições que poderiam ser feitas aos primeiros minutos de nervosismo, desapareceram com a sequência da partida.

Cabe agora, perfeitamente, uma análise rápida dos onze jogadores, a fim de que se tenha uma idéia de seu trabalho durante os noventa minutos.

Começando por Castilho, vamos dizer que o arqueiro passou um tempo inicial tranquilo, pois não houve jogada de vulto contra o seu arco. Na zaga, Pinheiro e Nilton Santos com algum nervosismo nos primeiros 15 minutos, foram aos poucos se firmando, para cumprir depois performances muito boas, notadamente Nilton.

Os três valores da intermediária se houveram a contento. Djalma Santos foi de uma regularidade extraordinária, jogando bem do primeiro ao último minuto. Brandãozinho e Bauer deixaram-se envolver pela onda de preocupação, mas também foram se recuperando aos poucos e já na metade da fase inicial estavam atuando bem. Bauer, no tempo final, conseguiu exibir-se em tôda plenitude de sua forma.

Não se pode dizer que a ofensiva estêve cem por cento. Teve os quinze minutos de abertura com muita indecisão, com falta de poder de infiltração. Tão depressa os médios se firmaram, os avantes foram progredindo, envolvendo a defesa. Na etapa final, acomodados com o placar, não fizeram questão de se empregar muito.

Pinga foi a figura mais eficiente e regular. Firme no contrôle da bola e nos passes, desembaraçado nas investidas e feliz nos arremessos, Pinga esteve em plano destacado. Baltazar e Rodrigues foram seus melhores seguidores, pois estiveram sempre em muita evidência, notadamente o extrema esquerda. Julinho fêz um primeiro tempo falho, escorregando muito e perdendo boas chances; melhorou no periodo final e fêz um tento maravilhoso. Didi foi, talvez, o mais fraco dos cinco, embora sua atuação não comprometesse e chegasse a ser útil no trabalho de defesa.

A HISTÓRIA DOS 5 x 0

NASCERAM assim os tentos do Brasil na partida de ontem:

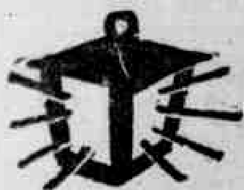
1.º, Baltazar — 23 minutos de jôgo, Baltazar e Pinga trocam passes, e finalmente Baltazar, da entrada da área, abre a contagem.

2.º, Didi — 29 minutos. Didi cobra penalidade na meia lua da grande área. Rodrigues atrapalha a barreira feita pelos mexicanos, e o meia chuta no ângulo, cobrindo o goleiro colocado no canto oposto.

3.º, Pinga — 34 minutos, nova combinação com Baltazar, desta feita cabendo a Pinga o arremate final.

4.º, Pinga — 42 minutos. Pinga recebe de Didi em profundidade, foge à marcação e marca sem maior dificuldade.

5.º, Julinho — 23 minutos da segunda fase. Julinho em jogada individual passa por três adversários e liquida a partida. Era o quinto e último tento do jôgo.



TRIBUNA DA IMPRENSA



CADERNO 2

ANO VI — RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1954 — N.º 1360

PÁGINA FEMININA — VIDA SOCIAL — TEATRO — CINEMA — MÚSICA — RÁDIO — ARTES — DESFILE — CRIANÇAS — TODOS OS ESPORTES

TEMPORADA DE "BALLET"



Sra. Mauro Joppert e sua filha, na estréia da Temporada Oficial de Ballet. (Foto de Newton Viana, da TRIBUNA DA IMPRENSA)

Início, ontem, no Teatro Municipal — Apresentação do corpo de baile do marquês de Cuevas

A TEMPORADA oficial de "ballet" do teatro Municipal foi inaugurada ontem com o corpo de baile do marquês de Cuevas.

O teatro estava repleto. Desde as frisas até a galeria. Mulheres elegantemente vestidas passeavam pelo "foyer" exibindo modelos franceses.

Na platéia, nas frisas e nos camarotes as mulheres se apresentaram vestidas a "rigor". E os homens também. No balcão nobre o traje de rigor foi o preferido.

Nos balcões simples e na galeria as mulheres usavam vestidos de passeio, todos êles elegantes, e pequenos chapéus, na maioria enfeitados de pedras coloridas. Todos pequenos.

As mulheres que trajavam "soirée" usavam, ainda bonitas capas de pele, para se protegerem da refrigeração do teatro que funcionava muito bem.

Vimos capas de todos os tamanhos e de várias côres, destacando-se as de côres brancas e marron.

O corpo de baile do marquês de Cuevas que acabou de chegar ontem pela manhã, apresentou um programa variado, que constou dos seguintes números: "Concerto Barroco", tendo como principais intérpretes, Jacqueline Moureau e Richard Adamas; "Idilio" com Georges Skibine; Marjorie Tallchieff e Skuratoff, "A Silfide" com Rosella e Serge Gulovine.

Jacqueline Moureau e Richard Adama, antes de entrarem em cena, para dançarem o "Concerto Barroco"



TORCEU COM VONTADE A MULHER CARIOCA

E O Brasil venceu mesmo. O escore não foi o previsto pelas mulheres do Ademir e do Castilho, isto é, 4x1 e 4x0, e sim de 5x0 o que, sem dúvida, foi muito melhor. Em todos os lugares onde havia um rádio, estava também, uma mulher, torcendo pela vitória do selecionado brasileiro. Gritando e pulando comemoravam cada "goal", como só elas sabem fazer. Ora era o nome de Julinho, ora o de Baltazar e muitas vêzes o de Pinga, que se ouvia na voz das torcedoras brasileiras, tão entusiastas quanto os homens. As quatro da foto são Irene Cardoso, Gersy Messias, Leonor Dias e Adélia Araujo. Tôdas acreditam que o Brasil chegará às finais e estão dispostas a continuar torcendo com a mesma alegria de ontem.

"Evandro": primeira ópera composta por uma mulher



Sra. Aracy Araújo

Aracy Araujo, brasileira, a autora - Harmonia mais avançada que a romântica — Contrastes na orquestração

A PRIMEIRA ópera escrita por uma mulher e aprovada por mestres da música foi composta por uma brasileira. É sua autora a sra. Aracy Araújo, dona de casa, residente na rua Duvivier, nesta capital. Ela compôs a ópera "Evandro".

A Comissão Artística Cultural do Teatro Municipal, composta de grandes musicistas, aprovou-a, incluindo-a no seu repertório. No Municipal, "Evandro" será levada, para os cariocas.

A ópera

"Evandro", cujo texto é também da sra. Aracy Araújo, é uma ópera diferente. Filia-se à grande ópera, mas não tem cenas interrompidas. Sua harmonia é mais avançada do que a romântica. Não tem o exotismo da moderna.

Na orquestração possui grandes contrastes, seguindo as diferentes passagens. Conta a história do homem que está em procura da felicidade.

A compositora

Foi professor de música da sra. Aracy Araújo o maestro J. Octaviano, catedrático de Composição do Conservatório Nacional de Música. Sua primeira inclinação — disse-nos — foi para as letras.

Mas, de tanto ouvir as melodias compostas por seu pai, sentiu vontade de compor. Começou e deu certo.

Alguns anos

Para preparar "Evandro", levou alguns anos (4, mais ou menos). Agora, está trabalhando em outra ópera, ainda sem titulo e assunto.

Procura, entre vários, um tema de seu agrado.

Incentivo musical

A autora de "Evandro" pretende facilitar o aprimoramento da vocação musical nas crianças. Para tanto fundará, breve, uma escola de iniciação musical, aqui no Rio.

Nela se matricularão apenas crianças de 6 a 12 anos. Meninos e meninas.

Maior fã

O maior fã da sra. Aracy é seu sobrinho Miguel. Basta que a compositora tome lugar ao piano, para que Miguel se aproxime. E fica horas e horas ouvindo a titia.

Miguel tem pouco mais de meio metro de altura e seis anos de idade.



NOITE DE FESTA NO COUNTRY

NA noite de 13 houve a "Festa Brasileira", no Country Club, para onde foram centenas de garotas e rapazes da cidade. A animação apareceu desde o início, logo que começou a tocar a música do Bené.

Ouviram-se na festa músicas brasileiras, trazidas do Norte, do Centro e do Sul. Já tarde da noite o maxixe apareceu, levado por um casal de bailarinos.

Na foto, as srtas. Maria do Carmo e Cândida Pinheiro, num dos intervalos. Crônica sôbre a "Festa Brasileira" na página 2 dêste caderno.

Casamento de Vera Lucia e Luís Prado Kelly

O CASAMENTO de Vera Maria e Luís Prado Kelly foi o acontecimento social do início da semana. Trajando um lindo vestido de organdi bordado, a noiva mobilizou as atenções no momento em que entrou na igreja, conduzida por seu pai. Vera distribuiu sorrisos de agradecimento, como só uma noiva sabe fazer. A capela da Reitoria da Universidade do Brasil estava completamente cheia. Ornamentada com muito gôsto mostrava bem o interêsse com que foi enfeitada. O noivo, impaciente, aguardava a chegada da noiva, ao lado dos padrinhos. O movimento dos convidados era grande. As mulheres vestiam-se elagantemente, exibindo bonitos vestidos e chapéus modernos. Na fotografia ao lado, a menina Vera Maria Magalhães Veiga, que levava as alianças, atrapalhada com sua saia comprida. Em baixo, a noiva, Vera Maria.





DESFILE

SERGIO PORTO

O CONTRAGOLPE

CONVERSÁVAMOS sôbre o aumento do custo de vida. Sei que não é lá assunto muito original, mas sempre serve.

Êle enumerava as coisas que mais subiram de preço, desde os artigos de primeira necessidade até as coisas de grande luxo. E acrescentava, a cada momento:

— E' um absurdo, é um absurdo...

Depois, falou em "boites". No preço das "boites", nas bebidas, nos "couverts", etc.

— Aliás — esclareceu —, comigo êles saem perdendo. Sempre paguei na batata. Mas, depois que começou a roubalheira, apelei para o contragolpe do gargalo. Nunca fizera isso antes, mas agora, meu filho, é tôda vez: roubaram na nota, eu aplico o contragolpe do gargalo.

Fiquei na mesma, é claro. Que diabo seria "contragolpe do gargalo?"

Êle, frequentador assíduo de "night-clubs", ficou admirado.

— Não sabe? Nunca ouviu falar no contragolpe do gargalo?

E, como confessasse a minha ignorância, tratou de explicar:

— O contragolpe do gargalo foi inventado por um "beija-flor", isto é, um dêsses sujeitos que vão para as "boites" e procuram fazer um mínimo de despesa possível, bebendo na mesa dos outros: um uisquinho aqui, outro uisquinho ali. Tal e qual beija-flor. Pois foi um dêsses tipos, geralmente sem dinheiro, que imaginou o contragolpe. E' muito simples. Como você sabe, o que aumenta o preço de uma noitada é o uísque. Assim, pouco antes de pedir a nota ao garção, o sujeito pede uma garrafa de guaraná. Munido desta, espera um momento propício, dentre daquela escuridão, e derrama o guaraná dentro do gargalo da garrafa de uísque. Conseqüentemente, o liquido contido na garrafa sobe, diminuindo o número das doses, que estão marcadas num papel, pelo lado de fora. A esta operação deu-se o nome de "contragolpe do gargalo". Dizem, inclusive, que é inspirada na experiência dos vasos comunicantes.

Ameaça

A EMPREGADA da casa de um amigo nosso é noiva e, pelo jeito, de um camarada um bocado ciumento.

A tôda hora está ela ao telefone, discutindo com o futuro marido. Outro dia, depois de uma discussão dessas, ela desligou o telefone e comentou, como para si mesma:

— Êsse meu noivo está muito folgado. Qualquer dia, eu dou uma lição nele. Êle não sabe que o Corpo de Bombeiros está aí mesmo, dando sôpa, no quartel da esquina.

Barraca da COFAP

DOMINGO passado, entre as barracas que serviam café e doces, à entrada do Convento de Santo Antônio, no largo da Carioca, havia uma mostrando, ditorescamente, o seu nome, num cartaz onde se lia: "COFAP de Santo Antônio".

Estranhando a legenda, amigo nosso, curioso, interpelou uma das senhoras que serviam sôbre o "porquê" do nome.

— Não é da COFAP, não — explicou ela. Foi uma brincadeira que fizemos. Como daqui a pouco a igreja vai ficar cheia, haverá fila aqui fora. O senhor compreende: onde há barraca e há fila, tem de haver COFAP.

Do desfile alheio

O POVO de Juiz de Fora, descontente com seu prefeito, e depois de reiterados pedidos para que a Prefeitura local limpasse (pelo menos) a praça Alfredo Lage, no bairro de Manoel Honório, resolveu "homenagear" a administração da cidade.

Segundo a "Fôlha Mineira", a citada praça amanheceu, há dias, repleta de cartazes e ainda com uma verdadeira cordilheira de lama, isto é: o povo juntou o barro acumulado na praça e fêz diversos montes, dando, a cada um dêles, o nome de um vereador e, ao maior, o nome do prefeito — Olavo Costa.

Eis o que conta o jornal mineiro:

"No centro daquele logradouro, dominando os montes de barro, lia-se, numa placa, colocada no jardim desleixado:

"Homenagem ao Dr. Olavo Costa — sem êle os nossos filhos não teriam barro para amassar, poeira para cheirar e êste lindo jardim para brincar.

Sôbre o mato em que se transformou o jardim, lia-se: "Flores de pobre — Jardim de Alá — A Prefeitura o povo agradece o nosso jardim — Não pise o nosso jardim — Plantas raras: Manjar de Burro — E proibido apanhar flores — E proibido pescar nas poças d'água".

Depois que tôda a cidade já se divertira com a "homenagem" foi que a polícia, a mando do prefeito, mandou retirar os cartazes e desfazer os montes de lama.

Cabêlo Branco?
Orf-Léne
TINGE MELHOR
E NÃO MANCHA

O momento da benção. Os noivos recebem-na com devoção. Ao fundo, o sr. e sra. Prado Kelly, brigadeiro Eduardo Gomes, srta. Eliana Gomes, pais e padrinhos do noivo.

CASARAM-SE NA REITORIA VERA MARIA PENNA E LUÍS PRADO KELLY

A CAPELA da Reitoria foi pequena para conter todos os convidados ao casamento de Vera Maria Penna e Luís do Prado Kelly, realizado na tarde de terça-feira. A projeção de ambas as famílias, junto ao prestígio político do sr. José Eduardo do Prado Kelly, pai do noivo, fêz afluir à cerimônia um número considerável de amigos e relações. Muita gente teve mesmo que assistir ao ato religioso do lado de fora.

A capela está lindamente enfeitada e iluminada. Movimento de fotógrafos e clarões de "flashes" começam a anunciar a chegada da noiva. Dando o braço a seu pai, sr. Francisco Gonçalves Penna, entra Vera Maria, num lindo vestido de cauda, em tecido de organdi, todo trabalhado em "capitonnés". Traz um véu curto, prêso a uma "coiffe" de botõezinhos de laranjeira e um ramalhete de antúrios. E' precedida de duas "demoiselles d'honneur", a menina Vera Maria Magalhães Veiga, de organdi rosa, todo em pregas horizontais, um adôrno de flores minúsculas prendendo o "horse tail". Leve as alianças numa almofada de cetim branco. Vem em seguida a srta. Regina Penna, de organdi azul, igualmente enfeitado de pregas, "coiffe" e "manchon" de florzinhas azuis e rosa.

Ao lado do altar, já se achavam o noivo, os pais — sra. Maria Tamborindeguy Penna, sr. e sra. José Eduardo do Prado Kelly e os padrinhos, sr. Mário Tamborindeguy, srta. Lenita Tamborindeguy, brigadeiro Eduardo Gomes e srta. Eliane Gomes. Depois da cerimônia, forma-se no grande salão de honra, uma longuíssima fila para os cumprimentos.

Vimos o ambaixador de Portugal sr. Antônio de Faria, embaixador e sra. Raul Fernandes, senador e sra. Ferreira de Souza, general e sra. Juarez Távora, general e sra. Nelson de Melo, ministro e sra. Ribeiro da Costa, ministro e sra. Macedo Ludolf, ministro e sra. Luís Gallotti, ministro e sra. Rocha Lagoa, deputados Raul Pila, Aliomar Baleeiro, Artur Santos e senhora, Bilac Pinto e senhora, Herbert Levy, desembargadores Florêncio de Abreu, Agenor Rabelo e senhora, reitor Pedro Calmon, srs. Odilon Braga, Gabriel Passos, Alvaro Gonçalves Pena, jornalistas Carlos Lacerda e senhora, Elmano Cardim e senhora, sr. Aluízio Affonseca, sr. e sra. Celso Kelly, sr. e sra. Mendonça Pinto, sr. e sra. Oliveira Lima, sras. deputado Monteiro de Castro, Mercedes Roses Rigalti, Iracema Garcia Braga, Itana de Souza, Sônia Affonseca, Alzira de Abreu Pompeu, Edna Newmann de Morais, princesa Ghica, sras. Valente de Souza, Jones Rocha, brigadeiro Ismar Brasil.

Sr. e sra. Fernando Maximiliano, sr. Eurico de Souza Leão, sr. Ronaldo Correia Pizarro, sr. e sra. José Carlos Gailiez, sr. e sra. Manuel Dias Garcia, sr. e sra. Mário Ribeiro, sr. e sra. Stanley Gomes, sr. e sra. Rui Nunes Pereira, sr. Edgar Estrêla, sr. e sra. Homero Daudt de Oliveira, sr. e sra. Nelson Brasil, srtas. Léa Beatriz Pena, Edna Maria de Morais, Lígia Barcelos.

Estavam de "aleutienne" azul petróleo e pequeno chapéu negro a sra. Francisco Penna, de azul cinza e chapéu "citron" a sra Prado Kelly, e elegantíssimas de conjunto cinza, chapéu prêto de "aigrettes", a sra. Mercedes Roses Rigalti; de branco, a princesa Ghica; de azul-marinho, "manteau" branco e chapéu de rosas brancas, a srta. Eliane Gomes, madrinha do noivo.

Diana

OLEO DE VIOLÊTAS
POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cútis
Marca Registrada Pedidos a:
AMÉRICO — 25-2837

Primeira comunhão

A MENINA Regina Lucia, filha do jornalista Leonidas Bastos e sra. Helena Puente Bastos faz hoje sua Primeira Comunhão. Ela é aluna do Colégio Sacré Coeur de Marie. Seus pais receberão os amigos na rua Siqueira Campos, 239-4.º, oferecendo-lhes um coquetel.

Conselho Alimentar do SAPS

O FÍGADO E A VITAMINA A

O fígado é o orgão onde os carotenos são transformados em vitamina A e também onde essa vitamina de preferência se armazena. Isso se dá não só no fígado humano, mas no fígado dos animais.

Aí temos a razão de ser o fígado a melhor fonte de vitamina A. Como prova disso, podemos lembrar que o óleo de fígado de bacalhau, de halibute, de hipogloss, como fontes dessa vitamina, são usados na terapêutica.

Os bifes de fígado e outras preparações com êsse útil alimento devem, pois, ser adotados, em nossos cardápios, pela considerável riqueza nessa vitamina.

A manteiga, o queijo, o leite e os ovos são, também boas fontes de vitamina A.

Como fontes de carotenos (pró vitamina A), temos a salsa, o espinafre, a alface, a abóbora, a batata doce, a cenoura, o tomate, o repolho, a bertalha, a chicórea, o pêssego, a banana.

E interessante lembrar que, nos vegetais folhosos, as folhas verdes externas possuem maior quantidade de carotenos do que as pálidas folhas internas. E que o caroteno uma vez no organismo transforma-se em vitamina A.

ENTRE AS MULHERES

NILZA MARIA

NAS BANDAS DO NORTE

DEPOIS de amanhã, viajará para o Recife a cantora Dora Lopes. Acompanhará Ari Barroso e sua orquestra de ritmos brasileiros (ou ritmos "barroseiros") na série de exibições que serão levadas a efeito no norte do país.

Araci Costa, que também havia recebido convite idêntico, recusou-se a tomar parte na excursão.

CONTRABANDO DE PRESENTES

OS presentes de Bianca Lovateli — "Miss Roma" —, que recentemente contraiu núpcias na Argentina, foram apreendidos pela polícia paulista. As autoridades alfandegárias anunciaram que só desembaraçarão os presentes mediante o pagamento de 80 mil cruzeiros.

PROIBIDA A ENTRADA

A CANTORA Ester de Abreu foi proibida de entrar nas dependências do hipódromo da Gávea. A proibição foi tornada pública quando o prefeito Dulcídio Cardoso (seu noivo) manifestou o desejo de levá-la ao Jockey Club para assistir ao "Grande Prêmio Prefeitura do Distrito Federal", corrida realizada domingo último.

CHOCOLATE SINTÉTICO

AS mulheres norte-americanas vinham protestando, há tempos, contra a alta nos preços do cacau brasileiro. Agora, entretanto, cientistas novaiorquinos anunciam que já descobriram como fabricar o chocolate sintético. Dizem que custa mais barato.

Não sabemos, porém, se tem gôsto de chocolate...

A MODA DOS APARTAMENTOS

MARLY Sorel, que já é proprietária de bela vivenda, comprou, há dias, um apartamento em Copacabana. A rainha do cinema segue, assim, o exemplo de outros "astros" e "estrêlas", que estão empregando o seu capital em imóveis.

PROMESSAS DE CURA

A ATRIZ Mitzi Gaynor ficou doente durante a filmagem de "No Business Like Show Business" e a rapaziada do estúdio andou fazendo promessas para que ela sarasse logo.

Prestígio, simpatia e boa plástica valem muito...

ESTRÉIA NO COPACABANA

DOROTHY Donegan, cantora norte-americana, chegou ontem ao Rio. Ontem mesmo estreou na "boite" do Copacabana Palace.

Dieta para adelgaçar

Enquanto seguir esta dieta não tome líquidos durante as refeições. Beba bastante água entre as refeições. Limite-se a tomar uma porção moderada de cada alimento. Não coma manteiga, batatas ou frituras. Não tome bebidas alcoólicas e não coma entre as refeições.

Dieta:

Pela manhã — segunda-feira. Laranja, café e torrada. Terça-feira, suco de laranja, café e torrada. Quarta-feira, suco de grappe-fruit, café e torrada. Quinta-feira, suco de laranja, café e torrada. Sexta-feira, suco de grappe-fruit, café e torrada. Sábado, suco de laranja, café e torrada. Domingo, Grappe-fruit, café e torrada.

Almôço — segunda-feira, alface, carne assada e fruta. Terça-feira, salada (tomate e alface), carne assada, beterraba, fruta e coalhada. Quarta-feira, salada, fígado assado, espinafre ou cenoura, fruta. Quinta-feira, salada, frango, cozido ou assado, legumes, gelatina sem açúcar. Sexta-feira, salada de pepinos, peixe cozido ou assado, repolho, gelatina sem açúcar. Sábado, rabanetes, carne grelhada, couve-flor, fruta. Domingo, suco de tomate, frango assado, legumes cozidos, fruta.

Jantar — Segunda-feria, 2 ovos quente, torrada, gelatina sem açúcar. Terça-feira, salada de frutas, torrada. Quarta-feira, Queijo, torrada, coalhada. Quinta-feira, legumes cozidos, fruta, torrada. Sexta-feira queijo, torrada. Sábado, 2 ovos quentes, torrada, fruta. Domingo, salada de legumes, torrada, café.

Ao deitar-se — Segunda-feira, coalhada. Terça-feira, fruta. Quarta-feira, fruta. Quinta-feira, coalhada. Sexta-feira, fruta. Sábado, coalhada. Domingo, coalhada.

GARÔTAS — "Festa Brasileira" no Country Club

Lilian Passeado, dançando com Mauricio Bebiano Barbosa, na festa do Country

O COUNTRY Club, na noite de 13, transformou-se na "Cabana do Pai Tonho". Para lá foram nossas garotas elegantes, e nossa melhor sociedade ali se reuniu num jantar dançante.

Animação desde o início. Podia lá alguém permanecer sentado com a música infernal do Benê? Mas, o melhor da noite estava para vir. E veio com a presença de Ary Barroso anunciando a "Festa Brasileira". Um espetáculo simples, despretensioso, porém adoravel pela sua fôrça de evocação.

Ary foi buscar no Norte, no Centro e no Sul a nossa música popular, com as características dessas regiões; e tivemos modinhas, canções, sambas e mordazes críticas políticas de grande comicidade, nas vozes de Jorge Goulart, Dircinha Baptista, Dorival Caimi, João da Baía, Alvarenga e Ranchinho II, Pedro Raimundo e outros.

A sessão já ia alta quando o maxixe incorporizou-se nos requebros magníficos de um casal de dançarinos.

Rompeu, depois, no salão o grupo de Pixinguinha num "choro" infernal, sacudido, marcado, irresistível. E os sambas, choros e macumbas se sucediam ininterruptamente sob os aplausos entusiasmados de todos.

A pedido insistente, para finalizar, Ary sentou-se ao piano e, num "poutpourri", evocou o passado das modinhas de antanho... Vi, então, brilhar nos belos olhos das garotas o que ia nalma de nós todos: amor, carinho, sentimento, vida e alegria. E, digam vocês, Vera Lúcia Lins, Liliam Passeado, Angèle Barrène, Maria Eliza Silva Costa, Regina Goulart de Andrade, Maria Altina Ripper, Terezinha Cavalcanti, Maria Lúcia Maurity, com suas "toilettes", seus "yeux de chat" e suas cabecinhas penteadas "au coup de vent", figurinhas bem modernas, se eu não tenho razão.

Por entre as folhas de bananeiras, os cachos de côcos, as esteiras e lanternas, dançavam Suzana Lage com Caio Prado Junior, Vera Lúcia Lins de Albuquerque com Jayme Mesquita, Ana Maria Castelo Branco com Aloysio Girotto.

Divertindo-se com as piadas políticas estava Maria Lúcia Gomes tendo à seu lado Márcio Braga.

Maria do Carmo Toledo Piza sempre em companhia de Renato Paquet, e Breno Antônio da Rocha Rosa perguntando muito por Maria Dolabella Mamana.

Muitas garotas e muitos rapazes: Sônia Possolo, Cesário Mello Franco Senna, Marilu Crespe, Luiz Garcia, Marilena Duarte, Carlos José Dias Garcia, Sônia Gadeglia, Alexandre Medicis, Maria Cecília Coelho Netto Freitas, Sérgio Ribeiro da Costa, Marlene França Moisés, Sérgio Chermont de Britto, Marininha Barbará, Felipe Vasconcellos, Marina Miranda Freitas, Oswaldo Graça Couto, Maria de Lourdes Teixeira, André Maciel Filho, Laura Costa Miranda, Augusto Medicis, Weida Molina, Francisco Mello Franco, Carmen Salém, Baldomero Barbará Netto, Julinha Carvalho, Oscar S. de Souza, Flávia Pacheco, Raul Lisboa, Helena Monteiro, Chico Pinheiro Guimarães, Branca Faria, José Tomaz Nabuco Filho, Maria José Teixeira, Bernardo Figueiredo, José Cláudio Costa Miranda, Maria Lúcia Barcelos, Elias da Costa, Alina Carvalho, Jorge Doria Filho, Ana Maria Aviotti, Roberto Paulino, Luiz Gomes de Oliveira, Monique Barrau, Raul Barretto, Paulo Fernando M. Ferraz, Gilda Tavares, Paulo Barbará Pinheiro, Armando Andrade Carvalho, Nena e Zoza Medicis, Bernardino Campos, Luiz Eduardo Menezes e outros.

Noite gostosa e bem nossa foi a de domingo no Country, onde os Diretores não pouparam esforços para o seu brilhantismo e foram inexcedíveis em atenções.

MARINA

Fazem anos amanhã

SENHORES: brigadeiro Gervásio Duncan Lima Rodrigues, Edgar Estrela, prof. Honorio Monteiro, José Olino de Freitas, Arlindo Castro de Souza, dr. Otavio Simões Barbosa, Valmir Barroso Tiers de Andrade Ribeiro, Augusto de Freitas Lopes Gonçalves, Wilson O. Bodstein, cônsul Mario da Cunha e Silva, cônsul Francisco Eulalio do Nascimento e Silva, Milton Teles Ribeiro, Daniel Martins Brito, ministro Oliveira Lima e senador Antonio Novais Filho.

Senhoras: Rosalia de Castro, Maria de Lourdes Simões Duarte Coutinho.

Senhoritas: Jacira Guimarães, Dirani Bastos, Enedina Costa, Neusa Nunes, Terezinha de Jesus Pina.

Meninos: Paulo Eduardo, filho do sr. José Antonio Pimentel de Abreu e sra. Hebe Conceição Silva de Abreu, Luiz Henrique, filho do sr. Humberto Tavares e sra. Sueli Ribeiro Tavares.

Meninas: Regina Vitoria, filha do sr. Osvaldo de Moura e sra. Mercedes C. de Moura, Ivone, filha do sr. Flavio Augusto de Queiroz e sra. Maria Lúcia Alves de Queiroz, Emilda, filha do sr. Valdemar de Oliveira Pinto e sra. Iracema Guedes Pinto, Gildeia, filha do sr. Roberto Chaves Filho e sra. Edna Valente Chaves, Maria Lea, filha do sr. Arlindo Vilarinho e sra. Maria Vilarinho, Lorilaide, filha do sr. Ester Fraga Clark, Elisabeth, filha do sr. Kitchener Jacinto da Câmara e sra. Luci Fonseca Câmara.

FAZ hoje dois anos a menina Maria Coeli. Ela é filha do jornalista Mauricio Palmeira da TRIBUNA DA IMPRENSA e sra. Maria do Ceu Bandeira Palmeira.

Maria Coeli oferecerá uma mesa de doces a seus amiguinhos.

Na Bélgica uma bienal

A II Bienal Internacional de Poesia vai ser realizada na Bélgica, em Knoke, entre 2 e 6 de setembro do corrente ano.

O tema será "A poesia e a linguagem". Poetas de cêrca de quarenta nações participarão do certame.

ENGENHEIRO
EDISON JUNQUEIRA PASSOS
(7.º DIA)

✝ **A família do ENG.º EDISON JUNQUEIRA PASSOS convida seus parentes e amigos para assistirem à missa de 7.º dia que por alma de seu pranteado e inesquecível Chefe, manda celebrar amanhã, dia 18, sexta-feira, às 9,00 horas, no altar-mor da Igreja da Candelária.**

ENGENHEIRO
EDISON JUNQUEIRA PASSOS
(7.º DIA)

✝ **O CLUBE DE ENGENHARIA convida seus sócios, colegas e amigos de seu saudoso Presidente ENGENHEIRO EDISON JUNQUEIRA PASSOS para assistirem à missa que por sua bonissima alma manda celebrar amanhã, sexta-feira, dia 18, às 9,00 horas, no Igreja da Candelária.**

SEUS FILHOS E OS MEUS

ESCOTISMO E DEFEITO FÍSICO

EXISTEM, atualmente, cêrca de 15.000 meninos com graves "handicaps" físicos, que são, no entanto, membros ativos da União dos Escoteiros dos Estados Unidos. Entre êles, contam-se muitos que não possuem um braço ou uma perna, que são cegos ou sofreram ataques sérios de paralisia infantil, ou de uma afecção cardíaca. Entretanto, cada um dêsses meninos é um escoteiro capacitado, havendo ganho sua qualificação exatamente do mesmo modo que seus companheiros de físico perfeito. Além do que, muitos dêsses escoteiros aleijados têm-se destacado por suas realizações.

VERNON Tracht, psicólogo num dos principais hospitais de Chicago, ao comentar a importância do escoteirismo para o menino fisicamente deformado, disse: — "A pior maldição que recai sôbre os aleijados e os cegos são a dependência, o isolamento e a pena de si mesmos. O escoteirismo combate êsses demônios, fazendo ressaltar a importância de ter confiança em si próprio, de estar sempre pronto a servir aos outros e do espírito de camaradagem. Para muitos de nós (e Tracht é, êle próprio, vítima de grave doença do sistema nervoso central), nosso ingresso para a União dos Escoteiros foi um acontecimento decisivo, que nos abriu as portas de um mundo melhor e maior".

Há mais de 30 anos que os escoteiros aceitam os aleijados e deformados entre seus membros, e agora já se podem medir os resultados dessa atitude, não apenas em têrmos da alegria e orgulho imediatos do menino, aleijado que se pode tornar escoteiro — mas também em têrmos do que êsses meninos conseguem realizar, quando alcançam a idade adulta. A grande maioria dessas crianças conseguiu fazer carreira, fundar família e ocupar seu lugar como membros respeitados e estimados da coletividade.

Alguns dos melhores condutores de tropas de escoteiros provêm das fileiras dêsses meninos deformados. Um dêles, Emmett Sherlock, tornou-se uma figura quase legendária. Seus ensinamentos fazem parte da tradição escoteira. Justamente por êle falar com conhecimento de causa, êsses garotos de hoje, com "handicaps" físicos, o ouvem com atenção, quando êle afirma: — "Um aleijado tem de ser melhor do que um menino normal, para chegar até onde êste chega. Vocês têm de se esforçar mais. Não peçam que lhes façam concessões, nem esperem por nenhuma. Vocês vivem num mundo de gente fisicamente capacitada, e por isso terão de adaptar-se aos padrões dêsse mundo, e não do seu próprio. Se vocês caírem, não gritem por socorro: levantem-se sòzinhos".

Não há a menor dúvida de que, para êsses meninos aleijados, o fato de serem aceitos no mesmo pé que meninos normais constitui admirável incentivo. A necessidade de se qualificarem para merecer o grau de escoteiro mobiliza nêles qualidades de inteligência e fôrça interior que de outro modo estariam desperdiçadas, inaproveitadas. Pois é compreensível, natural mesmo, que os pais de crianças aleijadas tendam a protegê-las em excesso, a ponto de cercear seu desenvolvimento. Um líder escoteiro contou, referindo-se a êsses seus colegas deformados: — "Conheci meninos de 11 anos que, ao ingressar nos escoteiros, não eram capazes de vestir-se ou de abrir uma garrafa de leite. Passados alguns meses, êles lavam seus pratos, quando acampamos, e chegam mesmo a construir e pintar peças simples de mobília, na nossa tenda de marcenaria".

Os meninos aleijados são incluídos nas formações regulares de escoteiros, como também em formações especiais só para êles. Nunca constituem um "pêso morto" para os companheiros de físico normal. Pelo contrário, muita vez representam um estímulo, pela sua coragem e perseverança.

Para a criança aleijada, talvez o maior problema de ajustamento consista em aprender a aceitar honestamente as próprias limitações, e viver dentro delas. Raras são as crianças que podem, por si sós, enfrentar problema tão sério. Precisam de ajuda, e em geral a melhor ajuda é aquela que se apresenta com um caráter impessoal. E' sempre mais difícil para os pais guardar uma noção de justa medida, encarar com realismo a condição do filho. As vêzes o forçam além de suas possibilidades de realização. Ou, então, o que é mais freqüente, inibem seus esforços para realizar o que quer que seja por seu próprio esfôrço. O resultado é uma deformação emotiva, ainda mais devastadora, em seus efeitos, do que a deformação física.

MESMO quando não é possível conseguir que um filho aleijado venha a ser escoteiro, muito já pode ser feito em casa. Os pais devem ensinar êsses filhos a não ter pena de si mesmos, a não se retrair da vida normal. Podem ensiná-los a mobilizar suas energias e utilizá-las de modo a aumentar a confiança em si próprios, e o sentimento de poder realizar coisas. Quaisquer que sejam os "handicaps" físicos dessas crianças, elas podem, na verdade, conhecer as alegrias do companheirismo e da capacidade de realizar.

MARGARET TAVARES DE SA'

Teatros e Boites

BÈGUIN — BOITE DO HOTEL GLÓRIA
Apresenta o sensacional e extraordinário
SERGE SINGER
(Cantor existencialista)
Tel.: 25-7272

VOGUE
apresenta hoje
ELIZETE CARDOSO
QUER COMER BEM?
Jante diàriamente no
VOGUE
RESERVAS
TEL. 57-1881

CARLOS GOMES
ÚLTIMOS ESPETÁCULOS
de OS ARTISTAS UNIDOS
"MULHER DO DIABO"
com MORINEAU e um grande elenco
Cr$ 20 — Só até dia 30 — Cr$ 10
Hoje, às 16 e 21 horas

Carlos Machado apresenta
O ESPETÁCULO QUE COPACABANA ESPERAVA E MERECIA
Esta Vida é um Carnaval
60 artistas!
Grande Otelo
HOJE às 20 e às 22 h. no Teatro Jardel
AOS DOMINGOS, VESPERAL AS 16 HORAS

Zilco Ribeiro apresenta
"DOLL FACE"
de Meira Guimarães e Z. Ribeiro
VITORIOSA EM COPACABANA!
sessões às 20 e 22 hs.
150 Representações
4.º MÊS!
HOJE no teatro follies
VESPERAL AOS DOM. ÀS 16 HS.

HOJE, AS 16, 20 e 22 HORAS — RECREIO
AS URNAS VÃO ROLAR
REVISTA DE PAULO GRACINDO, RUY, PAULO ORLANDO
com o inimitável MESQUITINHA
A ESTRELA DAS ESTRELAS MARA RUBIA
TOTÓ, SALUQUIA
GRANDES ATRAÇÕES NUNCA VISTAS NO TEATRO DE REVISTA DO RIO!

TEATRO DAS 2as. FEIRAS
CAVALCANTI ARRUDA apresenta
AJARA
no original de Maria Wanderley Menezes
"A CARTOMANTE"
2 atos e um só personagem — Direção da autora — Segunda-feira, dia 21, às 21 horas
TEATRO DULCINA (ex-Regina)
Tel. 32-5817. Ar refrigerado. Bilhetes à venda

DIVIRTA-SE NA BOITE BAR
CIRO'S
AR CONDICIONADO
MUSICA E DANÇA
ABERTA TODAS AS NOITES
R. DUVIVIER 49-C — TEL: 37-1191
COPACABANA POSTO 2

GANHE A SUA NOITE!
assistindo o máximo em teatro musicado!
"Satã Dirige o Espetáculo"
6.º "SHOW" de Carlos Machado para 1954
Em Casablanca
Reservas: 26-7437 e 26-1783 - Ar Condicionado

CINEMA

ELY AZEREDO

"DECAMERON NIGHTS"

A "CRISE de argumentos" — já caracterizada como pretexto de produtores medrosos ou burocratizados — vem sendo superada, de maneira brilhante, pelos neo-realistas italianos. ("Para nós não pode haver carência de temas, porque não há carência de realidade" — diz Zavattini). Mas, fora do realismo, os caminhos são muitos e conduzem a resultados igualmente valiosos. O desenvolvimento do filme de contos ou filme-antologia é uma realidade dia a dia mais forte e tem permitido o aproveitamento de pequenas obras-primas, como os contos de O. Henry e Maupassant. Os principais responsáveis pela aceitação da idéia parecem ser as "seleções" de Somerset Maugham ("Trio", "Quarteto", Gigolô e Gigolete") — mais pela atração que o escritor exerce entre os leitores de "livros do mês" (categoria que provàvelmente abrange tôda Mrs. Producer de Hollywood), do que pelo conteúdo humano e possibilidades fílmicas dessas "short stories".

"Decameron Nights" (ou "Deliciosas noites de amor", de acôrdo com o título de porta de engraxate que recebeu no Brasil) é uma seleção de histórias do "Decameron", de Bocaccio, autônomas, mas inteligentemente ligadas por um enrêdo que fornece o "comêço", o "meio" e o "fim", considerados indispensáveis por certo público. Época: século XIV. Lugar: Florença, numa Itália monòtonamente agitada pelo vai e vem dos exércitos mercenários, mais preocupados com o saque do que com o inimigo. Usando a presença dos mercenários como pretexto, Bocaccio (Louis Jourdan) faz-se admitir no castelo onde está refugiada a linda viúva Fiametta que, muito lògicamente, considera-o uma ameaça aos seu luto de há muito conservado. Sob os olhares excessivamente interessados das outras damas refugiadas no castelo, Bocaccio conta os casos de amor que teria ouvido ou testemunhado, em suas longas viagens. O filme só focaliza três dessas histórias: "Paganino, o Pirata", representativa de tôdas as narrativas do visitante, consideradas deliciosas pelas jovens e pela madura Condessa (Binnie Barnes) e imorais pela casta Fiametta; "A Virtude não tem Preço" ou "Wager of Virtue", contado por Fiametta — uma sinuosa apologia da fidelidade a qualquer preço ao marido e senhor; e, finalmente, "A Filha do Doutor", uma "aventura" amorosa singularmente moral, contada por Bocaccio, em resposta ao desafio de Fiametta, sem satisfazer sua concepção "ortodoxa" de virtude. No final, entretanto, ela silencia a notícia da retirada dos exércitos para atirar-se aos braços de Bocaccio.

Nas três narrativas renovam-se as figuras de Fiametta e Bocaccio: ela é sucessivamente a sensual Bartolomea, a fidelíssima Ginevra e a decidida Isabela de Marco; êle, o pirata Paganino, o impudente Giulio e Bertrando, o "don juan" convertido aos encantos da companheira. A Condessa é também a criada do segundo conto e a bruxa alcoviteira do terceiro. Pampinea (a encantadora Joan Collins) repete-se em Maria, a filha da estalajadeira. E o falecido marido (Godfrey Tearle), onipresente no medalhão de Fiametta, é também o marido de Bartolomea e Ginevra.

"Decameron Nights" é meio-inglês, meio-americano, mas o conteúdo, apesar dos censores anglo-saxões, permaneceu latino. Inteligentemente dirigido pelo argentino Hugo Fregonese ("Onde as palavras morrem", "Meus seis criminosos") e fotografado com arte por Guy Green, o filme se coloca no grupo já numeroso de produções inglesas ou americanas filmadas na Inglaterra, onde a côr é elemento precioso de atmosfera e caracterização de ambiente.

Finalmente, é preciso elogiar as atuações de Joan Fontaine e Louis Jourdan, excelentes, embora nem sempre livres de clichês que Fregonese tomou por qualidades na estilização da narrativa. Já que falamos em estilização, acrescentaremos que o diretor não conseguiu realizá-la a contento, apesar das excelentes sugestões do cenarizador George Oppenheimer.

Produção de M. J. Frankovich e William Szekeley, apresentada pela RKO. Cenarização de George Oppenheimer, sôbre um "tratamento" de Geza Herczeg. Música composta e dirigida por Anthony Hopkins. Filme de 92 minutos, em horário normal. Complemento: um desenho de Disney, com o Pateta. Impróprio até 10 anos. Em exibição no circuito do Plaza.

Notas de Hollywood

JACQUES Sernas ("A última Sentença") será o "Páris" de "Helena de Tróia". Helena será Rossana Podestà, a revelação de "La Red", de Emilio Fernandes.

DEBBIE Reynolds assinou novo contrato com a Metro. Aparecerá em dois musicais: "Athena", com Jane PoPwell e Edmund Purdom, e "Hit the Deck".

MERLE Oberon, volta a Hollywood, em "Deep in my heart", com José Ferrer e Helen Traubel, na Metro. A direção é de Stanley Donen.

VINCENTE Minelli, o grande diretor de "Assim estava escrito", vai realizar "Green Mansions", para a Metro. O "screen play" está sendo preparado por Allan Jay Lerner.

GILBERTO Martinho, revelado em "Maria da Praia", foi incluído no elenco de "Amor Selvagem" (ex-"Ouro Negro", ex-"Conchita e o Engenheiro") e no filme que Roberto Acácio vai produzir com um argumento inspirado na fuga dos presos da ilha Anchieta. No primeiro, aparecem Cyl Varney, Vanja Orico e Robert Freytag; no segundo, Arturo de Córdova (que já está de viagem marcada para o Rio) e Carlos Cotrim.

Notícias da Metro

A DUPLA Marge & Gower Champion voltará em "Jupiter's Darling", que George Sidney está dirigindo, com Esther Williams, Howard Keel, George Sanders, James Whitmore e Richard Haydn. Em "eastmancolor" e cinemascópio, com som estereofônico "Perspecta".

ELEANOR Parker será a intérprete da biografia cinematográfica da cantora Marjorie Lawrence — "Interrupted Melody".

MÚSICA

MARIO CABRAL

CULTURA ARTÍSTICA

A PROXIMA apresentação da Cultura Artística, marcada para terça-feira, dia 22, é a cantora brasileira Magdalena Lebeis. A recitalista, que estudou com a professora Vera Janacopulos, já foi apresentada pelas Culturas do Rio e de S. Paulo, onde é professora da Escola de Arte Dramática.

Como solista, já atuou em concertos regidos por Edoardo Guarnieri, Camargo Guarnieri, Armando Bellardi, Souza Lima e Lamberto Baldi. Em 1951, por indicação de Villa-Lobos, foi eleita, por unânimidade, para a Academia Brasileira de Música.

O programa do recital do dia 22 é o seguinte: Bach — Bereite dich, Zion (Oratório de Natal); Haendl — Te Deum; Brahms — Wie Melodien zieth es mir; Wolf — Verborgenheit — Fussreise; Honneger Psaume XXXIV — Psaume CXL — Saluste du Bartas (ciclo de vilancetes, em primeira audição); Nepomuceno — Trovas; C. Guarnieri — Saudade Indefinida; Mignone — O doce nome de você; Joaquin Nin — Jesus de Nazareth (Canto de Natal); Joaquin Nim-Paño Murciano.

Hélio Paiva, cantor da televisão e do corpo coral do Teatro Municipal, vai interpretar, amanhã, na segunda récita de assinatura do "Ballet" do Marquês de Cuevas, o poema de Edgar Poe, "Annabel Lee", musicado por Byron Swifterzman, motivo do bailado do mesmo nome, de autoria de Georges Skibine. A orquestra será dirigida pelo maestro André Girard

Constantina Araújo e Mário del Monaco

A DIREÇÃO do Teatro Municipal comunica a próxima vinda ao Brasil da soprano brasileira Constantina Araújo, para tomar parte da Temporada Lírica Internacional. A temporada será inaugurada a 29 de julho. Constantina Araújo, que obteve renome na Europa, depois de recusada pelo teatro que agora a contratou, criou, ùltimamente, o principal papel do "Oberon", de Weber, na Ópera de Paris, com sucesso imenso.

Anuncia-se, também, a vinda do tenor Mário Del Monaco, que não vinha participando de nossas temporadas, nestes últimos anos, e que, ùltimamente, vinha-se apresentando no Metropolitan, de Nova York.

ÚLTIMA SEMANA
de COLÉ no Glória
"MAMÃE, VOTE EM MIM!"
A Cia. partirá em "tournée" para Pôrto Alegre
Hoje, sessões às 20 e 22 hs.
Hoje, última vesperal a preços reduzidos

TEATRO DE BOLSO
(Reservas: 27-1037, a partir das 13 horas)
"SUA EXCELÊNCIA EM 26 PÔSES"
Sátira política de TEÓFILO DE VASCONCELOS e SILVEIRA SAMPAIO
(A história de um ministro), com os autores, e mais Sonia Corrêa, Raymundo Furtado, Rosemaria Murtinho e Miriam Roth
Hoje, às 21 horas
AOS SÁBADOS, VESPERAL AS 16 HORAS

Maria Clara Machado

HOJE, no Conservatório de Copacabana, lerá a "Menina da Cidade", de sua própria autoria. As 20,30. Rua Conselheiro Lafaiete, 64. Maria Clara Machado ensina mímica e improvisação.

Artistas Associados

"FÉ da Vida" será a apresentação de Artistas Associados, que trabalham no Grêmio Recreativo de Nilópolis. O seu último "show" foi feito em benefício da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, setor de Coelho Neto.

"O Dr. Juca" será a próxima apresentação, na Fundação da Casa Popular.

Notícias de S. Paulo

Por Aracy Abreu Amaral

GIANNI Ratto, o diretor artístico de Maria Della Costa, já tem programadas as cinco primeiras peças do novo teatro. Depois de "L'Alouette", de Anouilh, já em ensaios, apresentarão "A pulga na orelha", de Feydeau, e "O homem que leva bofetadas", de Andreiev. (Gianni Ratto afirmou que se esforçará em apresentar peças de alcance mais vasto dentro do público. Peças que na Europa poderão ser consideradas "superadas" e que aqui necessitam aparecer, para o público, numa ordem lógica de conhecimento do teatro).

A quinta peça será "O mal-entendido", de Albert Camus.

TEATRO

CLAUDE VINCENT

VIRIATO CORRÊA FALA SÔBRE O TEATRO

NO salão nobre da Academia Brasileira de Letras, Viriato Corrêa falou ontem para um público imenso, sentado e em pé, sôbre o teatro brasileiro, que, segundo êle, nasceu pela mão de Anchieta, em 1549. A literatura brasileira nasceu no palco, afirma Viriato Corrêa, coisa absolutamente inédita, já que o teatro é realmente uma fase adiantada da literatura, noutros países. Não havia ainda nacionalidade brasileira, quando, fora do tempo, nasceu o teatro brasileiro.

Falou em Botelho de Oliveira, o primeiro grande dramaturgo — que escrevia suas peças em espanhol; falou nas "encamisadas", gênero de teatro que não tinha palco, no qual os intérpretes eram 50, 100 ou 200 homens de camisola, a cavalo, em 1641, por exemplo, o governador Salvador Benevides, êle mesmo, tomou parte numa dessas encamisadas.

Quanto ao texto, mesmo naquele tempo (época na qual Molière estava escrevendo suas primeiras peças), o brasileiro fazia improvisação, matéria que sempre tem sido a grande característica do ator brasileiro. As melhores cenas de espetáculos de Alda Garrido e Dercy Gonçalves brilham por causa da improvisação.

A conferência de Viriato Corrêa foi vivíssima, enérgica, e êle nos ensinou que o verdadeiro teatrólogo, como o verdadeiro ator, não tem idade, nunca envelhece. Foi uma grande experiência, que muitos recém-saídos das escolas de teatro não perderam. Só por motivo de fôrça maior, e com muita pena, é que saímos antes de a conferência terminar. Ela deveria ser impressa em "plaquete", para todo mundo ler.

A CDN ainda no Rio

AMANHA, dia 18, "Senhora dos Afogados" será apresentada no Clube Ginástico Português, ou melhor, no reformado Teatro Ginástico, na avenida Graça Aranha e rua México.

O diretor do SNT, Aldo Calvet, resolveu adiar a viagem da CDN. Ainda não temos notícias da época em que a Companhia vai para a Bahia e Pernambuco, e para o norte do país em geral.

Festa junina no Retiro dos Artistas

A CASA dos Artistas está promovendo, para o dia 21 de junho, uma Festa Junina, no Retiro dos Artistas, de Jacarèpaguá, começando às 21 horas. Haverá arraial, baile e casamento caipiras, "big show", jogos de prendas, etc. Traje: caipira ou passeio.

Oscarito será o Noivo; Grande Otelo, o Sacristão; Colé, o Padre. Quem será a Noiva? Não se diz ainda — mas seria realmente uma bomba, se fôsse Madame Morineau!

Barrault defende o Brasil

DURANTE a estada de Barrault em S. Paulo, numa reunião elegante a êle oferecida, uma senhora da colônia francesa disse-lhe, em certo momento: "E' pena que aqui não haja público para o senhor..."

Barrault interrompeu-a.

— "Como? Absolutamente. Eu, se pudesse, faria uma temporada de três meses no Rio e em S. Paulo. Só não o faço porque não posso, porque não tenho tempo".

Viajou Aglaia Peixoto

ANTEONTEM, pelo "Lavoisier", seguiu em peregrinação para Lourdes, Lisieux e Roma, a srta. Aglaia Bieggi Peixoto, que sempre foi uma grande amiga do teatro.

Ela reúne grupos grandes, para assistir às peças de teatro mais categorizadas, no Rio. Tem levado outros grupos para S. Paulo, afim de assistir a espetáculos no TBC. Foi uma das organizadoras de conferências destinadas a formar espectadores teatrais. E, sempre que viaja, manda notícias valiosas sôbre teatro, para esta seção, prometeu, embora o tempo seja curto, mandar notícias, desta vez, também.

ARTES PLASTICAS

"LONGAS LUTAS PARA QUE SE CHEGASSE À ARTE ABSTRATA"

Inauguração (com manifesto) da mostra do "Atelier Abstração"

SÃO PAULO, 17 (Sucursal) — "Foram necessárias longas lutas para se chegar à arte abstrata" — diz o manifesto que ontem foi divulgado pelo "Atelier Abstração", quando da inauguração de sua exposição, nos salões e corredores do Museu de Arte Moderna.

A mostra compreende uma retrospectiva de Samson Flexor (sala dos fundos), desde os quadros figurativos até os da fase atual, em que se preocupa com as "relações quantitativas e qualitativas".

Os mais do grupo são: Douchez, Izar, Leyla, Malleville, Mallet, Maria Antonieta, Zilda e Raimo Teixeira.

PROCESSO

"Há um século (diz o manifesto, impresso no catálogo do MAM), os pintores, conscientemente ou não, vêm-se aplicando em decompor primeiramente estas aparências, transformá-las em seguida, para destruí-las enfim, banindo-as de suas obras".

ALEGRIA DE INVENTAR

No último parágrafo, lê-se: "As telas presentes nesta exposição testemunham não sòmente a personalidade madura ou em amadurecimento de seus autores, que, aplicando com rigor os métodos de trabalho ensinados no "Atelier Abstração", falam cada um sua linguagem autóctone, mas também e sobretudo do amor ao belo ofício que, unido à alegria de inventar com inteligência, permite realizar com saber".

Tintas e Plano Aranha

A COMISSAO de artistas encarregada de resolver o caso da reclassificação das tintas e outros materiais usados nas artes plásticas esteve ontem com o sr. Luiz Morais e Barros, diretor da CACEX, que foi diretamente responsabilizado pelos artistas pela falta do material estrangeiro.

O sr. Morais e Barros disse aceitar essa responsabilidade, prometendo resolver, em poucos dias, o aspecto comercial da questão. Recebeu os artistas com muita gentileza, dando-lhes tôda a razão, em seu protesto.

Consta que elementos ligados ao Catete estão fazendo pressão sôbre o ministro da Fazenda, impondo-lhe que resolva o assunto imediatamente, em face do escândalo que está havendo, até no âmbito internacional.

Desejo dos artistas: tintas e todos os outros materiais de pintura na primeira categoria do Plano Aranha.

Sérgio Bernardes

O ARQUITETO Sérgio Bernardes, que ganhou, na II Bienal, o prêmio para o melhor arquiteto brasileiro com menos de 35 anos, viaja hoje para a Itália, indo primeiro a Roma e depois até Milão, onde fará uma conferência ilustrada sôbre suas últimas realizações e seus novos projetos. Correrá Portugal de carro, irá até a Espanha e pretende se der tempo, visitar a Inglaterra.

AR CONDICIONADO PERFEITO
METRO COPACABANA · METRO PASSEIO · METRO TIJUCA
HOJE
MAIS "VEDETTE" DO QUE NUNCA! Joan CRAWFORD
"TORCH SONG"
Se Eu Soubesse Amar
MICHAEL WILDING ★ TECHNICOLOR
TOM e JERRY

BANCO LINO PIMENTEL
CONSULTEM NOSSAS TAXAS

Chinese Maritime Trust Agências S. A.

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINARIA
2.ª Convocação

Ficam convidados os senhores acionistas desta sociedade a comparecer à Assembléia Geral Ordinária a se realizar em 2.ª convocação, na sede social da Chinese Maritime Trust Agências S. A., à rua Mayrink Veiga n.º 31, nesta Capital, no dia 24 de junho de 1954, às 10 horas, para o fim de tomar conhecimento e deliberar sôbre o relatório da Diretoria, balanço, conta de "lucros e perdas" e parecer do Conselho Fiscal da sociedade, bem como eleger os Diretores e membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal para o corrente exercício.

Rio de Janeiro, 14 de junho de 1954.

Pela Diretoria: Oswaldo G. Aranha

Guia imobiliário

ANTONIO SAAD E DECIO LEFEVRE — Av. Erasmo Braga, 277, s. 907/13 — Tel. 22-6670.

JOAQUIM SANTOS PARENTE — Incorporação — Corretagem e Administração de Imóveis — Escritório Central — Av. 13 de Maio, 37-1.º andar — Tel. 42-0402 — Agência-Madureira — Rua Maria Freitas, 73-2.º and., sala 303.

JULIO C. SANTORO — Corretor de Imóveis — Av. Rio Branco, 106-B — 7.º andar, sala 713 — Tel.: 42-2633.

MILTON FERREIRA DE CARVALHO — Incorporação — Corretagem e Administração de Imóveis — Rua Evaristo da Veiga, 16, 17.º and. Tels.: 32-5737 e 52-1032.

OSWALDO SANTOS PARENTE — Incorporador, Corretor e Administrador de Imóveis — Av. Nilo Peçanha, 12, 4.º andar, salas 413-14 — Tels. 42-7341 e 42-2530.

Guia profissional

DESPACHANTES

DESPACHANTE PORTO — Oficial — Transferência de automóveis no mesmo dia — Licenças, Escrituras e Alvarás rápidos — Rua Santa Luzia, 536 — Tels.: 42-2002 e 52-2031.

GUIA MÉDICO

Aparelho Digestivo

DR. HELIO SILVA — Intestinos - Reto - Anus - Rua Rodrigo Silva, 14-2.º andar — Tels.: 42-3180 e 26-0218.

DR. MANOEL M. GOURINHO — Clínica Médica — Aparelho Digestivo — Av. Graça Aranha, 206 s. 1.008 — 2as., 4as. e sábados — Das 14 às 16 hs. — Tel.: 32-1721 — Res.: 26-6664.

Asma - Bronquite

DR. JOSÉ FREIRE GOMES — Asma — Bronquite (crianças e adultos) — Prevenção — Tratamento especializado. Rua Conde de Bonfim, 952-A. Das 8 às 11 horas diàriamente—Tel.: 38-7373.

Câncer

DR. RONALD NYK ALONSO DA COSTA — Diagnóstico e tratamento do Câncer e das Lesões pré-cancerosas — 2as., 4as. e 6as. feiras, das 16 às 18 horas — Av. Rio Branco, 257-16.º and., sala 1.613 — Telefone 32-1220.

Cirurgia

DR. JOSÉ HILARIO — Docente da Faculdade Nacional de Medicina — Chefe de Cirurgia do IAPC — Cirurgia do coração — Cirurgia geral — Hora marcada 42-9772 — 32-2220 — 47-4638.

DR. SAHIONE FILHO — Doenças do coração — Eletrocardiogramas — Doenças do sangue — Clínica geral — Cons. Av. Rio Branco, 106/8, s. 1.001 10.º andar — 2as., 4as. e 6as. feiras, das 2 às 6 horas — Tels. 32-7870 e 26-6265.

DR. FERNANDO PAULINO — Cirurgia — Urologia — Casa de Saúde São Miguel — Rua Conde de Irajá, 110 — Tels.: 46-0809 e 26-2041.

Doenças Nervosas

DR. HELIO ROSA — Nervosos — R. Senador Dantas, 20, salas 704-707 das 8 às 12 hs — Tel. 32-1063 e 42-0085.

DR. J. DE ABREU PAIVA — Psicanálise — Psicoterapia — Hora marcada: das 8 às 12 na cidade, Sta. Luzia, 799, 3.º, s. 304 tel.: 52-1104; e das 14 às 18 em Copacabana, tel.: 57-2260.

Doenças Sexuais

DR. GILVAN TORRES — Impotência — Doenças do sexo e Urinárias — Pré-Nupcial — Rua da Assembléia, 93, s. 73 — Tel.: 42-1071 — das 9 às 11 e das 15 às 19 horas.

DR. SPINOSA ROTHIER — Doenças Sexuais e Urinárias — Rua Senador Dantas, 44-2.º andar — Diàriamente Tel.: 22-3367

Hemorróidas

DR. LUIS SODRÉ — Tratamento das Doenças Ano-Retais, das colites e retocolites amebianas. Hemorróidas por processo próprio sem operação — Rua Rodrigo Silva, 14-2.º andar — Tel.: 22-0698.

DR. J. BRAGA — Av. 13 de Maio, 33-7.º andar — salas 736/7 — Das 15 às 17 horas exceto aos sábados.

Oculistas

PROF. MARIO GOES — Rua Alvaro Alvim, n.º 27, 2.º andar — Das 14 às 17 horas — Telefones: 22-6376 e 32-2575.

Ortopedia

DR. MARIO M. TOURINHO — Chefe do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do Hospital do Servidor da Prefeitura — Doenças dos ossos, articulações, etc. — Fraturas e luxações — Cons.: Alvaro Alvim, 27, 12.º, apto. 123 — Diàriamente, das 14 às 16 horas. Telefone: 32-1079.

DR. ORLANDO FONSECA — Cirurgia Ortopédica — Av. Rio Branco, 257, salas 312/13 — Tels.: 22-6557 — 37-1537 — Hora marcada.

Ouvidos, Nariz e Garganta

DR. ALVARO COSTA — Ouvido — Nariz — Garganta — Olhos — Rua Debret, 23-11.º andar, das 13 às 18 hs — Tels.: 42-1065 — 25-0308.

Raios X

DR. OSBORNE — Tomografia — Exames em residências — Edifício Odeon, 7.º andar, salas 718/9, das 9 às 12 hs. — Tels. 22-6034 — 26-0238 — 37-6227.

Urologia

DR. RUY GOYANNA — Av. Franklin Roosevelt, 84-2.º andar — Tel.: 42-2093 — De 2a. a 6a.-feira das 13 às 19 horas Hora marcada.

SOCIEDADE ANÔNIMA EDITÔRA TRIBUNA DA IMPRENSA

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 9 DE JULHO DE 1953

Aos nove dias do mês de julho de mil novecentos e cinquenta e três, às dezesseis horas, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, nesta capital, reuniram-se os acionistas da sociedade em número legal, conforme se vê do Livro de Presença. Aberta a sessão pelo diretor-presidente, senhor Carlos Lacerda, solicitou aos presentes a indicação de um presidente para a Assembléia, tendo sido designado o deputado Carlos de Lima Cavalcanti, que, assumindo os trabalhos, convidou para secretários os drs. Dario de Almeida Magalhães e Inácio Piquet Carneiro. Com a palavra o presidente da Assembléia solicitou ao secretário que procedesse à leitura do edital de convocação, cuja publicação fôra feita nos têrmos da lei, assim concebido: S. A. Editôra TRIBUNA DA IMPRENSA. Assembléia Geral Extraordinária. Convocação. São convidados os senhores acionistas da S. A. Editôra TRIBUNA DA IMPRENSA a se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária, a se realizar às quinze horas do dia nove de julho do corrente ano, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, a fim de tomar conhecimento de um relatório do diretor-presidente a respeito de acusações formuladas contra a direção do jornal TRIBUNA DA IMPRENSA e tratar de qualquer outro assunto de interêsse da sociedade. Rio de Janeiro, vinte e nove de junho de mil novecentos e cinquenta e três. Pela diretoria, Carlos Lacerda, diretor-presidente. A seguir, foi dada a palavra ao diretor-presidente, senhor Carlos Lacerda, que disse: Sr. presidente, minhas senhoras, meus senhores, meus amigos. Já é do conhecimento de todos o objetivo desta reunião. Em geral, não temos tido a sorte de contar com tão numeroso comparecimento de acionistas. Por um lado, pela confiança que isso parece demonstrar, cumpre-me agradecer; por outro lado, pelos afazeres que a todos separa, cumpre-me lamentar. Hoje, porém, vencendo as dificuldades de distância e tempo, eis que temos um numeroso comparecimento, para tratar matéria mencionada na Ordem do Dia, divulgada conforme a lei. A vossa, a nossa sociedade, o vosso, o nosso jornal, tem de pagar, neste momento, um tributo pesado: o pêso de uma luta que não é nova para êle, uma luta para a qual êle nasceu, uma luta através da qual êle há de viver. Costuma-se dizer, em certos círculos, e há mesmo quem sustente que quaisquer que sejam as acusações devemos sempre apenas contestá-las e assumir uma atitude de simples defesa e justificação, desde quando haja da parte do acusador um mínimo de idoneidade. Nós, porém, da diretoria da vossa sociedade, não pensamos assim. E não pensamos assim por duas razões. Em primeiro lugar porque tivestes a infeliz idéia de colocar homens públicos à frente de uma sociedade à qual não quisestes dar caráter exclusivamente comercial; que o dever do homem público é estar sempre pronto a justificar a sua vida e os seus atos. Em segundo lugar, porque a nossa sociedade não se destina a produzir uma mercadoria qualquer, a distribuí-la e a vendê-la. A mercadoria que a nossa sociedade prepara e vende, o produto da nossa indústria é realmente único e terrivelmente exigente. E' o produto que pode envenenar as almas ou redimi-las, que pode servir a uma nação ou empestá-la. Um jornal, portanto, deve estar sempre pronto a justificar a sua vida, como um homem público deve estar sempre pronto a justificar as suas idéias e a sua conduta. Assim, qualquer que seja a fonte das acusações, esperamos que elas se sedimentassem, para não fazer o jôgo daqueles que, à guisa de defesa, levantam apenas a calúnia, transbordando de sua pessoa sôbre os demais. E hoje, perante o órgão competente, que é a assembléia soberana desta sociedade, vimos apresentar justificação, ponto por ponto, uma explicação, parágrafo por parágrafo, algarismo por algarismo, da nossa conduta, da conduta do vosso e nosso jornal. Desde logo, partimos de quatro pontos fundamentais. Primeiro: fundamos, em vinte e sete de dezembro de mil novecentos e quarenta e nove, uma sociedade para editar um jornal, por subscrição popular. Êsse movimento nos encheu de alegria, orgulho e esperança; mas, nem por um momento nos deixamos dominar por êstes nobres sentimentos; nem por um momento esquecemos a modéstia dos recursos com que tínhamos de lutar para formar um jornal que, desde logo, emparelhasse na primeira plana dos órgãos da imprensa da capital do país. Realmente, fizemos, desde logo, um jornal pobre, dentro da pobreza dos recursos a nosso alcance. Mas êste jornal pobre, desde logo, figurou entre os principais órgãos formadores da opinião pública do país. E ainda agora o tributo que êle paga é uma consequência, não de sua fraqueza, mas, precisamente, de sua fôrça moral, que se revelou em muito superior à sua fôrça econômica e financeira. O primeiro ponto, meus amigos, o ponto de partida, sem cuja compreensão jamais se poderia entender o problema das aflições e soluções possíveis para a TRIBUNA DA IMPRENSA é, portanto, êste: a relativa modéstia de recursos, dentro de um admirável movimento de amizade cívica. Segundo: o segundo ponto é o do desenvolvimento progressivo, paulatino do jornal, em grau compatível com os seus objetivos, em condições normais de uma concorrência legítima, na imprensa do Rio de Janeiro. Êste ponto, espero demonstrá-lo com algarismos. Terceiro: O terceiro ponto é precisamente o do surgimento de um fator de perturbação, equipado pelo poder econômico do Estado, ao qual se aliou o poder de grupos econômicos incontrastáveis, para destruir a liberdade de imprensa pela perturbação e eventual anulação da concorrência legítima. Quarto: o quarto e último ponto, fundamental à compreensão do problema e da vida da TRIBUNA DA IMPRENSA, nestes três anos e meio de existência, é êste: de todos os órgãos que sofreram os efeitos do "dumping" intentado, o que mais diretamente suportou o impacto do uso do poder econômico do Estado havia de ser, não podia deixar de ser, aquêle que, ainda novo, não hesitou em enfrentar êste poder, pois esta era, exatamente, a razão de sua existência. Entre os insultos e apodos que nos tem valido a fidelidade a êstes pontos fundamentais, honraram-nos, a mim e ao nosso jornal, com dois qualificativos: ao diretor, o de louco; ao jornal, o de mal-feito, pobre, falido. "The New York Times", em 1871, mal nascido ainda, dizia de si próprio que não estava tão bem impresso quanto desejaria. Pedia desculpas e chamava-se a si mesmo qualquer coisa que em inglês equivalia àquilo que um dia chamamos a TRIBUNA DA IMPRENSA: o "patinho feio". Ao começar a sua memorável luta contra a corrupção, pela limpeza moral da cidade, contra os corruptores de Tammany Hall, que a degradavam, o "New York Times" mereceu de um jornal do grupo da corrupção as seguintes palavras: "O declínio do "Times" em tudo o que credencia um jornal ao respeito e à confiança, foi rápido e completo. O seu atual diretor afunda-se numa monótona rotina de insultos e desrespeito à verdade". "O diretor do "New York Times" está louco", dizia o órgão da corrupção americana. Como se vê, começamos em boa companhia. Grande parte do depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito, primeiro para a apuração dos negócios da "Ultima Hora" com o Banco do Brasil e, a seguir, por uma manobra regimental, para a apuração dos negócios dos demais jornais com êsse Banco, tentando-se, assim, estabelecer uma identidade, — onde quando muito poderia haver analogia se não fôsse antes parte integrante de um mesmo plano —, grande parte do depoimento, repito, prestado por Samuel Wainer, instrumento do conluio contra a liberdade de imprensa, consistiu numa acusação à TRIBUNA DA IMPRENSA. Vamos acompanhar estas acusações. Para começar, dizia êle que durante meses e meses gastamos tempo numa tarefa adequada ao espírito de beleguim que nos caracteriza. Realmente, durante dois anos, antes mesmo do aparecimento daquele jornal, nunca cessamos de clamar e reclamar, de advertir a opinião pública e o Congresso acêrca do perigo que pairava sôbre a imprensa livre do Brasil. Quanto mais hoje, que se demonstraram neste país duas coisas: uma, o poderio crescente e a opulência ofuscante de certos órgãos; outra, o empobrecimento progressivo de outros. O que se está a fazer — e não será mais do que confirmar o que já afirmamos — é demonstrar que ao poder econômico do Estado, que dá um ponto de partida tão alto e vantajoso a determinados órgãos, corresponde sempre, pelo apoio dos grupos que apenas buscam lucros, um desenvolvimento crescente, em desfavor dos que não têm, para começar o jôgo, — empregando uma expressão corrente —, um "cacife" tão alto. Fui acusado, se nisto há acusação, de herdeiro de latifundiários fluminenses, e me dispenso de demorar sôbre êste aspecto, que além de falso é grotesco. Mas a intriga logo começa... Aqui se diz que a TRIBUNA DA IMPRENSA surgiu sob uma expectativa nacional e que um grupo de católicos, até à porta das igrejas, foi buscar dinheiro para formá-la, e que usei até o nome de Cristo para levantar dinheiro. Vós bem sabeis que não foi assim. Bem sabeis como separamos sempre a nossa fé dos nossos compromissos materiais. Sabeis também que se buscássemos apenas circulação, teríamos apoiado o divórcio, por exemplo, que dá margem a "tiradas" de sabor sensacionalista. Se buscássemos circulação não nos teríamos — com rara exceção logo corrigida numa orientação raramente desviada de seus rumos — não nos teríamos condenado a sufocar tôda tendência ao sensacionalismo barato, que faz vender brutalmente jornais de certo estofo. Assim, portanto, a primeira acusação peca pela base, pois contraria a verdade dos fatos, espelhada nas coleções de três anos e meio de vida do jornal. O único compromisso que assumimos convosco, desde antes do jornal nascer, foi o de não fazer o jornal de um grupo, de uma facção, nem mesmo de um partido, por mais respeitável que fôsse; e isto se tornou possível porque homens de todas as convicções e credos, uniram-se pelo desejo de proporcionar ao país um jornal que representasse uma tentativa, um esfôrço em procura da verdade. E ao procurá-la, encontrando-a, revelá-la e defendê-la até o último dia de sua vida. Êsse compromisso, como haveis de ver, não foi por nós traído. E como êste era o nosso objetivo único, precisava dêle dar contas à Assembléia. Wainer diz: "Impelido por mórbida vaidade, fêz um jornal que não é jornal, mas sim uma tribuna super-personalista, exclusivamente destinada a satisfazer suas paixões políticas e incontroláveis ambições". Para não tomar vosso tempo, trago apenas um exemplo. Apenas um: a campanha a que demos o nome de "Ajuda teu Irmão". Sabeis que a luta dêstes dias nos tem retardado a divulgação do relatório desta campanha (publicado dias depois), mas aqui trago números fundamentais em relação a ela. Em cêrca de dois meses mandamos para a Bahia seis toneladas de comida, em cento e dezesseis volumes, em caminhões pagos pela Campanha. Para Alagoas mandamos trinta e um mil e quinhentos quilos, em quinhentos e noventa e três volumes, em caminhões pagos pela Campanha e em navios cedidos pelos seus armadores. Para Sergipe mandamos dois mil e trezentos e trinta quilos, em oitenta e cinco volumes, em aviãs. Para Pernambuco mandamos cento e dezesete mil e quatrocentos e quinze quilos de gêneros, em dois embarques marítimos e três caminhões pagos pela Campanha e um, cedido pela Shell-Mex. Para a Paraíba mandamos cento e noventa e oito mil e seiscentos e oitenta e sete quilos, em três mil e quinhentos e setenta e quatro volumes, cinco aviões da FAB e um da Campanha, pago pela Campanha e dois embarques marítimos. Para o Piauí mandamos quarenta e quatro mil e setecentos e cinquenta e sete quilos, em novecentos e oitenta e dois volumes, sete caminhões, todos pagos pela Campanha. Para o Rio Grande do Norte mandamos cento e trinta e sete mil e quinze quilos, em dois mil e seiscentos e setenta e cinco volumes, um avião da FAB, quinze caminhões, pagos pela Campanha e um embarque marítimo, em navio com praça cedida à Campanha. Para o Ceará mandamos cento e setenta e um mil e setecentos e oitenta quilos, em três mil e quinhentos e vinte volumes, em três aviões, um navio e doze caminhões pagos pela Campanha. Recebemos, em gêneros, do povo desta capital e dos Estados vizinhos, cento e vinte e quatro mil e quatrocentos e trinta e cinco quilos de comida para o Nordeste. Cêrca de vinte e cinco mil peças de roupa, novas e usadas, além de muitos outros donativos e objetos, foi uma parte da campanha do vosso jornal, lançada por êle em combinação com a Rádio Mayrink Veiga. Em dinheiro, levantamos, com a valiosa cooperação da Rádio, quatro milhões, oitocentos e trinta e quatro mil, trezentos e vinte e seis cruzeiros e trinta centavos, para os flagelados do Nordeste. Tudo isso começou no dia doze de fevereiro dêste ano, quando a TRIBUNA DA IMPRENSA publicou o seguinte editorial: "Vamos ajudar os nossos irmãos. Assim, estaremos transformando em benefício o sacrifício inútil de nossas vidas complicadas, de nossas alegrias truncadas pelas desgraças de uma cidade sem alma. O povo do Rio de Janeiro, o povo das grandes campanhas de solidariedade e de contagiante entusiasmo, que se levante, agora, para dar ao nordestino, senão o que lhe sobra, pelo menos uma parte do que não lhe faz falta". Cumpre notar que não foi apenas material êste resultado. Foi também político e espiritual. Político, no sentido de que fomos, podemos dizer, a primeira voz que se levantou neste país — a da TRIBUNA DA IMPRENSA — primeiro, para provar que a sêca existia, quando oficialmente se negava a sua existência; segundo, para clamar que ela não podia existir sem que neste país se levantasse a ajuda de um povo esquecido da fraternidade. Neste momento, o jornal "Ultima Hora", para torpedear essa campanha de solidariedade, anunciava que o poder público planejava — como dizia em manchetes — uma "ponte aérea" de socorro aos flagelados das sêcas. E mais. Numa tentativa de autêntica sabotagem à solidariedade dos brasileiros, atribuía à sra. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, num artigo no qual estaria ela prevenindo a opinião pública contra o espírito dos demagogos e dos políticos... da oposição em relação à sêca. Foi neste momento que, passando por cima de tôdas as naturais prevenções e preconceitos, pedi à sra. Darcy Vargas que me recebesse. No Palácio do Catete, cêrca de meia-noite, fui por ela recebido em seus aposentos. E ela me tratou com um carinho maternal, misturado a uma censura natural de adversária, não muito rancorosa, devo dizer. E, graças ao entendimento, à espécie de pacto que então fizemos em silêncio e que só hoje trago ao conhecimento dos acionistas da TRIBUNA DA IMPRENSA, foi possível destruir a intriga que dentro do Palácio e nos jornais oficiais se fazia para nos impedir de ter voz e presença numa campanha de solidariedade nacional. Nós ajudaríamos a Legião e ela não se submeteria à intriga com que se visava, à custa das vítimas da sêca, evitar a nossa intervenção no sentido de acordar a solidariedade popular. Se me demorei um pouco neste exemplo, peço-vos desculpas, mas foi para torná-lo único, pois seria longo dar aqui uma relação das campanhas em que êste jornal, vosso e nosso, se tem empenhado, das que tem iniciado e secundado, colocando-se sempre acima até dos seus próprios interêsses materiais, pois grandes recursos tem perdido: leitores, em certas campanhas e dinheiro em outras. Quando, por exemplo, nos colocamos contra o jôgo, perdemos dinheiro. Quando, em 1950, tomamos posição pregando a necessidade de só um candidato democrático para evitar a vitória, que então já nos parecia certa, do sr. Getúlio Vargas, contrariamos alguns dos nossos mais fraternais amigos e devotados companheiros. Se alguma vez — que certamente tem havido — incorremos em êrro em algumas de nossas posições, creio, nunca, em nenhum dos nossos acionistas ou leitores, ficou sombra de dúvida de que êsses erros nunca foram praticados em benefício próprio, por má fé ou cobiça. Não sei se os acionistas terão bem presente a aventura que foi, numa cidade que tinha na época, cêrca de trinta jornais diários, lançar um novo vespertino, com o capital nominal de nove milhões de cruzeiros, não integralizado, nas condições em que lançamos o nosso. Permiti, portanto, dois ou três algarismos a respeito. Há dias vimos, na Comissão de Inquérito, que só uma das rotativas da "Ultima Hora" custou dez milhões. A nossa única, que imprimia o catálogo de telefones e que não mais servia para êsse fim, custou oitocentos e cinquenta mil cruzeiros. E tivemos de pagar logo para não perdermos para outros que a disputavam. Do contrário, naquela época, teríamos que esperar quase dois anos para obter uma nova, com dinheiro que não possuíamos. Para equipar a rotativa, despendemos mais de cento e quarenta e dois mil cruzeiros, o que elevou o seu custo para cêrca de um milhão. Gastamos um milhão e quatrocentos e vinte e três mil cruzeiros em linotipos. Portanto, entre rotativa e linotipos gastamos, ao todo, em números redondos, dois milhões e quinhentos mil cruzeiros. Quando fomos procurar local para funcionar, os pedidos de "luvas" eram de trezentos, quinhentos e até oitocentos mil cruzeiros, o que nos levou a comprar um prédio, com o qual, é certo, acrescentamos um lastro poderoso ao patrimônio da sociedade. Por outro lado, porém, oneramo-la desde logo, com a compra, que por si mesma era exigente. Sôbre o prédio, voltarei daqui a pouco. Para um capital subscrito em 1949, de nove milhões, realizamos, em 1949, quatro milhões e meio; em mil novecentos e cinquenta, mais três milhões e trezentos mil; em mil novecentos e cinquenta e um, duzentos e trinta e seis mil cruzeiros; em mil novecentos e cinquenta e dois, cinquenta e um mil e meio, e, de janeiro a junho dêste ano, nove mil e quinhentos cruzeiros. Restam ainda, por realizar, por integralizar, oitocentos e setenta e quatro mil cruzeiros, de acionistas que não completaram os seus pagamentos. E se é certo, por um lado, se é absolutamente certo que a lei nos faculta considerar isso como dívida e executá-la, até, por outro lado bem sabeis que não nos convém — e sempre isto nos pareceu certo — ter na sociedade acionistas à fôrça, contra a vontade, tangidos apenas pelo medo da Justiça. Assim, temos procurado um por um e entrado em acôrdo, e se alguns dêles integralizam suas ações, outros pedem prazo e esperamos; outros, porventura, não cumprem, e temos de contornar o problema. Disse Wainer: "A queda da circulação da TRIBUNA DA IMPRENSA, lançada para mais de sessenta mil exemplares, chegou a arrastá-la à média ridícula de oito a nove mil exemplares diários". Não sendo jornal de concursos de cupões, nem de crimes, o nosso tem uma circulação efetiva superior, por exemplar, a cinco leitores, o que eleva, desde logo, a nossa circulação real muito além daquela que Samuel Wainer faz crer. Não é ridícula, nunca foi a nossa tiragem, e a prova é que, gastando só nessa despesa de lançamento, segundo confessa, isto é, só em cartazes de propaganda, mais do que o capital total da nossa sociedade, Samuel Wainer, nos primeiros meses de existência da "Ultima Hora" do Rio de Janeiro, jamais vendeu além de doze a quinze mil exemplares. Foi precisamente com novas injeções de dinheiro oficial que êle pôde desenvolver dois cadernos, pràticamente dois jornais diferentes num só, e assim obteve aumento de publicidade cada vez maior, e, dobrando consequentemente a sua circulação e ainda tendo, convém não esquecer, uma emissora à disposição, que, de manhã à noite, cantava e apregoava as excelências do jornal. Possui também uma flotilha de caminhões de distribuição, que representa vinte e tantos contra um. Uma camioneta, foi quanto tivemos, durante todo êsse tempo, até que, ultimamente, fomos forçados a comprar uma segunda. Até a prisão, com que fui honrado, ou as agressões com que me distinguiram, servem para estabelecer um paralelo, no qual os têrmos morais se invertem e aquêle que nunca foi agredido, porque nunca lhe deram importância, ou porque nunca desafiou a quem é capaz de covardia, passa a ser herói, enquanto ridículo passa a ser aquêle que se dispõe a enfrentar tal situação, inclusive em terrenos para os quais não foi devidamente preparado. Nas suas diatribes contra nós, contra a TRIBUNA DA IMPRENSA, já Samuel Wainer adiante diz: "E ainda hoje, já no seu quinto ano de vida, a TRIBUNA DA IMPRENSA mantém garbosamente a posição de lanterninha de nossos vespertinos". Há pouco, tínhamos dois anos, depois três, depois quatro, depois cinco, quando, na realidade, bem sabeis, temos apenas três e meio. Êsse depoimento nos envelhece, às vêzes! A história da lanterninha conhecereis de sobra e me dispenso de comentar aquêle versículo de S. Mateus, do Sermão da Montanha, que se refere a uma lanterna que se acende não para esconder-se debaixo do banco ou sob a cama, mas para acender-se no mais alto da casa, a fim de que todos, em redor, por via dela, se iluminem. "A tal ponto chegou o descalabro, que não há mais um bom distribuidor de jornais no Rio de Janeiro que aceite a prebenda. Sua comissão não chegaria para cobrir as despesas de distribuição da TRIBUNA DA IMPRENSA". Isto é falso da primeira à última palavra. Falso até porque não é o distribuidor que paga as despesas da distribuição — e um diretor de jornal não tem o direito de ignorar tal fato. Um dos ônus terríveis do sistema obsoleto de distribuição do Rio de Janeiro é que tôdas as despesas, tôda a responsabilidade incumbe ao produtor de jornais e não ao revendedor, que é o distribuidor. O encalhe lhe vem às mãos e o transporte é também pago pelo jornal; os números deteriorados são descontados ao jornal e o distribuidor tem apenas uma comissão pelo fato de colocar o jornal à venda. E como colocá, bem o sabeis! O jornal, no Rio, é a única mercadoria que não é oferecida ao freguês. O sistema de distribuição e revenda nesta capital é obsoleto. O acréscimo de números de revistas, inclusive estrangeiras, ocupa todo o espaço disponível nas apertadas bancas das concessões dadas pelo gabinete do prefeito, a título precário, para exposição e venda de jornais e publicações em geral. Isso nos tira a possibilidade de mandar mais jornais para cada banca e, então, começa uma guerra surda, na qual se especializou a "Ultima Hora", seja dando prêmios e vantagens, seja adulando e cortejando a natural vaidade dos homens, através de uma campanha chamada "Os capitães da imprensa", que certamente será do conhecimento da maioria.

Essa campanha, até agora, representa para nós um ônus tão terrível, que trago aqui um documento expressivo: no dia vinte e cinco de maio, quando a "Ultima Hora" anunciou que nos ia processar, para haver de nós vinte milhões de cruzeiros por perda e dano, que seriam doados imediatamente pelo generoso Samuel Wainer à construção de um hospital de trabalhadores da imprensa, uma carta lhe chegou às mãos, enviada pelo presidente do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais, aplaudindo a "Ultima Hora" por êsse gesto, que equivalia à destruição de outros jornais. Era o sistema peronista. Era o sistema pelo qual foi destruída "La Prensa", que se procurava aplicar no Brasil, depois que a própria "Ultima Hora" havia anunciado que iria promover a organização sindical dos distribuidores de jornais, que não são positivamente empregados como não são empregadores, mas exclusivamente intermediários, trabalhando à comissão, por conta própria. Não poderiam, portanto, sindicalizar-se, senão por uma violência feita ao próprio espírito da lei. Entretanto, as tentativas existiam e existem, a exemplo do que se fêz na Argentina para sufocar "La Prensa". Tal tentativa, frustrada há tempos, foi agora totalmente inutilizada, porque o sistema da bajulação e do prêmio não bastou para quebrar, nos jornaleiros do Brasil, uma certa consciência, adormecida às vêzes, mas agora desperta: a reação que encontrei, em São Paulo e no Rio de Janeiro, à venda da "Ultima Hora", nos últimos dias, é um sinal de vitalidade da consciência cívica dos humildes jornaleiros de rua. A um companheiro nosso, ontem, Aluísio Alves, quando ia comprar o "Flan" — porque êle ainda tem êsse mau hábito — o jornaleiro, depois de colocar o "Flan" dentro da TRIBUNA DA IMPRENSA, disse: — Vou colocar assim, porque isso suja! Dessa forma, não conseguiram corromper senão a si mesmos os corruptos vendidos ao Banco do Brasil. Com um ar solene de gato pingado, Samuel Wainer avisou à Comissão de Inquérito: "Srs. deputados, a TRIBUNA DA IMPRENSA é um jornal que morreu antes de nascer". Creio que deveríamos dizer como aquêle francês: "Para um morto, madame, nous nous portons très bien". Realmente, êsse morto que mata jornais tão vivos e diretores tão vividos, é um defunto que vale a pena carregar. Mas êle acrescenta: "Assim como o leitor não se deixa embair pela virulência dos artigos de um diretor em permanente acesso de ira, a publicidade também não se deixa iludir por um jornal sem público". Ora, êsse é um outro aspecto do "dumping" que não foi contado ainda à Comissão de Inquérito: muitas das dactilógrafas das agências de publicidade jamais deixaram de receber cortes de fazenda a cada aniversário, a cada Natal, a cada começo de ano, a cada Páscoa, das mãos da direção de publicidade da "Ultima Hora", assim como canetas e brindes diversos e mais tôda uma distribuição dos chamados "médias", isto é, dos rapazes que, nas agências de publicidade, estabelecem contacto entre estas e os seus clientes, que são os grandes anunciantes. Uma verdadeira caravana dêsses rapazes vem das agências de São Paulo, onde hoje cada vez mais se concentra a grande publicidade de imprensa do Brasil, e fica hospedada num hotel da praia de Copacabana, com "boites" e noitadas pagas pela "Ultima Hora", a pretexto de mostrar as suas instalações no Rio a êsses publicitários de São Paulo. Diante disso, vimos dia após dia, mês após mês, os processos mais torpes da concorrência estabelecida, financiada pelo Banco do Brasil, acuando-nos, empurrando-nos cada dia mais contra a parede, para obrigar-nos a cair de joelhos. Ainda assim, quando Samuel Wainer diz: "Com a sua mesquinha circulação e capacidade de penetração, a TRIBUNA DA IMPRENSA, com ou sem a concorrência da "Ultima Hora", jamais atrairia qualquer publicidade", êle acrescenta: "A verdade é que o órgão de nosso denunciante nunca foi incluído na programação espontânea dos grandes anunciantes e das grandes emprêsas de publicidade". Quando diz isso, mais uma vez falta à verdade, da primeira à última palavra. Em 1952, mil novecentos e cinquenta e dois, trinta e nove agências de publicidade programaram a TRIBUNA DA IMPRENSA. Em mil novecentos e cinquenta e três, quarenta e uma. E, se mais não programaram e se, ao programar, maior número de anúncios não deram, foi por dois motivos: primeiro, porque a nossa circulação diminuía à medida que aumentava a da "Ultima Hora". Não negamos êste fato, pois se negássemos seria o mesmo que invalidar a fôrça do nosso grande argumento; em segundo lugar porque, não raro, não poucos anúncios na "Ultima Hora" eram condicionados à obtenção de favores na CEXIM ou na obtenção de redescontos na respectiva Carteira do Banco do Brasil. Há ainda os favores publicitários, como aquêle estabelecido nos contratos celebrados, em fevereiro e março, entre a Companhia Antártica e o conjunto "Ultima Hora" do Rio, "Ultima Hora" de São Paulo e Rádio Club do Brasil, por trezentos mil cruzeiros mensais, sendo cento e cinquenta mil para anúncios e cento e cinquenta mil, segundo consta taxativamente de cláusula do contrato, para divulgação de matéria de interêsse da companhia, com característica de matéria redacional. Isto é: venda de opinião do jornal à Companhia Antártica Paulista. Ora, nessas condições quem pode disputar o anúncio quando êle vem misturado com a opinião do jornal e quando se vende, no mesmo ato, no mesmo contrato, uma e outra coisa? Depois do prematuro atestado de óbito ao jornal, Wainer chama o seu diretor de "pretenso jornalista" e diz que não provocou "dumping", porque a situação da TRIBUNA já era "penosa e insolúvel muito antes do aparecimento da "Ultima Hora". Nem penosa nem insolúvel. E' o próprio Wainer que se encarregará de demonstrá-lo mais adiante. "Se algum efeito teve o nosso jornal sôbre a vida e o orçamento da TRIBUNA DA IMPRENSA, foi exatamente o contrário. Como outros jornais brasileiros, começa a aceitar a técnica de renovação de "Ultima Hora". Enche o jornal de colunas e colunistas, adota dois cadernos, contrata novos profissionais à base de salários um pouco menos famintos, inclusive o célebre humorista Pimpinela, desenvolve em suma um pequeno esfôrço de emulação e obtém, com isso, uma ligeira melhoria". Assim, se converte em objeto de irrisão o esfôrço desesperado que fazíamos, que fazemos, que faremos para manter-nos na concorrência, para manter-nos vivos, com os derradeiros recursos de que dispúnhamos para combater a cornucópia, que incessantemente derramava dinheiro sôbre a cabeça de Wainer. Aqui está, não a tiragem, mas a nossa "venda diária": nos cinco dias do ano de mil novecentos e quarenta e nove em que circulamos, trinta e dois mil exemplares por dia, nesses dias, como se vê, com aquêle jornal feioso e pobre, conseguimos vender mais do que a "Ultima Hora" com a "Erica": em mil novecentos e cinquenta, a média foi de dezesseis mil e setecentos exemplares; em mil novecentos e cinquenta e um, "até junho", média diária: dezenove mil e cinquenta exemplares vendidos. Por que marquei êsse primeiro semestre de mil novecentos e cinquenta e um? Porque no dia doze de junho, saía a "Ultima Hora". Até junho, portanto, nossa média de exemplares vendidos por dia já era de dezenove mil e cinquenta. Cada grupo de leitores que ganhávamos era um grupo de clientes que assegurávamos. O nosso não era o leitor do histerismo de um dia, mas lentamente conquistado, o leitor dos jornais que se fazem para durar, para ficar e não para os nervosismos de uma campanha. A partir, porém, de junho de mil novecentos e cinquenta e um até dezembro dêsse mesmo ano, já caíamos de dezenove mil e cinquenta para dezesseis mil e cinquenta. Durante o ano de mil novecentos e cinquenta e dois, a nossa média diária baixava para quinze mil e cento e cinquenta exemplares e, em mil novecentos e cinquenta e três, até junho, tal média baixou ainda para quatorze mil e novecentos. Eis aí o que representa — e poder-se-ia dar a isto uma expressão gráfica muito clara — o impacto, ou efeito de "Ultima Hora" sôbre a venda real da TRIBUNA DA IMPRENSA. A vantagem que levamos sôbre a "Ultima Hora" não é certamente a do dinheiro, mas a da verdade. Há pormenores que quero poupar-vos, para não tomar muito tempo. Desejo ficar no essencial. Refere-se êle à nossa tabela oficial de publicidade, chamando-a a mais vil de todos os jornais do Brasil. Vejamos. Preço do centímetro em página indeterminada: TRIBUNA DA IMPRENSA, trinta cruzeiros; "Correio da Manhã", vinte e seis cruzeiros; "Diário Carioca", vinte e dois cruzeiros; "O Jornal", vinte e seis cruzeiros; "Jornal do Brasil", dezoito cruzeiros; "Jornal do Comércio", quinze cruzeiros; "Gazeta de Notícias" (preço mais ou menos teórico), trinta cruzeiros; "Radical", vinte cruzeiros; "O Dia", vinte cruzeiros; "Diário Trabalhista", vinte e quatro cruzeiros; "Globo", sessenta cruzeiros; "Ultima Hora", sessenta cruzeiros; "Diário da Noite", cinquenta cruzeiros; "A Noite", quarenta e cinco cruzeiros; "Fôlha Carioca", trinta e cinco cruzeiros; "Correio da Noite", cinquenta cruzeiros; "Vanguarda", vinte cruzeiros; "O Mundo", trinta cruzeiros; "A Notícia", quarenta cruzeiros; "O Popular", vinte cruzeiros; "Fôlha do Rio", quarenta cruzeiros. Ora, vimos que o preço da "Ultima Hora" é fictício, pois o deputado A. Falcão exibiu ao próprio Wainer a carta de um negociante do Rio de Janeiro, pela qual Wainer já aceitava meia-página de publicidade a dois mil cruzeiros. Assim, tal página, pela qual êle diz cobrar, pela tabela, sessenta mil cruzeiros, era vendida a quatro mil, isto é, oito mil cruzeiros menos do que a mais barata das páginas da TRIBUNA DA IMPRENSA. Isto num jornal a quatro côres, a quatro mãos, a duas cabeças e muitos pés. Era e é, portanto, completamente impossível lutar numa concorrência legítima nessas condições. Se vos citei êsses algarismos não foi pelo prazer de citá-los, pois custa até repeti-los, mas sim porque desejo realmente demonstrar a impossibilidade em que nos encontrávamos de continuar lutando nessas circunstâncias. Havia ainda o temor de que a exposição dêsses fatos despertasse nas pessoas apenas a idéia de que se tratava de uma simples concorrência entre dois jornais ou, quem sabe, de uma quizília pessoal entre dois jornalistas. De qualquer modo, não há dúvida de que Wainer tem razão quando diz que o crime ajuda a vender jornal... A nossa venda efetiva, venda paga, que era de vinte mil exemplares a primeiro de julho dêste ano, passou a vinte mil e oitocentos e cinquenta e dois a dois de julho, a vinte e um mil e setecentos e noventa e oito a três de julho, a vinte e um mil e novecentos e vinte e quatro a quatro de julho, a vinte e dois mil e quinhentos e trinta e um a seis de julho, segunda-feira, e, no dia sete, anteontem, foi de vinte e quatro mil e setecentos e sessenta e nove exemplares! Como se explica que, com tantas dificuldades, a TRIBUNA DA IMPRENSA continue a circular? Para Wainer, o problema é fácil, pois diz êle: "Em todo caso, se ainda continua circulando, deve-o aparentemente em parte às substanciais transfusões que lhe têm sido aplicadas com dinheiro proveniente de publicidade oficial, de autarquias, de instituições governamentais, ou de organizações patronais do tipo do SESI. Não fôra essa publicidade, que representa a melhor parcela do seu orçamento, é possível que a TRIBUNA DA IMPRENSA já tivesse cerrado suas portas". Vejamos se isso é exato ou não. Eis a relação da publicidade angariada em repartições públicas, assembléias, Caixa Econômica Federal, autarquias, sociedades de economia mista etc.: em mil novecentos e quarenta e nove, seis mil e quinhentos cruzeiros, em cinco dias, sendo quatro mil e quinhentos cruzeiros provenientes da Administração Regional do Distrito Federal, creio que do Impôsto de renda ou algo semelhante, e dois mil cruzeiros do Serviço de Alimentação da Previdência Social; em mil novecentos e cinquenta, quatrocentos e sessenta e três mil cruzeiros, dos quais a grande parcela, a maior, foi de cento e doze mil, da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, para publicação do seu relatório. De Institutos como o dos Comerciários tivemos onze mil cruzeiros, Industriários trinta e quatro mil, "A Equitativa", controlada pelo Govêrno, que deu a Wainer, num só contrato, dois milhões, deu à TRIBUNA, no ano de mil novecentos e cinquenta, dezesseis mil cruzeiros. Em mil novecentos e cinquenta e um, a nossa receita de publicidade dessas fontes foi de quinhentos e cinquenta mil cruzeiros, dos quais noventa e quatro mil do Banco do Brasil, pela publicação de relatórios. E sabeis o que aconteceu? Apenas o seguinte: o Banco do Brasil levou três meses para pagar e, na hora de fazê-lo, pediu um abatimento de cinquenta por cento. Em mil novecentos e cinquenta e dois, a nossa receita de tôda publicidade oficial foi de quatrocentos e trinta e seis mil cruzeiros; em mil novecentos e cinquenta e três, foi de duzentos e quarenta e seis mil. Aqui também se verificou o mesmo fenômeno que já apontei na circulação e em muitos aspectos da vida do jornal. Passamos, em números redondos, de quatrocentos e sessenta e três mil cruzeiros, em mil novecentos e cinquenta, para quinhentos e cinquenta mil, em mil novecentos e cinquenta e um. Era lícito esperar, pois, que com cada ano de vida, a crescer o fundo de comércio, o crédito, o círculo de relações, a capacidade de produção do jornal, aumentassem também essas parcelas da sua receita. Entretanto, de quinhentos e cinquenta mil cruzeiros, em mil novecentos e cinquenta e um, caímos para quatrocentos e trinta e seis mil, em mil novecentos e cinquenta e dois, e para duzentos e quarenta e seis mil, no primeiro semestre dêste ano. Uma simples comparação revelará a verdade sôbre êste ponto. Em mil novecentos e cinquenta, sete e meio por cento da receita de publicidade do jornal advieram das entidades oficiais, autárquicas, oficiosas etc.; em mil novecentos e cinquenta e um, seis por cento; em mil novecentos e cinquenta e dois, dada a queda geral dos anúncios de outras fontes, nove por cento; em mil novecentos e cinquenta e três, apesar da queda dos anúncios comerciais, a percentagem do anúncio oficial ainda baixou a cinco por cento. No total da vida do jornal, a publicidade oficial, oficiosa, autárquica etc. foi de seis e meio por cento sôbre a receita global de anúncios ou publicidade. Sôbre a publicidade do SESI voltarei daqui a pouco, pois Wainer também voltou. Aqui diz êle que em vez de anotar em cima da matéria "Publicidade", como havíamos dito, passamos, em alguns casos, a anotar "Atividades desta ou daquela instituição". Esta é talvez a única afirmação exata, no depoimento de Wainer. Hesitamos longamente antes de fazê-lo. Perdemos não poucos anúncios, não pouca matéria paga, por causa da disposição de exigir, como até hoje exigimos, que em cima da matéria se escrevesse a palavra "Publicidade". Chegamos a exageros talvez ridículos, como, por exemplo, quando uma pessoa queria noticiar seu aniversário nós ou colocávamos em cima a palavra "Publicidade" se êle desejava pagar ou, então, publicávamos de graça, como fazemos normalmente na seção "Sociais" do nosso jornal. Atribuímos a esta parte muito maior importância do que isto realmente tem. Finalmente, tivemos de nos render. E, curioso, só nos rendemos depois do aparecimento da "Ultima Hora". Não poderíamos continuar perdendo a parca publicidade que nos davam, apenas porque o interessado se recusava a ter o seu anúncio com indicação tão escandalosa. Padronizamos, então, a indicação "Atividades do govêrno tal, da entidade tal, da firma tal" e adotamos tão sòmente esta expressão, e não outras, que dá ao leitor habituado na leitura da TRIBUNA, depois de algum tempo, a convicção de que aquêle foi um espaço comprado para que alguém diga o que pretende, a respeito do seu serviço ou do seu produto. Não podíamos, sòzinhos, impor a nossa própria lei; muito menos sob a pressão de uma concorrência que nos exauria. Adaptamo-nos sem quebra do preceito de que não vendemos nossa opinião. Vendemos determinado espaço indicado por um sinal convencionado com o leitor para que êle saiba que se trata de publicidade e no qual o anunciante diz o que precisa ou deseja dizer. E, curioso, repito, só fomos obrigados a lançar mão dêste pequeno subterfúgio, desta astúcia de quem não se quer render ou morrer, depois que a "Ultima Hora" lançou sôbre nós o pêso dos seus milhões. Refere-se êle a um "Código de Ética farisaico" que havíamos adotado e que nós mesmos havíamos esquecido. O nosso Código de Ética diz que não aceitaríamos anúncios que não fôssem anúncios, isto é, publicidade especial que visa iludir o leitor, dando a impressão de que se trata de opinião do jornal, quando esta não está à venda. Posso dizer-vos tranquilamente que até hoje não vendemos uma linha dos Editoriais da TRIBUNA DA IMPRENSA. Dissemos que não faríamos anúncios de empreendimentos financeiros duvidosos. Neste ponto é possível que uma ou outra vez tenha escapado alguma coisa que nós, até o fundo, não pudemos averiguar antes da publicação. Sem dúvida, porém, é de estarrecer a um tipo como Samuel Wainer saber que não poucas vêzes desci eu mesmo à oficina para retirar da página matéria paga já ali colocada, cujos interessados não mereciam o nosso respeito pela sua idoneidade moral. Na campanha política aceitamos publicidade com a indicação de que o era do PSD, como aceitamos da UDN e de outros partidos. Recusamos matéria paga de origem escusa. Dissemos que anúncios de charlatães ou panacéias, inclusive políticas, não aceitaríamos. Salvo um outro caso logo corrigido ou retificado no dia imediato, podemos dizer que, como regra geral, ficamos fiéis a êsses preceitos. Anúncios indecentes ou grosseiros, que ofendam diretamente, pelo seu texto ou ilustração, o decoro de nossos leitores, dissemos também que não aceitaríamos. Aqui haveria, evidentemente, uma contradição, pois, não raro, burlando a nossa vigilância, sai algum anúncio de cinema ou algum com dizeres ou imagens que ofendem êsse preceito de ética que nos impusemos. Nunca se terá notado, no entanto, a falta de uma retificação no dia imediato ou de uma observação até mesmo contra os interêsses dos nossos anunciantes, como aconteceu, por exemplo, no caso do primeiro anunciante de cinema que tivemos, censurado por nós, publicamente, pelos títulos que dá, na tradução, aos seus filmes e pelos tipos das imagens dos seus anúncios. Finalmente, anúncios que comprometam a confiança pública na publicidade legítima ou façam nossos leitores perder dinheiro, que prejudiquem a sua saúde ou corrompam a sua moral, igualmente não seriam por nós publicados. A verdade, meus caros amigos, é que a Associação Brasileira de Propaganda saudou calorosamente êsse "Código de Ética" e não poucos anunciantes disseram do seu entusiasmo por isto. No momento, porém, em que o concurso e os milhões do Banco do Brasil faziam valer seu pêso na concorrência, não nos foi possível continuar a obter novos anunciantes na base da lisura do nosso procedimento ou da honestidade com que seguíamos aquêle Código tão bem saudado. Foi por isso que não poucas vêzes tivemos de fazer das tripas coração, pois a história da TRIBUNA DA IMPRENSA, em três anos e meio, é a de quem entrega uma perna para salvar o corpo e a de quem jamais entregou uma parcela sequer da sua alma imortal.

Toma Wainer a nossa edição de vinte e seis de maio, que êle diz ser "de um dia de euforia" da TRIBUNA DA IMPRENSA, e daí conclui qual deva ser a nossa receita mensal... Dispenso-me de comentar êsse aspecto, primeiro, porque vinte e seis de maio foi terça-feira, o pior dia para os vespertinos; segundo, porque vinte e seis de maio é fim de mês, a época pior para os jornais; o terceiro, porque não é lógico tomar um único número e avaliar, por aí, como fêz Wainer, à moda da casa, os prejuízos e lucros possíveis. Diz êle: "Onde teria ido o nosso denunciante buscar a diferença entre o prejuízo real e o prejuízo que acusa em balanço, ou seja, de 23 milhões?" Toma êle para cálculo o prejuízo que nos atribui naquele dia e, em seguida, multiplica por todos os dias do mês. Depois, os meses do ano, o qual é também multiplicado por quatro anos — número de anos que êle atribui de vida à TRIBUNA — encontrando um "deficit" do nosso jornal de vinte e oito milhões de cruzeiros que, logo, na televisão, em São Paulo, anunciava ser superior a trinta milhões e, se chegar a Porto Alegre, irá a cinquenta milhões. Não precisamos responder àquela pergunta porque ela está mal colocada e são falsos os seus têrmos. Continua êle: "Onde foi buscar? Teria sido no Banco do Brasil? Não acreditamos. Uma emprêsa, em condições tão precárias (e com todos os seus bens imóveis já hipotecados à Caixa Econômica Federal, como adiante demonstraremos), não poderia merecer de nosso principal estabelecimento de crédito mais do que o desconto de um "papagaio" de dois milhões de cruzeiros, garantido assim mesmo por todos os seus diretores e obtido, como confessou sem pejo, o diretor do jornal, pela bondosa interferência de um ministro de Estado". Vejam, desde logo, o desprêzo com que êsse novo rico fala de dois milhões de cruzeiros! Quem lhe contou esta história fui eu mesmo — e dela, portanto, me reservo a primazia — no meu depoimento, perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, antes de Wainer. Eu a contei por inteiro e Wainer pela metade e deturpada. O sr. Danton Coelho deixara de ser ministro de Estado, não era mais do que um simples homem, como qualquer outro e, como saudássemos o modo digno pelo qual saiu do Ministério, tornou-se, então, nosso amigo pessoal. Um dia, como tratasse de nos explicar as qualidades excepcionais de seu amigo presidencial, nós lhe dissemos que, entre outros defeitos, encontrávamos em S. Exa. o de estar sufocando a imprensa do Brasil. Como lhe explicássemos, em têrmos claros e precisos, a real situação da imprensa, aquela que aqui estou revelando e aquela que se não revela, mas que se denuncia pelo silêncio em que se encontra neste momento, atemorizada diante da ameaça de Wainer sacar do Banco do Brasil os "papagaios" que já possui o resto da imprensa, em face disto, o sr. Danton Coelho, que me queria dar provas das disposições equânimes do senhor Getúlio Vargas, considerava uma compensação necessária que o Banco do Brasil fizesse igualmente empréstimos à TRIBUNA DA IMPRENSA, pois, conforme eu lhe provara, estava aquêle estabelecimento despejando dinheiro sôbre jornais para liquidar a imprensa livre. Então, foi êle quem me contou ter obtido do sr. Getúlio Vargas autorização para que o Banco do Brasil concedesse à TRIBUNA DA IMPRENSA dois milhões de cruzeiros, sem quaisquer outras condições senão as bancárias usuais. Mais tarde, vim a saber que, na realidade, o sr. Getúlio Vargas havia autorizado um empréstimo até cinco milhões de cruzeiros e nós, como precisávamos sòmente de dois milhões, a dois milhões apenas recorremos. Segundo nos contou o sr. Danton Coelho, uma das facilidades, talvez a única, que o empréstimo nos daria seria a possibilidade de resgatá-lo parcialmente, através da publicidade oficial distribuída aos jornais pelo Banco do Brasil, quando da divulgação dos seus relatórios. Ao vencer-se o nosso título, porém, fomos informados, pelo sr. Ricardo Jafet, de que jamais recebera êle essa autorização ou instrução alguma nesse sentido. E tivemos de pagar, como pagamos, os juros para a reforma do título. Mais tarde, há pouco tempo, antes de ser ministro, o sr. João Goulart nos informava, tratando mais uma vez de explicar a equanimidade e os sentimentos generosos do sr. Getúlio Vargas, que não pequena tinha sido a pressão junto ao presidente da República para, impedindo-nos de reformar o título, deixá-lo vencido no Banco do Brasil. Dizia êle que ao sr. Getúlio Vargas se devia uma autorização taxativa para que pudéssemos reformar o título. Então, a pergunta que coloquei perante a Comissão e coloco perante a Nação é esta: se um jornal, com três mil e quatrocentos brasileiros acionistas, todos êles conhecidos e identificados no "Diário Oficial", com um capital de nove milhões de cruzeiros, com prédio e máquinas, com uma vida limpa e três anos e meio de publicação, precisa, para levantar num banco qualquer, no caso um banco oficial, dois milhões de cruzeiros, garantidos pelo crédito pessoal de seus diretores, que jamais tiveram falência ou títulos protestados no passado, precisa, repito, da autorização do presidente da República; e, para reformar êsse título, pagando os juros normais, necessita ainda de nova autorização pessoal e direta do sr. Getúlio Vargas, autorização de quem teria sido necessária para um homem sem passado confessável, sem máquinas, sem nada na mão, senão trinta milhões de cruzeiros de três desconhecidos, apresentar-se ao Banco do Brasil e ali, sob várias formas de crédito, em ano e meio, levantar duzentos e oitenta e cinco milhões de cruzeiros, a começar pelo dinheiro necessário à compra das ações da emprêsa editôra? Nós vamos ver já a posição do nosso título no Banco do Brasil. Quero apenas salientar que dois milhões são zero vírgula seis por cento de duzentos e oitenta milhões, e ainda, que nunca mudamos de posição pelo fato de devermos ao Banco do Brasil dois milhões. A prova está na coleção, na própria vida da TRIBUNA. Eis aqui a posição exata do nosso título no Banco do Brasil: em vinte e nove de janeiro de mil novecentos e cinquenta e dois reformamos o título de dois milhões, com vencimento para vinte e sete de julho, isto é, para êste mês: recebemos em publicidade do Banco do Brasil, em mil novecentos e cinquenta, mil novecentos e cinquenta e hum e mil novecentos e cinquenta e dois, as importâncias de cinquenta e três mil, cem mil e cinquenta e três mil cruzeiros; em vinte e cinco de maio de mil novecentos e cinquenta e hum cobramos a fatura de cento e três mil e oitocentos cruzeiros, que só recebemos em vinte e um de agôsto de mil novecentos e cinquenta e hum reduzida à metade, a pedido do banco; entregamos ao Banco do Brasil para cobrança de nossos clientes hum milhão de cruzeiros: o banco cobrou cento e oitenta e nove mil, devolveu, a nosso pedido, em virtude de pagamento direto dos clientes, setecentos e sessenta e nove mil e tem ainda para cobrança, a nosso favor, setenta e sete mil e duzentos e vinte cruzeiros e oitenta centavos, nesta data. Permiti que vos faça também uma breve exposição da publicidade de confederações e federações profissionais; da Confederação Nacional do Comércio, em três anos e meio de vida, tivemos onze mil e setenta cruzeiros; da Confederação Nacional da Indústria, três mil e seiscentos cruzeiros em mil novecentos e cinquenta, vinte e cinco mil em mil novecentos e cinquenta e hum, doze mil em mil novecentos e cinquenta e dois e seis mil e trezentos cruzeiros no primeiro semestre dêste ano; da Confederação da Indústria de São Paulo, em três anos e meio, quinze mil; em mil novecentos e cinquenta e dois; da Federação do Comércio de São Paulo cinco mil, em mil novecentos e cinquenta e três; da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, seis mil, de janeiro a junho dêste ano; da Federação das Indústrias de São Paulo, dez mil, em mil novecentos e cinquenta e três. O total de publicidade dessas confederações, dos mais poderosos órgãos do país, foi, em mil novecentos e cinquenta, de três mil e seiscentos cruzeiros; em mil novecentos e cinquenta e hum, de trinta e seis mil; em mil novecentos e cinquenta e dois, de trinta e três mil; em mil novecentos e cinquenta e três, de vinte e sete mil. Do Serviço Social do Comércio, SESC, recebemos apenas, em três anos e meio, a importância de cinco mil e oitocentos e cinquenta cruzeiros em mil novecentos e cinquenta. Quanto ao SESI examinaremos já. Nossa receita de publicidade — comercial, anúncios de firmas e de serviços — elevou-se, nesses três anos e meio de vida, a trinta milhões. Agora, põe-se Wainer a demonstrar que foi com dinheiro do povo, da Caixa Econômica, que compramos o prédio número noventa e oito da rua do Lavradio. De certo modo isto seria razoável, pois somos uma parcela considerável do povo, e damos garantias patrimoniais e pessoais à operação. Mas não é bem assim. Nossa situação na Caixa Econômica é a seguinte: em dezesseis de novembro de mil novecentos e cinquenta e hum, depois de longos meses de espera, foi feito um empréstimo hipotecário, conforme processo número quinze mil e seiscentos e quarenta e sete, conta número quatorze mil e oitocentos e cinquenta e seis, de hum milhão e cento e cinquenta mil cruzeiros, para um prédio naquela época avaliado em dois milhões e trezentos mil. Quer dizer, o empréstimo que nos foi feito corresponde, exatamente, a cinquenta por cento do valor real do prédio dado em garantia. Recentemente, por iniciativa própria e não solicitada, a Caixa Econômica, por seus engenheiros, fêz uma reavaliação que elevou, se não me falha a memória, a três milhões de cruzeiros o valor do prédio. E a transformação do gabarito onde êle está localizado de quatro para doze andares faz com que possamos avaliá-lo, não pelo seu valor real, mas comercial, em quatro milhões de cruzeiros. Ainda mais: quando o morro de Santo Antônio, que fica à nossa frente e cuja derrubada, pela fórmula intentada pelo prefeito Mendes de Morais, já combatemos, contrariando interêsses imediatos da sociedade editora do jornal, estiver arrasado e a rua do Lavradio alargada na parte fronteira para sete metros, segundo plano de urbanização da Prefeitura, além de ter aumentado o gabarito de quatro para doze andares, estaremos diante de uma esplanada, que pràticamente vai dar no largo da Carioca, a duzentos metros da avenida que por ali deverá passar. Do empréstimo, já pagamos sessenta e sete mil cruzeiros de juros. E aqui vem a famosa história do registro da escritura que não fizemos. Assim agimos porque não era nossa obrigação. Cabia-nos pagar o registro e isto foi feito desde logo, pois, ao nos entregar o dinheiro da hipoteca, a Caixa Econômica reteve cinquenta mil para pagar o registro. Se não o fêz, foi porque não quis. A prova disto é que fêz agora. Aqui está a certidão do registro feito pela Caixa Econômica, com os cinquenta mil que nos cobrou para fazê-lo, pois a ela competia e não a nós. Assim, portanto, pago o registro, só não registramos porque não era do nosso dever, nem do nosso interêsse, nem da nossa obrigação. Eis a certidão (lê): Aqui está a certidão número cinquenta mil e oitocentos e vinte e seis, página cinquenta e dois, do Registro Geral de Imóveis, Segundo Ofício, da Capital Federal: "Certifico que o presente título foi apresentado no dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e cinquenta e três e registrado no Livro dois-AS, da inscrição hipotecária, sob o número de ordem seis mil e quatrocentos e sessenta e cinco, à página cento e dez e averbado no Livro quatro — J, sob o número de ordem cinco mil e quinhentos e setenta e hum à página duzentos e trinta e dois. Certifico mais que a presente hipoteca fica inscrita neste Registro em primeiro lugar e, finalmente, foram pagos emolumentos e sêlos na importância total de novecentos e oitenta cruzeiros. Rio de Janeiro, vinte e cinco de junho de mil novecentos e cinquenta e três". Por que hipotecamos êsse prédio à Caixa Econômica? Vejam mais uma vez como são coincidentes as datas: a "Ultima Hora" sai a dois de junho de mil novecentos e cinquenta e um e a dezesseis de novembro do mesmo ano já estamos fazendo dinheiro para resistir ao impacto da concorrência da imprensa oficial do poder público à imprensa livre! E' então que começamos a sacrificar o prédio para salvar o jornal. E' então que o colocamos em perigo, numa hipoteca de cinco anos apenas, pois êste era o prazo. E só depois de atendidos todos os casos prementes em pauta, é que houve possibilidade de atender ao nosso. E por que precisávamos do empréstimo? Porque compramos o prédio da TRIBUNA por um milhão e seiscentos mil cruzeiros e ali gastamos cêrca de um milhão de cruzeiros para reformar completamente os fundos do mesmo, onde existia um pardieiro do tempo do Império e onde hoje se levanta um prédio de três andares. E o prefeito Mendes de Morais nos ameaçava de fazer destruir o andar que havíamos construído. Portanto, dois milhões e oitocentos e noventa e três mil cruzeiros foi o que tivemos de inverter no prédio. Dêsse um milhão e seiscentos mil, pagamos à vista, ao vendedor, oitocentos mil cruzeiros. E o negócio foi para nós tão bom que, no dia seguinte, nos ofereciam duzentos mil cruzeiros para desistir. Ficamos devendo a outra metade do preço da compra: oitocentos mil cruzeiros. Contávamos poder pagar no ritmo normal do desenvolvimento do jornal. Mas a pressão dêsse jornal que, em seis meses, arrebentava todos os planos previstos e nos levava pelos ares, fazendo com que precisássemos, à viva fôrça, pagar a quem já estava batendo à nossa porta para receber os oitocentos mil cruzeiros restantes, compeliu-nos à única solução: a hipoteca. Hoje, tão logo possamos pagar o essencial dessa hipoteca, poderemos levantar o prazo de cinco para dez anos e, assim, recuperar bons tempos pela frente, para poder amortizá-la totalmente. A seguir, vêm o SESI e o sr. Euvaldo Lodi. Contarei simplesmente os fatos. Quando percebi que estávamos envoltos e que o cêrco econômico do Estado nos ia sufocar, reuni a redação e avisei a todos os que pude ali reunir, com aviso prévio no quadro da redação, sem exceção, por convocação minha, e disse: "Teremos de modificar certos pontos de

(Conclui na 5.ª pág.)

"NÃO ENCONTREI NADA DE ANORMAL EM EL ARAGONÊS"

Impressões do treinador Ojeda à TRIBUNA DA IMPRENSA — Acredita que Rigoni será o jóquei do corredor argentino, no Grande Prêmio "Brasil"

A PERFORMANCE de El Aragonês ainda é assunto em moda, nas rodas turfistas do Rio e de S. Paulo. Os responsáveis pelo craque não se conformam com sua fraca atuação e, para tentar sua total recuperação, mandaram buscar em Buenos Aires o homem que cuidou de seu preparo na Argentina.

Ojeda, conforme já divulgado, está na Gávea, entregue à ingrata tarefa de apresentar o defensor do Stud Piratininga em condições de brilhar no G. P. "Brasil".

Conversamos com êle, e o resultado da palestra, vamos reproduzi-lo abaixo:

BEM DE ESTADO

— "Que tal, Ojeda? Gostou do estado atual de El Aragonês?"

— "Para falar francamente, não achei nada de anormal. Goza de boa saúde e nenhum senão pude encontrar ainda. Aparentemente, o cavalo atravessa o mesmo estado de preparo em que venceu o G. P. IV Centenário".

— "Então, como explica tenha perdido para Cyro e Indócil, animais considerados de pior categoria?"

— "Não sei. Segundo soube, as condições das provas eram adversas ao meu pupilo, que dava muito pêso aos adversários. Um fator importante, êsse. Além de mais, El Aragonês gosta de correr de trás, para uma partida na reta de chegada. Saiu do seu natural, tendo de acompanhar os ponteiros, dado o pequeno campo da carreira".

TRABALHO DURO

— "Conta aprontá-lo para o G. P. "Brasil"?

— Estou aqui para isso. Trabalharei duro, com êsse objetivo. Só não o alcançarei por fôrças estranhas à minha vontade. Todavia, creio que obterei êxito".

O JÓQUEI

Quisemos saber se Rigoni continuaria como jóquei de El Aragonês.

— "Nada sei a respeito", respondeu-nos Ojeda.

— "Mas, e os boatos que correm sôbre a vinda de um pilôto argentino?"

— "Nenhuma afirmação posso fazer nesse particular. E' assunto a ser resolvido pelos proprietários do animal. O que posso adiantar é que Rigoni, pelo seu grande cartaz e pelas qualidades que possui, será um jóquei à altura. E' um dos maiores da América do Sul, e não vejo motivo para que seja preterido".

E, concluindo:

— "Repito, entretanto: a escolha do jóquei para El Aragonês não será feita por mim. Por isso, não posso declarar nada com segurança".

O G. P. CAMPINAS

CYRO, O FAVORITO

O CAMPO do Grande Prêmio "Campinas", a ser corrido hoje, na distância de 2.400 metros e com a dotação de Cr$ 200 mil, ficou assim constituído:

1 —	1	Cyro, R. Olguim	51
	2	El Corrito, D. Garcia	58
2 —	3	Efusivo, A. Castro	56
"		Halto-lá, O. Reichel	54
	4	Morisco, xx	58
3 —	5	Kayak, O. Rosa	54
"		Huxley, F. Irigoyen	54
	6	Gatillo, xx	58
4 —	7	Titanic, J. Alves	58
	8	Diálogo, xx	54
	9	Indócil, L. Gonzalez	54

VOZES DO TURFE

ATÉ o momento em que encerrávamos nossos trabalhos, já eram conhecidos os seguintes "forfaits", para a reunião de amanhã:

Albira, Bom Galope, Buckingham, Itaporanga, Boussac, Rio Beau (6.º páreo), Senta a Pua e Rochester.

É possível que outros mais apareçam, à última hora.

CASTILHO será o pilôto de Mistinguette, no clássico "Luiz Alves de Almeida", sábado.

O "Alavanca" trabalhou e tordilhinha de Parrudo e gostou de seu estado.

ACHA-SE acamado o treinador Osvaldo Feijó.

Enquanto perdurar o impedimento do competente treinador do "stud" Seabra, Geraldo Costa e Enir Feijó, o Marocas, responderão pelo preparo da cavalhada.

LUIZ Leighton, segundo a opinião de Geraldo Costa, é um dos melhores bridões da Gávea.

Além do mais, o simpático chileno anda dando sorte, ultimamente. Mesmo montando muito pouco, raro é a reunião em que não leva uma de suas montarias ao vencedor.

PEÃO

O MARRÊTA

diz o que quer e como quer

"BIRA", UM BOM FILHO

AO regressar da raia, ainda pálido pelo susto que levara, quando da rodada de Banquete, Ubirajara Cunha foi abordado por um locutor que se encontrava no recinto da repesagem. Queria que o rapaz descrevesse para seus ouvintes, como ocorrera o acidente.

Ubirajara Cunha, demonstrando ser um filho afetuoso, resumiu sua entrevista radiofônica, na seguinte frase:

— Mãesinha querida. Aqui quem fala é o Ubirajara. Não se preocupe que nada de mais grave houve comigo, além do susto. Um beijo para você".

A FÔRCA

POR mais que desejemos dar uma folga ao gogó do Edmundo, o novo administrador do Hipodromo da Gávea, não o podemos fazer, pois o rapaz é de uma displicência irritante.

O relógio do prado, por incrível que pareça, continua marcando uma hora em cada uma de suas quatro faces, prejudicando, assim, o pessoal que por êle se orienta, pela manhã, durante os trabalhos.

"O DEFENSOR DO PINGUELIM"

COM o título acima, d. Inah de Morais, a quem, particularmente, admiramos pelo espírito dinâmico e batalhador, desceu-nos a marrêta, só porque (verdadeiro absurdo para ela, que é contrária ao uso do pinguelim) defendemos êsse uso para certos tipos de animais.

Classifica-nos a gentil colunista de sujeito de maus bofes.

Palavra de honra que nos sentimos lisonjeados com a atenção que d. Inah, embora à sua moda, deu à nossa notinha.

Pedimos liberdade para dizer a d. Inah o seguinte:

— O pinguelim que defendemos não é aquêle instrumento de tortura que ela, com justa razão, condena. Defendemos o uso de um chicote que deverá servir somente para mostrar à "criança" teimosa, à criança travêssa e irrequieta, que, caso não se porte bem, existe um chicotinho (semelhante às antigas varas de marmelo, que, por sinal, não deram para matar-nos nem aleijar-nos) que a castigará. A "criança", então, que é inteligente, compreenderá que, comportando-se convenientemente, nada terá que temer.

O TRONO

FOI especialmente convidado pelo Marreta, para sentar-se em seu trono, hoje, o sr. Erico Solanês, titular do "stud" Verde e Prêto, que não mede sacrifícios para importar bons cavalos para o nosso turfe.

Além de Bakari, que já está entre nós, o sr. Solanês acaba de adquirir mais um bom cavalo, Barenato, para a defesa de suas côres, nas grandes provas dêste ano.

Barenato é um bonito tordilho, irmão próprio de Baltimore, que deverá fazer seu "debut", entre nós, no G. P. "16 de Julho".

TROCADILHO INFAME

— O *B. MARINHO tanto faz, tanto faz, que acaba arranjando o "Sardo" pra se coçar.*

PERGUNTA CRETINA

— *VOCÊS não acham que o único jóquei que poderia entender-se bem com a China era o Ullôa, o "Japonês"?*

Sociedade Anônima Editôra TRIBUNA DA IMPRENSA

(Conclusão da 4.ª pág.)

vista e contemporizar, ou não poderemos atravessar, com o nosso barco, a tempestade que se aproxima". Desde a eleição do sr. Getúlio Vargas, tenho pela frente esta orientação como única possível para atravessar a tormenta, não digo tranquilo, também não digo incólume, mas ferido, machucado, destroçado, porém, em todo caso, resistindo e sobrevivendo aos anos terríveis que se apresentavam à imprensa livre e independente do Brasil! Por que não trouxe isto a público desde logo? Porque o meu objetivo era salvar o jornal e não me salvar à custa do jornal. Eu não precisava tirar carteira de valente à custa do jornal. Deixei para depois o perigo que representa para a liberdade de imprensa a verba que o sr. Lodi manipula à vontade, como bem entende, através dos fiscais. O perigo maior, porém, o perigo mais terrível é o do poder econômico do Estado que então nos cercava, nos constrangia e começava a nos sufocar pela forma que hoje é conhecida de todos. O sr. Lodi é um auxiliar do Estado, nessa obra nefanda. Wainer prevaleceu-se de um aplauso — que antes não tivesse — a infelicidade de relembrar — para dizer que o redator econômico da TRIBUNA DA IMPRENSA naquela ocasião, foi dispensado por haver atacado o sr. Euvaldo Lodi. Também isto é falso de ponta a ponta. O ataque que êsse redator fez anônimamente, entregando diretamente à oficina a sua matéria, com falta grave de disciplina, pois passou por cima da autoridade do secretário e da minha, referia-se ao sr. Euvaldo Lodi em têrmos com que jamais me referi a quem quer que fôsse. Dizia êle, entre outras coisas, que o jornal tinha repugnância até de pronunciar o nome do sr. Euvaldo Lodi. Ora, isto não era digno já não direi somente do sr. Lodi, mas do nosso jornal. Pois bem, êsse homem é o mesmo a quem se refere outro que lá dentro trabalhava naquilo que chamei a "carta da traição", publicada há tempos e que hoje sou obrigado a relembrar, para refrescar a memória daqueles que nos acusam. A carta era dirigida ao sr. André Carrazoni, diretor do jornal oficial "A Noite", por um seu primo que, ao sair do jornal por causa dessa carta e por traição, foi trabalhar no jornal indicado: a "Ultima Hora"! Diz a carta: "Meu prezado André: Tenho urgente necessidade de te falar ainda hoje. Não o podendo pessoalmente aqui vai êste bilhete em mão da Haydée. Primeiro: O Juvenille Pereira, pela atitude de combate ao Carlos, que vem tendo desde que me encontro na TRIBUNA, mais intensificada após o almôço de ação para neutralizar o Carlos, se viu ontem despedido intempestivamente do jornal por uma carta selada do diretor e onde a verdade é torcida. Segundo: Sei que também eu estou no index — avisou-me o Paulo de Castro particularmente — por ter publicado, há dias, em manchete, uma reportagem do Danilo Ramirez favorável ao presidente Vargas ("Ademar ataca Getúlio"). Terceiro: há no jornal uma combinação... "Essa combinação era a tentativa que faziam de iludir os redatores para levantá-los contra a direção. Quarto: com a saída do Juvenille estou só na "resistência". Não poderei, é claro, tomar o partido do Carlos, já que o pessoal da redação confia em mim. Capitular nesta hora seria, na verdade, atraiçoar meus companheiros e, também, a causa do presidente Vargas, que tenho servido lealmente desde o "Jornal do Dia", como bem sabes. Estou, entretanto, diante de um dilema: investir contra o Carlos e cair na tragédia apavorante do desemprêgo, ou capitular para sempre, fazendo o seu jôgo..." E, no final: "O Rivadavia, a meu ver, cometeu uma burrada, dando autorização para a TRIBUNA DA IMPRENSA publicar a mensagem do presidente Vargas. Quer dizer, o próprio govêrno está fornecendo dinheiro, seiva, vida e fôrça para um órgão que será, sempre, irremediàvelmente, da oposição!... Como o Catete sairá segunda-feira, com a chancela de publicidade bem grande, de nada valendo a publicação para o govêrno, creio que ainda está em tempo de suspendê-la. Espero resposta ainda hoje, etc., etc." Assinava o sub-secretário da TRIBUNA DA IMPRENSA de então e referia-se ao redator econômico da época. Era essa a traição preparada dentro do próprio jornal. Reuni a redação mais uma vez e li, diante do autor, esta carta, que providencialmente, sem ter dado um passo para obtê-la, veio parar em minhas mãos, até mesmo porque tudo ignorava, no momento em que minha casa era honrada pela presença, por um lado, do embaixador Raul Fernandes; por outro, do embaixador Lourival Fontes. Depois de lida, o seu autor reconheceu ser sua a letra e confessou ser dêle a carta. Aí está a razão pela qual o autor desta carta e o Juvenille a que êle se refere, redator de economia, saíram da TRIBUNA DA IMPRENSA. Eis como se conta o fato. O SESI é um órgão terrível na medida em que ficar sob a direção de um homem que não seja capaz de compreender a gravidade da missão que lhe é atribuída. Não me compete aqui — e não sei se me competirá alhures — dissertar sôbre o SESI. A verdade é que o SESI entregou à "Ultima Hora", em ano e meio, dezenove milhões de cruzeiros: dez milhões através de um título do sr. Euvaldo Lodi no Banco da Prefeitura e nove milhões através de dois contratos de publicidade, um dêles antes do jornal sair, caucionado e descontado por promissórias no Banco do Brasil. Foi diante de fatos como êsse, pela necessidade de contorná-los, que comecei a aceitar publicidade do SESI, à razão de cem mil cruzeiros por mês. Hoje, não tenho outro interesse, maior do que o de poder livrar-me disso, para fazer como o "Diário de Notícias" que, após aceitar essa publicidade durante algum tempo, graças à sua consolidação econômica, pode atirar às urtigas as ofertas do sr. Euvaldo Lodi. O preço que pagávamos ao aceitar tal publicidade é o da menoridade de um jornal tangido e acossado pelas fôrças econômicas mais graves, sejam as do Estado, sejam as de certo grupo que nos dava cem mil cruzeiros, julgando que com isso nos silenciava, enquanto ao mesmo tempo procurava afogar-nos na concorrência ilícita a que nos submetia. Essa a maior demonstração de que nunca confiava em nós, como nunca confiamos nêles. Nós os aceitamos como anunciantes, mas não daqueles a quem pedimos a honra de anunciar conosco. Tais subterfúgios ou tais golpes de astúcia, legítimos a meu ver, permitiram-nos viver três anos e meio sem atrasar salário algum, salvo no mês passado, quando, pela primeira vez, atrasamos durante seis dias a fôlha de pagamento da redação e da direção do jornal. Três anos e meio que eu não precisarei descrever em muitas palavras, para que possam imaginar o que foi a resistência que tivemos de fazer para, sentindo o jornal empobrecer dia a dia, não esquecer nunca que o nosso dever era mantê-lo vivo, pois havia de chegar o dia em que tivéssemos de dizer isto em público, como agora fazemos. Jamais perdemos a certeza de que precisaríamos um dia, diante de vós, explicar fato por fato, palavra por palavra, o que fizemos, o que não pudemos fazer e o que tínhamos a fazer. Agora vamos ver, depois de tanta coisa ruim, uma boa, que nem isso nos é relevada. Diz Wainer que o sr. Drault Ernanny, do Banco do Distrito Federal, nos financiou a máquina. Não foi o sr. Drault Ernanny, mas o Banco do Distrito Federal. Tenho o prazer, aliás, de trazer aqui uma fotografia da nossa máquina (exibe) que fui comprar na Alemanha e estará em agôsto no Brasil. Não custou dez milhões de cruzeiros, mas, aproximadamente, dois milhões e seiscentos mil, dos quais obtivemos financiamento no Banco do Distrito Federal, nas condições usuais do comércio, pagando àquele estabelecimento seiscentos e sessenta mil de entrada e o resto em prestações e ficando com a posse da máquina, caso não a pagássemos. Trata-se de máquina que nos dará uma impressão igual à de "A Gazeta", de São Paulo, embora com menos unidades, mas com a mesma perfeição gráfica. Já vimos de sobra e dispenso-me de tocar aqui naqueles capítulos em que Wainer se refere à influência do imperialismo americano na TRIBUNA DA IMPRENSA. Para isto recorreu à calúnia visando, para infelicidade sua, a um dos homens a quem a TRIBUNA DA IMPRENSA mais deve em dedicação, devotamento desinteressado, pela sua fraternal amizade comigo e pelo seu discreto mas incessante entusiasmo pelas coisas do Brasil: o meu querido amigo e companheiro Fernando Cícero Veloso. Os argumentos de que se serviu Wainer para essas infâmias são iguais a êste: "O diário "La Prensa", colonial em suas aspirações e antiargentino em sua inspiração, pretende de novo confundir a opinião pública. O diário "La Prensa", que tem vivido permanentemente às avessas da realidade do país, não abdica de suas campanhas insidiosas e malévolas. A doutrina de "La Prensa" se resume em poucas palavras: defesa do privilégio a todo transe; negação dos direitos legítimos do povo; política sutil visando a entrega do patrimônio argentino a interesses estranhos ao do país". Eram êsses os argumentos de Perón contra "La Prensa". São êsses os argumentos do grupo que orienta Samuel Wainer contra a TRIBUNA DA IMPRENSA! Nunca esperei que, em três anos e meio de vida, tivesse a TRIBUNA DA IMPRENSA o mérito de receber tamanha honra, qual a de merecer os mesmos epítetos com os quais Perón pretendeu destruir a liberdade de imprensa na Argentina. Temos visto, exaustivamente, que os pseudo interêsses estrangeiros da TRIBUNA DA IMPRENSA a que se referia Wainer, seriam no caso defendidos por aquêle que indicara como seu advogado. Vemos como se pretendeu a advocacia no Brasil num sinal de desonra, num símbolo de corrupção, na bôca do mais corrupto jornalismo do momento. E o curioso é que nos censura Wainer de receber dinheiro do petróleo estrangeiro, de comprar uma máquina num banco cujo presidente é a favor do "petróleo é nosso" e, ao mesmo tempo, nos acusa de sermos falidos. De sorte que teríamos êsse paradoxo tríplice: um jornal que é falido, que é ao mesmo tempo sustentado pela Standard Oil e que, ao mesmo tempo, compra máquinas financiadas por um banco do "petróleo é nosso"! Bastaria isso para mostrar o arsenal de contradições de Wainer, cujo único propósito é insistir em mentiras agravadas por um delírio de interpretação, para ver se alguma delas pega: esta aqui, a outra ali, a outra acolá, e assim por diante. Eu me dispenso de insistir nesse aspecto, porque êle tem sido exaustivamente tratado na imprensa, através de cartas e outros documentos. Mostram êles que estávamos ao lado de uma firma americana, representada pelo sr. Lindsay, no caso das areias monazíticas. Não, absolutamente não! Já o advogado dessa firma, o nosso acionista recente, que nos honra com a sua presença, o dr. William Monteiro de Barros, demonstrou cabalmente que o acôrdo feito entre a firma americana e a [illegible] Orquima, que é representante do interêsse do cartel europeu de "terras raras" (a "Societé des Terres Rares"), foi por nós tão criticado que o seu poure constituinte teve quase de abandonar a partida. Entre as subvenções mensalmente recebidas pela "Ultima Hora", naquela época, figurava todos os meses uma verba da Orquima, o que explica essa estranha referência ao caso das areias monazíticas. Fato por fato dêsse gênero, poderíamos desmentir a cada passo, se não fôsse melhor ficarmos na linguagem dos números, para não prolongarmos demais esta exposição. Vamos à questão do "royalty". Não deveria ser eu a explicá-la, pois, na realidade, a censura atinge em cheio aos acionistas que compareceram à assembléia geral de vinte e seis de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e hum, quando essa questão foi tratada. Ali ficara bem claro, absolutamente claro que nenhuma interferência tive eu neste caso. O título TRIBUNA DA IMPRENSA nasceu no "Correio da Manhã", na seção que eu fazia de crônica parlamentar sob êsse cabeçalho, que foi criação minha. No comêço do ano de mil novecentos e quarenta e nove, registrei êsse título TRIBUNA DA IMPRENSA, que logo depois, quando tratávamos de fundar o jornal, Paulo Bittencourt transferia para mim, através de dois tópicos do "Correio da Manhã", em que dizia que, se se procurava um título para o jornal, aí estava êle. Registrei-o em meu nome e pretendia passá-lo para a sociedade, quando uma comissão de acionistas, constituída pelos senhores Thomas Leonardos, reputado especialista em marcas e patentes, Eduardo Borgerth e Ignácio Piquet Carneiro, elaborou o laudo sôbre a questão da marca e disse o seguinte, entre outras coisas: "Como primeira garantia para a família de Carlos Lacerda, deveria ser feito um seguro de vida em seu favor; segundo, que o uso das marcas TRIBUNA DA IMPRENSA fôsse compensado com um royalty de hum por cento sôbre a renda bruta da emprêsa; e, terceiro, que fôsse firmado um contrato de licença de uso das marcas, cujas cláusulas principais já vinham sugeridas no próprio corpo do laudo. Terminada a leitura, o presidente usou da palavra e, depois de várias observações, propôs que o seguro de vida em favor de Carlos Lacerda fôsse de hum milhão de cruzeiros, ficando a critério da gerência da sociedade a modalidade e o modo de saldá-lo". Vamos ver já essa questão do seguro. "Em seguida, foi posta em votação a proposta referente ao pagamento de um royalty pela sociedade editôra à razão de um por cento sôbre a renda bruta da sociedade, pelo uso das marcas TRIBUNA DA IMPRENSA. Essa proposta foi também aprovada por unanimidade com efeito retroativo, a contar de primeiro de Janeiro do corrente ano, e pago mensalmente. Finalmente, foi submetida à assembléia a proposta do dr. Adauto Lucio Cardoso, no sentido de que fôsse oportunamente firmado um contrato entre esta Emprêsa e o titular das marcas TRIBUNA DA IMPRENSA, fixando-se as condições de uso das marcas TRIBUNA DA IMPRENSA e reservando-se às partes o direito de, em determinada época, estabelecerem as condições de venda das aludidas marcas, sujeita esta cláusula à aquiescência do seu titular e à ratificação da Assembléia Geral de Acionistas". Assim foi feito. Desde logo, vejamos quanto rendeu essa famosa marca: em mil novecentos e cinquenta, uma média mensal de oito mil e seiscentos e cinquenta cruzeiros; em mil novecentos e cinquenta e um, treze mil cruzeiros; em mil novecentos e cinquenta e dois, renderia quatorze mil se me tivesse sido paga, mas ainda não foi. Sôbre essa marca desejo ainda dizer o seguinte: duas pessoas na administração, redação e oficina da TRIBUNA DA IMPRENSA, até hoje, em três anos e meio, não tiveram o seu ordenado aumentado — o diretor-presidente e o diretor-gerente. O aumento das oficinas, no ano passado, determinado pela Justiça do Trabalho, foi, em média, de cinquenta e sete por cento. O salário, por exemplo, do secretário da redação, que era de oito mil cruzeiros, dado o aumento da concorrência no mercado, passou a vinte mil cruzeiros. Somente aquêles mencionados não tiveram aumento: o diretor-presidente e o diretor-gerente. A participação na marca, portanto, mesmo nesse sentido, funciona, do ponto de vista financeiro, como um aumento progressivo que não onera a sociedade. Se eu vendesse a marca, nunca me poderia ela ser paga por menos de quinhentas ações. E como o nosso maior acionista não tem mais de quinhentas ações, tornar-me-ia o maior acionista. De tal sorte, por não vendê-la na ocasião, abri eu mão do fato de vir a ser o maior acionista da sociedade. Não foram estas, porém, as razões pelas quais a Comissão de Peritos resolveu atribuir-me a marca. Não foram estas as razões pelas quais eu aceitei essa resolução da assembléia, ou melhor, não foram essas tôdas as razões. As outras razões são ainda mais sérias: uma de segurança e outra de equilíbrio. Razão de equilíbrio, porque o fato dos diferentes grupos que constituem o corpo de acionistas da TRIBUNA DA IMPRENSA, unidos por laços, às vêzes, tênues, ainda que essenciais, se haverem reunido em tôrno de um jornalista, fazia com que, enquanto êsse jornalista não se convertesse no seu contrário, isto é, em Samuel Wainer, pudesse a sociedade ter a garantia do equilíbrio entre as diferentes tendências. E citarei apenas um exemplo. Temos no nosso corpo de acionistas pessoas e grupos decididamente a favor do divórcio. No entanto, o jornal se colocou contra êle e nunca recebeu de qualquer acionista sequer uma advertência ou conselho ou até mesmo uma censura por êsse fato. Temos acionistas espíritas, como ateus, como protestantes. Entretanto, que eu saiba, nunca um acionista pretendeu chegar à direção para reclamar, pelo fato de nitidamente a linha do jornal ser católica. Assim, poderia multiplicar os exemplos, quando criticamos o integralismo e temos acionistas integralistas, quando criticamos o Partido Socialista e temos acionistas socialistas. Êsse equilíbrio não poderia estar sujeito a uma maioria ocasional numa assembléia. Assim, sendo eu o depositário da confiança da maioria até determinado momento, era natural que fôsse também o depositário da marca referida, garantia única dêsse contrôle político e espiritual sôbre a sociedade. Essa garantia de equilíbrio completava-se ainda, de modo mais grave, por uma garantia de segurança. Não estávamos, não estamos e não estaremos com êste Govêrno, num regime de segurança para a liberdade de imprensa. A cada momento e neste momento mesmo, para a preparação desta assembléia, não poucas foram as tentativas feitas para a compra subreptícia de ações, a fim de para aqui mandar, com pseudônimos, pessoas que perturbassem a nossa reunião, o nosso encontro fraternal de hoje. Foi graças à previsão dêste homem que aqui está, o sr. Dario de Almeida Magalhães, autor dos estatutos da sociedade, que evitamos êsse perigo; pois êle dificultou a transferência de ações sem o conhecimento prévio, noticiado pelo próprio jornal, daqueles que pretendessem vender as ações. Foi êsse dispositivo que, nesta crise, nesta emergência, nos defendeu contra êsse perigo, assim como foi o fato de a marca estar em minhas mãos a segunda garantia que tivemos de que, enquanto houver perigo para a liberdade de imprensa no Brasil e enquanto fôr eu vivo e fiel a mim mesmo e ao compromisso que assumi perante vós, esta marca não será entregue senão a vós, no dia em que eu não possa estar aqui ou no dia em que vós desejeis mandar-me embora. Êste não é um compromisso da bôca para fora. E' o compromisso que está explícito na mesma Ata, em que a comissão de peritos, designada e eleita pela Assembléia, resolveu conferir-me a posse e o contrôle dessa marca. Comprometi-me naquela ocasião — e mantenho-me fiel, porque não tenho o hábito de faltar a compromissos nem muito menos posso voltar-me contra a letra expressa da lei, que me amarra a essa Ata — a só ceder a marca à Sociedade Anônima fundada para a impressão do jornal que tenho a honra de dirigir. Está a sociedade garantida, e duplamente, por minha vida e minha morte, já que não pode um herdeiro meu, como não posso eu próprio, vender esta marca, ceder esta marca, alugar esta marca, passar esta marca, doar esta marca a outrem senão ao corpo de acionistas da TRIBUNA DA IMPRENSA. O que não contam, porém, os homens que não esperam dos outros senão aquilo que êles mesmos são, o que não contam é que se comprove de público o exemplo daquilo que se prega. E é por isso que hoje, no final já próximo dêste relatório, vós ides ver que não vos estou falando em vão e que não assumi um compromisso para trair-vos na hora de cumpri-lo. Não comprei esta marca num belchior. Não fui buscá-la nos arquivos de um embaixador aposentado por vinte mil cruzeiros para valorizá-la por vinte milhões. Não a doei a mim mesmo, dando-a a uma sociedade da qual eu era o maior acionista. Não fiz inflacionar o capital de uma sociedade com a marca que recebi por vinte mil cruzeiros e valorizei para vinte milhões, em menos de um ano. A nossa marca não tem preço num valor, ela representa, é certo, para mim, um aumento de ordenado... Por certo, meus amigos, aquêles acionistas que assim decidiram puseram diante de mim uma tentação muito forte. Mas devo dizer, com satisfação, que a ela soube resistir, pois nunca pretendi elevar a receita da sociedade para aumentar o que ela me pudesse dar. E a prova é que a receita baixou! O que verifico, o que creio todos verificaram, salvo engano, é que, enquanto houver perigo para a liberdade de imprensa no Brasil, esta marca deve ficar no meu nome. Em outra assembléia, foi dada autorização para que o nosso capital fôsse aumentado para quinze milhões de cruzeiros. Nesse intervalo, tal aumento foi subscrito em parte, dois milhões e trezentos e quarenta e dois mil cruzeiros, o que eleva o mesmo para entre dez e onze milhões, já realizados, fora os oitocentos mil cruzeiros, que ainda não foram integralizados. Esse foi um dos recursos misteriosos que Wainer não podia descobrir, porque partia da premissa de que éramos incapazes de realizar um aumento de capital e, por isso, não sabia onde estávamos indo buscar recursos para pagar o nosso deficit. Mas eu sabia! Uma história complicada Wainer inventou para saldar velhas contas com o sr. Lourival Fontes: a história de que lhe havíamos pedido vinte e cinco milhões no Banco do Brasil. O sr. Lourival Fontes, num desmentido imediato, tornou claro que jamais interviera em questões dêsse tipo para conosco junto ao Banco do Brasil. Wainer, no dia seguinte, chamou a êsse testemunho, que na véspera dizia insuspeito, um desmentido sibilino. Pois aqui trago, de certo modo com discrição, mas para uma reunião de família, o telegrama de vinte e sete de abril dêste ano, que recebi do sr. Lourival Fontes, no momento em que fazíamos a campanha sôbre as camionetas da CIREI: "Sr. Carlos Lacerda: a maledicência anda murmurando que sou eu o autor oculto da campanha movida na Tribuna da Imprensa contra o deputado João Goulart pt Nunca me escondi atrás de cortinas nem uso armas desleais pt Faço um apêlo aos seus sentimentos de honra para dizer em bem da verdade se inspirei ou insinuei essa campanha ou se nela tive alguma ingerência ou participação pt Aguardando sua resposta, envio cordiais saudações. Lourival Fontes". A resposta foi essa: Embaixador Lourival Fontes — Palácio Rio Negro — Petrópolis — Estado do Rio. Respondo com prazer, mas atônito, seu confiante telegrama ponto Campanha Tribuna visa moralizar Govêrno no seu próprio benefício e do Brasil não destruir pessoalmente quem quer que seja pt Espantoso alguém se atreva suspeitar sua inalterável lealdade ao Presidente pt Não nos conhece ou não se conhece quem nos julga capazes de pactuar campanhas oposição dirigida ou soprada pt Para qualquer uso lhe pareça conveniente afirmo sob palavra honra nunca trocamos palavra sôbre Goulart ou Cirei ou Cexim última vez nos avistamos rápido encontro social em Petrópolis fevereiro pt Não leva a mal reflexão impossível conter acerca poder intriga e mesquinharia nessas altas esferas pt Aqui na minha planície nunca pensei pudesse maledicência corredores visar sua inalterada lealdade Presidente traço mais evidente de tôda sua atuação pt Como adversário sinto-me penalizado ver Presidente à mercê seus verdadeiros inimigos pt Você bem sabe meu desejo é ver Brasil limpo próspero e feliz portanto vg certa ou erradamente vg limpos são meus processos e meus esforços pt Jamais faríamos cambalachos de difamação pt Razões minhas campanhas são tão evidentes que só culpados podem pretender turvá-las. Saudações cordiais. Carlos Lacerda". Êsse é o penúltimo documento das minhas relações com o sr. Lourival Fontes. O último, foi um telegrama passado de Santana de Matos, no sertão do Rio Grande do Norte, fazendo-lhe um apêlo para que obtivesse o cumprimento das reiteradas promessas do Presidente da República, não cumpridas, no sentido da construção de um pequeno açude para salvar a população daquela cidade. Desprezo certas questões menores, que ficarão para depois, a fim de não tomar o vosso tempo. E aqui chegamos ao prejuízo da Tribuna da Imprensa até maio de mil novecentos e cinquenta e três: prejuízo em mil novecentos e quarenta e nove: trezentos e vinte mil cruzeiros. Prejuízo em mil novecentos e cinquenta: um milhão e quatrocentos e vinte e cinco mil cruzeiros. Até aqui, é prejuízo absolutamente normal de um jornal no seu primeiro ano de vida. O próprio Wainer, nesse ponto, foi obrigado a reconhecer que mundialmente os jornais só podem começar a cobrir os seus prejuízos após o terceiro ou quarto ano de vida, senão mais. Pois bem, o prejuízo, no primeiro ano, digamos, foi de um milhão e quatrocentos e cinquenta e dois mil cruzeiros; no segundo ano, em mil novecentos e cinquenta e um, fizemos baixar êsse prejuízo para oitocentos e oitenta e oito mil cruzeiros. Começávamos assim, a triunfar, a reduzir o deficit, a ter diante de nós horizontes mais amplos, facilidade maiores. Já podíamos pensar em melhorar nosso jornal, em aumentar salários e a vir até, dentro de algum tempo mais ou menos próximo, a pagar dividendos. Eis, porém, que em mil novecentos e cinquenta e dois, quando precisamente os jornais, em condições normais, cada ano que passa, ganham vigor econômico, o nosso prejuízo sobe de oitocentos e oitenta e oito mil cruzeiros para dois milhões e oitocentos e oitenta e um mil cruzeiros! E neste ano, só no primeiro semestre, já está em dois milhões e oitocentos e três mil cruzeiros, o que eleva o nosso prejuízo total, em três anos e meio, a oito milhões e trezentos e quarenta mil cruzeiros. E' que aí se faz sentir a concorrência financiada pelo Governo... Como cobrimos o nosso prejuízo? E' muito fácil dizer: com dois milhões e trezentos mil do aumento de capital já coberto e do qual não fizemos publicidade para não atrair a ira que naquele momento se enrodilhava em tôrno de nós, e com dívidas em bancos num total de sete milhões e quinhentos mil cruzeiros, dos quais dois milhões no Banco do Brasil, e um milhão e cento e cinquenta mil cruzeiros na Caixa Econômica. A diferença entre uma e outra quantias, de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, encontra-se precisamente em materiais e serviços diversos em nossa redação. Nossas dívidas a curto prazo, de cinco milhões e trezentos mil cruzeiros, são cobertas pelo que temos de receber, que são cinco milhões e setecentos mil cruzeiros. Eis aí como se conta o prejuízo da "Tribuna" tal qual na publicidade, na venda avulsa, em todos os serviços que constituem a vida normal de uma indústria jornalística sofrendo o impacto da concorrência desleal, sob a pressão do poder econômico do Estado. Nós vínhamos normalmente reduzindo o nosso deficit. Quando saímos numa pequena baleeira para enfrentar monstros muito maiores do que tubarões, tínhamos a possibilidade de retornar vitoriosos e então bater a quilha de nossos navios maiores. Eis que a presença de um jornal que não é um jornal, mas um rôlo compressor, que é uma máquina montada até o último parafuso com a destinação especial, além da de enriquecer os seus diretores, de obrigar os outros jornais a submeterem-se ou perecerem. Nós não nos submetemos, mas estávamos bem perto de morrer. E, se sobrevivemos, foi pela certeza de que algum dia poderíamos prestar contas, pela certeza de que um dia, diante de vós, poderíamos comparecer de face descoberta, de rosto limpo, para dizer-vos a verdade sem levar para casa nenhum motivo de vergonha, antes uma profunda alegria, pois, se não vos demos lucro, não vos envergonhamos, não vos desmerecemos. Meus senhores, o que não contam os homens que não crêem nem mesmo em si próprios é com a disposição que têm aquêles que crêem nos outros, ainda mais do que em si mesmos; o que não contam é com a prova concreta daquilo que afirmam. E é por isso que neste momento, depois da reunião que tivemos nesta manhã, os nossos companheiros de diretoria, o Diretor-Gerente, Aluízio Alves, o Diretor-Secretário, Fernando Cícero Veloso e eu próprio, resolvemos renunciar à direção da emprêsa e eu à direção do jornal, para que possais decidir em paz, tranquilamente, do destino de nosso jornal... Interrompendo, o Presidente disse que, tendo a Diretoria, representada pelo seu Diretor Presidente Carlos Lacerda, solicitado demissão apesar das inequívocas demonstrações de solidariedade, êle submeteria êsses pedidos à Assembléia. Os acionistas, unanimemente, recusaram o pedido. Ainda com a palavra o Sr. Carlos Lacerda: — Meus amigos, tenho a certeza de que interpretais muito bem o nosso gesto. Não fizemos um gesto de palco, um gesto teatral. Desejávamos, realmente, provocar a vossa manifestação. O que pedimos, como bem percebestes, foi um voto de confiança: o que tivemos, como bem fizestes, foi o voto de confiança, que vos pedimos. Em poucos dias nós conseguimos dar a êste país uma nova consciência, ou melhor, reaver a consciência perdida. Agora mesmo chega-me às mãos um jornal dos confins desta pátria, que reflete, como por tôda parte hoje repercute, a nossa campanha. Este pequeno jornal, que se refere à situação escandalosa da "Ultima Hora" no Banco do Brasil, em manchete, chama-se "Uruguay" e é publicado na cidade brasileira de São Borja, no Rio Grande do Sul. Não poderíamos, no entanto, continuar nêste caminho, não poderíamos insistir neste rumo se tivéssemos sôbre nós a pecha de aproveitadores, a pecha de nos locupletarmos à custa de uma sociedade deficitária. Eis porque creio que sentistes muito bem que precisávamos, que carecíamos da vossa presença e do vosso voto de confiança. Já que o obtive, apenas devo dizer que se no passado procurei ser fiel ao nosso compromisso, aquele compromisso que nos reuniu e que fêz do nosso encontro a "Tribuna da Imprensa", doravante revigorado, restabelecido, restaurado nas fôrças perdidas, nos erros cometidos, nos enganos repetidos, doravante, mais do que nunca, nós formaremos a "Tribuna" para o que ela nasceu, como desde o início dissemos no nosso pacto social: "A nossa "Tribuna da Imprensa" nasceu para ser uma instituição nacional a serviço do povo brasileiro". Deu o senhor Presidente a palavra a quem dela quisesse fazer uso. O acionista Leal Sampaio propôs que ficasse consignada em ata a imensa satisfação dos acionistas de que a marca "Tribuna da Imprensa" continuasse em mãos de Carlos Lacerda. Posta em votação, a Assembléia de pé e com uma salva de palmas aplaudiu a proposta, o que levou o Presidente a considerá-la aprovada. Os acionistas Renato Moggi, Luiz Rodolfo Cavalcanti de Albuquerque, Basilio da Gama, Francisco Paes Barreto Cardoso, Antonio de Souza, João Miranda Vieira, Floriano Brasil Mendes, Fernando Veiga dos Santos e Francisco Castilho, cada um de sua vez, fizeram uso da palavra para apoiar incondicionalmente todos os atos praticados pelo Diretor Presidente e prestar-lhe a mais irrestrita solidariedade na sua campanha contra o golpe e a corrupção. Tôdas essas propostas foram aprovadas. Usando da palavra, o acionista Raimundo Muniz de Aragão fêz um apêlo no sentido de que fôsse aberta ao público em geral tomada de novas ações e que não ficasse o aumento de capital limitado à importância fixada na assembléia anterior. Disse o Presidente que já existia uma proposta da Diretoria no sentido de que o capital fôsse elevado à importância julgada conveniente, aberta a subscrição a todos aquêles que desejassem colaborar na campanha encetada por Carlos Lacerda. Esclareceu também que, como membro do conselho fiscal, estava autorizado a informar que essa proposta contava com a aprovação daquele órgão. Posta em votação, essa proposta foi aprovada. Nada mais havendo a tratar e ninguém querendo fazer uso da palavra, encerrou-se a sessão, depois de lavrada a presente ata, que, lida e submetida à discussão, foi aprovada e assinada por todos os acionistas presentes. Seguiam-se as assinaturas: Walter Lemos de Azevedo, Antônio Galbraith, ilegível, Radagasio Moniz Freire, Rubem de Magalhães, Francisco Alvaro Marques de Mello, Onofre Augusto Pinheiro, Pedro Bruno D'Agrello Heleno, Pedro Dumont Junior, Antonia Chenú Helena, Eugenio D'Allessandro, Adelia de Oliveira Assis, Luis Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque Filho, A. Muniz de Rezende, João Miranda Vieira, Maria Rita de Cassia Amaral, José de Vasconcelos Sobrinho, Laura de Souza Pereira, Marciolino Veiga da Costa, Octacilio Bastos, Alberto José de Mello Oliveira Alves, Amadeu Pinto da Silva Figueiredo, Sebastião Vasconcellos, Julião S. Brasil, Bento Euzébio Pereira, Afonso Pereira de Lacerda Filho, Segundo Chiavegatto, Percy Pereira dos Santos, Elza Garcia Vieira, Francisco Simeão de Castilho, José Hygino Duarte Pereira, M. H. Smith de Vasconcellos, Antonio Serra Mendes, Myria de Queiroz Maya, Milton Monteiro Dames, Alda Leite de Buchenique, Heitor de Cameos Linhares, Jayme Dormund Martins, Jacy Frossard, José Joaquim Barreto, Jurandy Ferreira, Djanira da Silva Cravo, Arthur de Siqueira Cavalcanti, José Thiers Pinto, Sylvio Guimarães Amorim, Ivette Stiebler Dunlop, Bento Faria Corrêa, Charles Julius Dunlop, Vergilio de Moraes Filho, Dario de Almeida Magalhães, Luiz Felippe Leitão de Souza, Maria Duarte Pedrosa, Roberto de Freitas Alves, Jorge Claudino de Oliveira Cruz, Waldemar Schultz Ribeiro, Luiz Campos Mello, Thomas Leonardos por si e p.p. Letacio de Medeiros, Ferreira Jansen, Luiz Mario Gecias da Motta, José de Castro Goyanna, Odilon Vieira Galiotti, Antonio Cardoso da Silveira, A. de Araújo Ribeiro, e por seu filho Aloysio de Araújo Ribeiro Jr., Paulo de Tarso Dias, Antonio da Silva Rebello, Oswaldo França de Almeida, Tibor Heller, Oswaldo Monteiro da Palma, José Leme Lopes, Octavio Moreira Penna, Anita Carpenter Ferreira, Hélio Ribeiro da Silva, Francisco Paes Barreto Cardoso, Antonio Porfirio Carneiro, Amaury Marinho Albuquerque, Fernando Veiga dos Santos, Alcides Corrêa Borges, Celso Furtado de Mendonça, Manoel da Costa Grillo, Antonino Barone Forzano, Arnaldo Soares Trapa, Carlos Alberto de Mattos, Theophilo Amadeu Diniz, Arthur Martins, Estanislau Antonio Vera, Júlio Barros Barreto, Ronaldo Matthiesen Monteiro, Alice Marques dos Santos, José Leite Guimarães, João Batista Vieira, João Neri, Oscar de Sousa Machado, Luiz Fernando Cesar de Andrade, ilegível, José Felix dos Reis, Túlio Carvalho, Zaide de Mello Franco, Chermont M. C. de Mello Franco, Oswaldo de Vasconcellos Motta, Odilon de Lacerda Paiva, ilegível, Rosy Peixoto, Francisca M. Portugal, D. F. das Chagas Caldas Rodrigues, Oswaldo Duarte Caldas, Dinarte de Medeiros Muniz, ilegível, Waldemar Cerdeira Bordallo, Mário G. Braga, Dacio de Andrade Veiga, J. A. de Miranda Jordão, Affonso Carlos Agapito da Veiga, ilegível, Wilson Ferreira, William Monteiro de Barros, Geraldo Gomes Almeida, João Lomedas Reis, Carlos de Lima Cavalcanti, Arthur Francisco Seixas dos Anjos, Luiz Carlos de Castro Nunes, Paulo de Almeida Flores, Saul Sampaio, Hélio Marcos Penna Beltrão, Yara de Goes, ilegível, Epidio Reis, Willismina Monteath, Mairtey Brink Moniz de Aragão, ilegível, Manoel Antônio Dias, Aloysio Ribeiro de Oliveira, A. Pereira Corrêa, Paulo Victor de Andrade, Marcello de Andrade Bastos, Macario Pereira da Silva, José Nunes Osterne, Alvaro Cesar da Cruz, Wilson Coelho Lopes, ilegível, ilegível, Raul Rosa Duarte, José Borges Pires Filho, Francisco Assis de Góis, Paulo Pereira de Medeiros, Claudio Levi Carneiro pp. Claudio Levi Carneiro, Dr Cid Brasme, Alfredo da Cruz Machado, Kenneth Seymour Cox, Antenor Manzoni, Raul de Miranda Santos, A. Agapito da Veiga, Jorge Luizzi, Manoel J. Costa Filho, Alcino Ribeiro B., Carlos Garcia Barroso, ilegível, Carlos Gerin Isnard, Humberto José Gago, Eugenia Rodrigues da Cruz Machado, José Carlos de Oliveira Duprat, Geraldo Werneck, J. Luis B. Carneiro de Lima, Guilherme de Cavalcanti Mello, ilegível, Carlos Baltazar da Silveira, Raymundo de Azevedo Santos, Zacarias de Souza, Augusto Acreano Gomes, Rubens Pinheiro Guimarães, Ernesto Carvalho dos Santos, P. Sanse Cavalcante de Albuquerque, Yolanda M. Portugal, Christiano Rocha, José Piquet Carneiro, Osvaldo Magon, Clementino Fraga Filho, ilegível, Claudio de Oliveira, Roberto José de Mello Alves, Arthur Marques Abranches, Josué Menezes dos Santos, Francisco Fernando Abrunhosa, Laura Penna Teixeira, A. Camargos Rocha, pelo menor Claudio de Lacerda Filho, Odilon Paiva, Euclydes Aranha Neto, José Carlos de Mello Sousa, Jorge Bouças, Nelson Brandão Libanio, pp. Guilherme Guinle — Nelson Libanio, pp. Celina G. de Paula Machado — Nelson Libanio, Everardo Marques dos Santos, Raul de Souza, Paulo Dias da Costa, Raymundo Lopes Machado, José Silvestre Monte Coelho, Paulo de Carvalho Armando, João Basilio Mourão, Ignácio Loyola Costa, Ezequiel Ignácio Ribeiro, Eduardo Baker de Andrade Botelho, Henrique C. Autran, Drumond Coelho Reis, Major Floriano Moura Brasil Mendes, Rubens José Machado de Gouvêa, Celso de Fontenelle, Waldemar Della Nina, Octavio Marques Lisbôa, ilegível, Mauricio Lacerda Filho, Paulo Augusto da Cunha Scassa, Waldemar Pinto, José Augusto Bezerra Medeiros, Eduardo da Silva Abrunhosa, Celso Guimarães, Nelson de Araújo Souza, pp. ilegível, pp. Marisa Novaes Nicodemus Souza, Paulo Barbosa Bokel, Alcino de Paula Salazar, Raul Tavares, Xavier Pedrosa, Wanda Telles de Lacerda, ilegível, Raymundo Muniz Araya, Flávio Lyra da Silva, José Máximo Lobo, América de Faria Curado, Elba Dias, Heraldo Filgueiras, Danilo Guerra, Lauro Salles, Manoel de Oliveira Nunes, ilegível, Marina J. Brígido, M. H. Smith Vasconcellos, Pedro Rodrigues Alves Barbosa, Joaquim Paulo de Oliveira, Adalberto Dias da Encarnação, Alice de Faria, Homem Ribeiro, A. Gomes Veloso pp. Dr. Belmiro Valverde, A. Gomes Veloso pp. Maria Antonieta Borges Veloso, Nelson de Oliveira Mendes, ilegível, Dinorah Teixeira Lins, Altino Britto, Vicente Antonio Perrotte, Ayres Soares de Araújo, ilegível, Maria de Lourdes Gomes, Paulo Luso Ferreira, dr. João Penido Sobrinho, José Marques Nogueira Filho, Adyr Faria Salgado, Rubem Gomes Meirelles, Maria Laura de Caminha Costa, Geofredo Victor Morais, Juvenal de Moraes, Honorina da Costa Rodrigues, Alvaro Lopes de Almeida, José de Vasconcellos Sobrinho, João Fontoura Borges, Ophelia Picorelli, Maria Beatriz Gonçalves Guimarães, Felix Pereira dos Santos, Cecilda Marques dos Santos, Clovis Monteiro Travassos, Edyr Magalhães Fonseca, Isaura Machado Fonseca, Pedro Bruno Dagrello Heleno, Antônia Chenú Helena, Nelson Frota de Andrade Pinto, Juarez Távora Filho, representando Juarez do Nascimento F. Távora, e Carlos Juarez Távora, Otávio Juarez Távora, representando Nair Belisário Távora e Flávio Juarez Távora, Sérvulo José Drumond Francklin, ilegível, Waldilio Sanches Garcia, Joaquim de Azevedo, Oswaldo Paixão, Emmanuel Rio de Souza Fonseca, Lincoln de Sousa Machado, Tyndaro Godinho. Atestamos que esta é cópia fiel extraída do original. Carlos Lacerda, Diretor-Presidente, Aluizio Alves, Diretor-Gerente, Ignácio Piquet Carneiro, Secretário. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1954.

Os campeões do mundo começaram vencendo

BERNA, 17 (Com sutis combinações e velocidade, os uruguaios derrotaram, ontem à tarde, nesta cidade, a representação da Tchecoslováquia, por 2x0.

O panorama do primeiro tempo foi equilibrado, porém no período final, os tchecos demonstraram fadiga e possibilitaram aos atacantes contrários, com constantes e perigosas investidas, encontrarem o caminho da vitória. Todavia, a seleção da Tchecoslováquia logrou deixar boa impressão, principalmente na marcação, revelando-se um adversário temível e categorizado.

PORMENORES

Uruguai — Máspoli, Santamaria e Martinez; Andrade, Varela e Cruz; Abbadie, Ambrois, Miguel, Schiaffino e Borges.

Tchecoslováquia: Rajman, Safranek e Novak; Tanka, Hledin e Bertl; Hlavagek, Hemele, Kagany, Patigky e Nesen.

Na arbitragem funcionou o inglês Ellis, com grande atuação, e os tentos da "Celeste" foram assinalados por Miguel e Schiaffino. — (Síntese da UP).

Os iugoslavos suaram muito para derrotar os franceses

LAUSANNE, 17 — Num jôgo muito violento e de índice técnico bastante falho, a Iugoslávia venceu, ontem à tarde, pela contagem mínima, a seleção da França.

O comportamento dos dois quadros em campo equivaleu-se, porém os iugoslavos, explorando com êxito a cadência morosa dos gauleses, tiveram maior presença, principalmente nos minutos finais, quando os adversários, desesperados, lançaram-se ao ataque de corpo e alma, em busca do tento de empate.

OS BIGODES IMPRESSIONAM OS SUIÇOS

OS bigodes dos jornalistas latino-americanos chamam a atenção dos suíços e mesmo dos turistas e jornalistas de outras nações, que usam, em maioria esmagadora, a cara raspada.

Um jornalista suíço que assina uma seção especializada em estatística, analisou o fato numericamente. Chegou então à conclusão matemática de que para cada bigode existem na Suíça presentemente sete jornalistas. (Da AFP).

A CERIMONIA DE ABERTURA

Antes do início da partida, o presidente da Confederação Suíça, sr. Rodolphe Rubattel, numa cerimônia simples, declarou inaugurado o Campeonato Mundial de Futebol. No centro de campo, apenas encontravam-se os jogadores dos dois times, o árbitro e os dois "bandeirinhas".

Logo após a declaração do presidente da Suíça, foram então içadas as bandeiras dos 16 países que participam do certame, e a União Instrumental de Lausanne iniciou um concêrto de música militar, enquanto dezenas de pombos faziam sua revoada.

PORMENORES

FRANÇA: — Remetter; Gianesi e Kaelbel; Marcel, Jenquet e Penverne; Kopa, Glovackl, Strappe, Dereuddre e Vincent.

IUGOSLAVIA — Beara; Stankovic e Crnkovic; Tchaikowski, Horvat e Boskov; Milutinovic, Bobek, Mitic, Vukas e Zebec.

ARBITRO: — Griffith (País de Gales); auxiliares: Sferi (Espanha) e Baumberger (Suíça).

Milutinovic foi o marcador do único tento da partida, aos 14' do 1.º temop.

Rocky Marciano defende hoje o seu título

NOVA YORK, 17 (UP) — O campeão mundial de pêso-pesado de box, Rocky Marciano, e seu desafiante, o ex-campeão Ezzard Charles, deram, ontem, por terminados seus treinamentos para a peleja em que disputarão o título, hoje à noite, no "Yankee Stadium".

Calcula-se que a renda do "match" atingirá a importância de 500.000 dólares. Marciano é o favorito nas apostas, na proporção de 17 a 5.

Se o vitorioso fôr Rocky Marciano, êste porá novamente em jôgo o título, em setembro próximo, frente ao cubano Nino Valdes, a Hurrugane Jackson ou ao britânico Don Cockell. Valdes e Jackson lutarão a 14 de julho, no "Madison Square Garden".

HOJE A ESTRÉIA DOS HÚNGAROS

TRIBUNA DA IMPRENSA
ANO VI — RIO DE JANEIRO, 17 DE JUNHO DE 1954 — N. 1360

Mais quatro bons jogos pela Copa do Mundo serão disputados esta tarde, na Suíça: Hungria x Coréia, Suíça x Itália, Inglaterra x Bélgica e Alemanha x Turquia

GENEBRA, 17 (De Lúcio Guimarães, especial para TRIBUNA DA IMPRENSA) — Mais quatro jogos (três com promessa de equilíbrio) serão efetuados hoje, dando prosseguimento à "V Copa do Mundo".

Uma rodada com tudo para agradar, com grandes candidatos e com bons "azares", com possibilidade de lutas árduas e de um futebol de boa categoria.

SUIÇA X ITALIA

Os "donos da casa" estrearão hoje. Em Lausanne, onde ontem foi solenemente inaugurado o certame, os suíços receberão os italianos, campeões mundiais de 34 e 38 e adversários credenciados e difíceis para a "Copa" de 54.

Para os locais, que não quiseram sequer ser "cabeça de chave", será apenas uma tentativa de brilhar, de vencer, tendo para "handicap" de seu popular "ferrolho" a torcida e o campo. Para os peninsulares, será o início de uma jornada de envergadura, onde êles irão buscar a repetição das façanhas de 34 e 38, ao mesmo tempo que fazendo esquecer o fracasso de 50, no Brasil.

INGLATERRA X BELGICA

Na cidade de Basiléia será efetuado o primeiro jôgo oficial, reunindo ingleses e belgas.

Em condições normais, seria fácil apontar (Inglaterra) o vencedor. Com as consecutivas derrotas dos ingleses e com a classificação surpreendente dos belgas, alijando os suecos do certame, não se pode indicar um grande favorito. A Inglaterra, no entanto, deverá vencer.

ALEMANHA X TURQUIA

Os turcos irão estrear com os alemães. Em Berna, êsses dois adversários poderão fazer boa partida, embora pareçam os germânicos bem mais capacitados à vitória.

O trabalho da Alemanha foi feito em cêrca de quinze dias, mas seus homens têm progredido muito após a Grande Guerra e serão adversários de categoria. Já a Turquia, classificada por sorteio, não se apresenta com as mesmas possibilidades.

HUNGRIA X COREIA DO SUL

Finalmente, no mais fraco jôgo, a Hungria enfrentará a Coréia do Sul em Zurique.

Mesmo não se tendo idéia do futebol dos coreanos, acredita-se que a vitória dos húngaros será fácil, mesmo atuando sem alguns de seus titulares. Há mesmo uma única dúvida entre os cronistas: saber qual será o escore da goleada.

1x0 o que a Áustria conseguiu com a Escócia

ZURIQUE, 17 — Num campo escorregadio, os austríacos, se bem que nervosos, derrotaram, ontem à tarde, nesta cidade, o selecionado da Escócia por 1x0. A vitória da Austria foi merecida, pois seus jogadores, donos de melhor técnica, souberam suportar a vitalidade do quadro adversário e sustentar, às vêzes com sacrifício, a superioridade que haviam conquistado no marcador por intermédio de Probst, aos 34 minutos da fase inicial.

Por pouco os escoceses conseguiam empatar a partida, porém, o arqueiro Kurt, vigilante e arrojado, deteve aos pés de Mackenzie um perigoso contra-ataque, garantindo assim a vitória para o seu quadro.

PORMENORES

As duas equipes assim se apresentaram:

Austria — Kurt Schimied, Gerhard Hanappi, Ernst Happel; Leopold Barschandt, Ernst Oewirk, Karl Koller; Robert Koerner, Walter Schlegel, Robert Dienst, Erich Probst, Alfred Koerner.

Escócia — Fred Martin, W. Cunningham, J. Aird; R. Evans T. Dougherty, J. Davidson; Cowie, Mackenzie, Machan, Brown e Ormond.

Arbitro: M. Franken, da Bélgica.

(Dos telegramas da AFP)



Oewirck foi o centro médio e capitão dos austríacos. Grande jogador.



Tom Finney é um dos veteranos do English-Team. Hoje estará firme na extrema esquerda, começando a sua segunda Copa.

A CIDADE PAROU PARA TORCER PELA SELEÇÃO

NO Catete, na Câmara dos Deputados e dos Vereadores, nos hospitais, na Penitenciária, no Fôro, nas ruas — em tôda a cidade enfim, o jôgo Brasil x México, ontem, à tarde, foi o assunto dominante e a grande preocupação do povo.

O difícil era encontrar um cidadão ou um lugar do Rio que não estivesse prêso às transmissões radiofônicas da partida de estréia dos brasileiros na V Copa do Mundo.

As cenas assistidas em 1938 (Copa do Mundo na França), repetiram-se. E novamente os goals dos brasileiros foram comemorados com foguetões e delírio do povo.

A Avenida Rio Branco ficou intransitável durante 90 minutos. A Praça Mauá, a Esplanada, um trecho da Rua Uruguaiana, em Copacabana e na Praça das Nações (em Bonsucesso).

NO CATATE

No Palácio do Catetè, o presidente da República só atendeu o ministro do Trabalho, Hugo Faria, para despacho, depois do jôgo. Estava sorridente e disse ao ministro que estava satisfeito com os dois jogos: o do Brasil e o dêle na Câmara dos Deputados.

Hugo Faria, sempre bem humurado, respondeu: "Se o Brasil fôsse bom nas outras coisas como é no futebol, seria bom, o senhor não acha, presidente?".

Getúlio desconversou, mas continuou sorridente.

OS MEXICANOS DO "IMPEACHMENT"

Foi grande a expectativa, na Câmara, durante os 90 minutos do jôgo Brasil-México.

O sr. Gustavo Capanema na tribuna, defendia o govêrno das acusações e do "impechment". Mas no plenário as atenções estavam voltadas para uma das portas laterais, por onde, de vez em quando, entrava o contínuo ("pombo-correio") com a notícia de mais um "goal".

O próprio líder da maioria ficava meio encabulado. E prosseguia. Terminado o seu discurso, estavam já nas redes aqueles 5 x 0. Seguiu-se a votação da denúncia contra o sr. Getúlio Vargas: 136 x 35 votos.

O deputado Alberto Deodato comentou: "Não há a menor dúvida: nós, da UDN, fomos os mexicanos do "impeachment".

NO FÔRO

O desembargador-presidente do Tribunal de Justiça, Ari Franco, em determinado momento suspendeu a sessão. Saiu. Voltou: "Está reaberta a sessão, Brasil 4 x 0". E sentou-se.

ACERTARAM NA PENITENCIARIA

O escore certo (5x0) para a vitória do selecionado brasileiro no jôgo de ontem, foi dado pelos presos, momentos antes de ser iniciada a partida.

NÃO TRABALHARAM

As oficinas da Penitenciária não funcionaram na tarde de ontem, por ordem do diretor, para que os presidiários pudessem ouvir o jôgo.

A retransmissão da partida foi feita por todos os alto-falantes (6) localizados nos pátios internos do presídio.

NO PRONTO SOCORRO

— "NÃO temos a menor dúvida na vitória do nosso selecionado" — declarou-nos Amadeu Bernardes, doente que se encontra internado no Hospital de Pronto Socorro. Na enfermaria "Chapot Prevost", Amadeu com mais cinco colegas (Gerson Almeida, Benedito Pires, Luiz Alves, José Martinho e José Luiz da Silva) estava atento a todos os lances da partida e concluiu dizendo que o momento não era de perguntas e sim de agonia.

No pátio do HPS, ao pé de um auto, quase uma dezena de enfermeiros, encontrava-se aflita ouvindo e experimentando a sensação da partida.

No aglomerado de enfermeiros estavam Aroldo, Amario, Avelino, Wilson, Mauro e outros.

NA "GAIOLA"

Os trabalhos da Câmara Municipal foram perturbados pela irradiação do jôgo entre os selecionados do Brasil e do México. O plenário estava vazio, nada de importante sendo discutido ou votado, porque os vereadores estavam em outras dependências da Câmara ouvindo a transmissão do jôgo em rádios-portáteis especialmente trazidos para êsse fim.

Meia dúzia de vereadores, apenas, na sala das sessões aguardando notícias da partida, através do sr. Couto de Souza que, tôda vez que o Brasil fazia um goal, abria a porta que liga a sala inglêsa ao plenário e informava:

— "Pessoal, goal do Brasil!"

TELEGRAMA DE CONGRATULAÇÕES

Terminado o jôgo o vereador Couto de Souza pediu o envio de um telegrama de congratulações ao chefe da delegação Brasileira na Suíça, sendo aprovado, por unanimidade, pelo plenário.

NITEROLINO NÃO GOSTOU DA VITORIA

Houve, entretanto, um homem, um brasileiro que não deve ter apreciado a partida e a vitória. Foi o sr. Niterolino Castro, escrivão substituto da 5.ª Vara Cível, que no quarto gôl do Brasil viu um morteiro soltado de um dos armazens do Mercado Municipal atingir o seu ouvido — quando estava no gabinete do juiz Augusto Moura.

O morteiro penetrou pela janela — de um quinto andar — indo estourar no encôsto da cadeira do juiz, atingindo o ouvido do escrivão, sentado ao lado.

O sr. Niterolino foi levado por uma ambulância ao Pronto Socorro, onde foi medicado, retirando-se.

JORNAIS SUIÇOS ELOGIAM O TIME BRASILEIRO

ZURICH, 16 (UP) — Os jornais suíços são pródigos em elogios, esta noite, ao conjunto do Brasil por sua magnífica vitória por 5 x 0 sôbre o México em seu primeiro compromisso do V Campeonato Mundial de Futebol, iniciado hoje.

Em uma edição extra especial que saiu às ruas minutos depois de terminados os quatro jogos da rodada inicial, o vespertino "Die Tat" disse:

"Os brasileiros estiveram à altura de sua grande fama. Atuando rápida e brilhantemente, tiveram um desempenho impressionante. Baltazar dirigiu magnificamente a linha dianteira, e deu bastante trabalho aos mexicanos.

"Sem correr qualquer risco, os brasileiros puderam freiar um pouco suas ações no segundo tempo da peleja, já que seus adversários não constituiram nunca uma ameaça".

O jornal elogia também os mexicanos por haverem "lutado valentemente contra grandes adversários".

Tribuna Econômica

AMARAL NETTO

SALÁRIO MÍNIMO

DE um trabalho do sr. Luiz Faria Braga extraímos o quadro abaixo, que demonstra, em comparação com o novo salário-mínimo nas capitais, o salário médio até os novos níveis, a diferença entre um e outro e o coeficiente percentual da massa operária sujeita a aumento.

Capitais	Novo salário-mínimo	Salário médio até os novos níveis	Diferença	Massa operária sujeita ao aumento
Belo Horizonte	2.200	1.360	840	88%
Vitória	1.800	1.130	671	71%
Distrito Federal	2.400	1.746	654	72%
Salvador	1.555	902	653	80%
Niterói	2.100	1.467	633	33%
Recife	1.600	1.009	591	68%
Pôrto Alegre	1.800	1.418	382	18%
Cuiabá	1.200	823	377	87%
São Paulo	2.300	1.968	332	45%
Maceió	1.000	672	328	92%
Aracaju	1.080	767	313	67%
Curitiba	1.500	1.200	300	34%
Teresina	900	652	248	74%
Natal	840	604	236	63%
Belém	990	788	202	51%
Florianópolis	1.050	853	197	47%

Nova emprêsa

COM o capital de Cr$ 1 milhão e a finalidade de explorar a exportação, importação e representações por conta própria, constituiu-se, êste mês, no Rio, uma nova emprêsa, denominada Amercol S. A. (Importação e Exportação). O maior acionista é o sr. Moisés Nasser, com 994 ações.

O primeiro conselho fiscal ficou assim composto: srs. Nelio Fernandes Viana, Ivan de Carvalho e Wilson Taveira.

Bauer, ídolo na Suíça

O JOGADOR Bauer é o craque brasileiro mais cotado na Suíça. Não pelo fato de ser o mais elegante como realmente o é. Não por ser o capitão do time como realmente o é. Não por ser atencioso e cavalheiresco como realmente o é. O segrêdo está no sangue, pois todos já sabem que Bauer é descendente de suíços e isso lá é pistolão.

Flamengo x Botafogo pelo Torneio Roberto Pedrosa

HOJE à tarde, no Maracanã, em partida do "Torneio Roberto Gomes Pedrosa", estarão em ação as equipes do Flamengo e do Botafogo.

SERVILIO E ZEZINHO

Fleitas Solich promoverá a volta de Zèzinho e Servilio à equipe. O time rubro-negro deverá pisar o campo assim constituído: Garcia, Marinho e Pavão; Servilio, Jadir e Jordan; Joel, Evaristo, Zèzinho, Duca e Zagalo.

Por seu turno, os alvi-negros também surgirão reforçados. O zagueiro Gerson retornará à equipe, formando com Floriano e Pianowski o trio final. Nas demais posições apresentar-se-ão: Bob, Ruarinho e Juvenal como integrantes da linha média, e Garrincha, Dino, Carlyle, Paulinho e Vinicius como atacantes.

bate-bola de Cavaca

RESULTADOS

ONTEM, das duas às quatro da tarde, enquanto o Brasil ficava parado, menos os bondes da Light (piadinha reacionária), seus onze ministros plenipotenciários davam uma coça nos onze músicos de bolero e mambo jambo do México. Onze uruguaios venciam onze tchecos por 1x0 (últimos minutos, depois de dois berros de Obdulio que quebraram até o cristal do microfone da Rádio de Montevidéu), onze iugoslavos venciam onze franceses discípulos de "Amalfi", também por 1x0 e, finalmente, onze austríacos venciam ainda por 1x0 onze escocêses pão-duros até na derrota.

OLHEIROS

HOJE, é dia dos brasileiros olharem os húngaros.

E então, eu fico imaginando as conversas na arquibancada. Imagino o Zezé Moreira chamando o Baltazar e dizendo coisas, e apontando e o Baltazar dizendo sim e chamando o Zezé de "o senhô é o maiô" e o Zezé falando pra êle:

Manjô, Baltazar? Como o goleiro rebate tôdas de primeira?

"Vi sim seu Zezé. Ele até custa a bema pra tirá a perna depôs da rebatida!".

O Didi cochichando com Brandãozinho:

— "Essi centerarfi é micha Brandão! Eu jogo elas na frente qui tu recebi sozinho i intrega pra Julinho".

— "E', más si tu jogá elas longe dus gringo quem queu vô panhá?".

MEU TIME

HOJE, meu time vai enfrentar os húngaros. O árbitro é aquêle do jôgo Brasil x Paraguai (gosta de ver a roseira balançar). Quero ver a hora que o Pei-Pim-Pum pegar o Puskas de mau jeito, o juiz perguntar ao bandeirinha se foi o Pei-Pim-Pum ou o Pam-Mim-Pei, o bandeirinha ficar indeciso e dizer ao juiz que foi o Pei-Mim-Pum mas depois que o Mum-Mim-Pom jogou o Puskas no chão. O juiz expulsar o Pam-Mim-Pei, o Mum-Mim-Pum (capitão do time), perguntar ao árbitro: "Pam-Mim-Pei ou Pei-Pim-Pum?".

O juiz dizer que foi aquêle ali. O Mum-Mim-Pei dizer a êle que aquêle não é o Pam-Mim-Pei mas sim o Mum-Mim-Pam. O juiz apontar então para um outro e o Mum-Mim-Pei dizer que aquêle também não, que aquêle é o Mim-Pei-Mum, o juiz dar um sorriso, outro, outro, uma gargalhada, duas, três ha, ha, ha, ha! pum pim pim mun mim ha! pim ha! mum ha! ha! ha! Êsse retrato do Cavaca sai ou não sai?

O QUE SE LÊ

DO sr. Super XX: — "Estou com a maquina na frente, olhando palmeiras.

"Palmeiras na redação do "Diário Carioca", seu Super? Ou no pátio do Itamarati? E o que é que faz êsse Ministro que não repreende funcionários que escrevem "Orelhas Ardem" na hora do expediente?".

O PERIGO

ALIAS, é um perigo a gente escrever para jornal em papel timbrado da repartição. Acontece que nem sempre o linotipista está atento e assim vai escrevendo tudo o que vê. Dá bolo às vêzes, como naquela notícia esportiva que saiu assim:

No pé em que estão as coisas no esporte o fim dos clubes é triste. Está tudo entregue a políticos dos mais velhacos que nunca decidem coisa alguma e ficam só engambelando os outros. Os homens do esporte nada resolvem, são piores que os do MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Império Romano ao tempo de Nero.

MORAL

E FINALMENTE, aquêle outro telefonema do Vargas Neto para o ministro Lira:

— "Olha Lira. Todos gostamos muito, viu? Os rapazes estavam brilhantes, viu? E'. Você fala com o Riva, viu? E'. Diz pra êle, viu? Que pode aumentar um pouco. E'. Só aquilo de moral por uma vitória dessas é muito pouco, você não acha Lira?".

3 MILHÕES de CRUZEIROS
LOTERIA FEDERAL
NÃO DESISTA INSISTA
SABADA

ENTREGADORES DE JORNAIS

Precisamos de entregadores de jornais a domicílio. Trabalho de 3 horas por dia. Paga-se bem. Procurar o sr. Guimarães, na Seção de Expedição dêste jornal.

Emerenciana Silveira Lessa

Tristão Alves Câmara e Senhora, Américo Silveira Lessa e Senhora, Célia Câmara, Dilson Câmara, Édilo Câmara e Senhora, Nelson Siqueira Gomes e Senhora, Octacilio Ribeiro Lessa e Família, agradecem as homenagens prestadas por ocasião do falecimento de sua querida mãe, sogra e avó, e convidam para a missa de 7.º dia, que mandam celebrar sexta-feira, dia 18, às 9,30, no altar-mor da Igreja de N. Senhora do Carmo.

Dom Fulgêncio, o homem que não teve infância

FUIU ... EH! VOLTE...!
COMO CHAMÁ-LO, PARA QUE ATENDA?
EH! PRRR! CHIIII! PIO PIO! COCOCÓO! CUACUÁ! BRRR!